



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
Centro de Ciências da Saúde  
Departamento de Educação Física  
Campus de Maringá - Paraná

RAFAEL BERNARDO DA SILVA

---

**EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO  
MÉDIO E O SIGNIFICADO DOS  
CONTEÚDOS SOB A ÓTICA  
DISCENTE: DO “ROLA BOLA” PARA  
OS TEMAS DA CULTURA CORPORAL  
DE MOVIMENTO**

---

Maringá - PR  
2020



RAFAEL BERNARDO DA SILVA

---

# EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E O SIGNIFICADO DOS CONTEÚDOS SOB A ÓTICA DISCENTE: DO “ROLA BOLA” PARA OS TEMAS DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

---

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Maringá  
2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

S586e

Silva, Rafael Bernardo da

Educação física no ensino médio e o significado dos conteúdos sob a ótica discente: do "rola bola" para os temas da cultura corporal de movimento / Rafael Bernardo da Silva. - Maringá, PR, 2020.  
165 f.: il. color., figs.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, 2020.

1. Educação física - Cultura corporal de movimento. 2. Educação física - Ensino médio. 3. Abandono pedagógico. 4. Intervenção pedagógica. I. Miranda, Antonio Carlos Monteiro de, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Departamento de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. III. Título.

CDD 23.ed. 796.01

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

RAFAEL BERNARDO DA SILVA

# EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E O SIGNIFICADO DOS CONTEÚDOS SOB A ÓTICA DISCENTE: DO “ROLA BOLA” PARA OS TEMAS DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física Escolar.

Orientador: Antonio Carlos Monteiro de Miranda

Data da defesa: 27/04/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

Prof. Dr. Ana Luiza Barbosa Anversa - UEM

Prof. Dr. Luciane Arantes da Costa - UEM

Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda - UEM  
(Orientador)

**Local:** Universidade Estadual de Maringá  
Centro de Ciências da Saúde – Departamento de Educação Física  
**UEM – câmpus de Maringá**





# Dedicatória

---

---

*Dedico esta dissertação a minha família, em especial aos meus pais Paschoal Bernardo da Silva e Maria Zilda da Costa da Silva que pelo exemplo sempre mostraram o valor inquestionável de uma boa educação, minha esposa Bruna Felix Apoloni que me motivou a entrar no mestrado e me inspira em cada momento desta jornada e meu filho Benício Apoloni Bernardo que com sua alegria e carinho mudou completamente minha percepção sobre as coisas importantes da vida.*

## Agradecimentos

---

---

*Agradeço a todos os professores da Universidade Estadual de Maringá que aceitaram o desafio de fazer parte e nos conduzir nesta primeira turma de mestrado profissional em Educação Física.*

*Aos membros de minha banca, professora Luciane Cristina Arantes da Costa, professora Telma Adriana Pacífico Martineli e professora Ana Luiza Barbosa Anversa, mulheres que são referência por aliam competência profissional a sensibilidade e carinho no trato com seus alunos.*

*Ao meu orientador professor Antonio Carlos Monteiro de Miranda, pessoa ímpar que vou lembrar com carinho para sempre. Obrigado pela sua paciência, carinho e dedicação durante esta longa caminhada. Com você aprendi que a pesquisa pode ser algo muito prazeroso.*

*A minha sogra Maria Piedade Felix Apoloni e minha cunhada Paula Félix Apoloni que por muitas vezes cuidaram de meu filho com tanto carinho para que eu pudesse me dedicar a pesquisa.*

*Não posso esquecer de mencionar meus companheiros de turma, Sueli, Adriana, Haline, Francieli, Gilvan, Valéria, Eliane, Bruno e Marcelo que me fizeram crescer como cidadão e profissional durante nossos encontros. O esforço de alguns para estar no mestrado profissional e o conhecimento compartilhado por todos vão ser lembranças que levarei para minha vida.*

*À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.*

*A todos os diretores, pedagogos, professores e alunos envolvidos de alguma forma com esta pesquisa.*

SILVA, Rafael Bernardo da. **Educação física no ensino médio e o significado dos conteúdos sob a ótica discente: do “rola bola” para os temas da cultura corporal de movimento.** 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar como uma participação em uma proposta de aulas baseada nos temas da cultura corporal de movimento pode ressignificar a visão da educação física escolar em alunos que vivenciaram o abandono pedagógico. A pesquisa seguiu os passos metodológicos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011), sendo inicialmente aplicado um questionário em quatro colégios para identificarmos turmas da 3ª série do ensino médio que se enquadravam nos critérios do abandono pedagógico. Foram selecionadas neste percurso duas turmas, das quais selecionamos oito (8) alunos para realizarmos uma entrevista semiestruturada da qual extraímos informações relacionadas ao abandono pedagógico. As turmas posteriormente participaram de uma intervenção pedagógica com duração de quarenta aulas e que se baseou nos pressupostos da pedagogia histórico-crítica, as quais foram descritas por meio de um diário de campo. Ao final do processo, os mesmos oito (8) alunos foram entrevistados novamente com o intuito de relatarem a experiência vivida na intervenção e a superação do abandono pedagógico. O questionário trouxe à tona a presença do abandono pedagógico em duas escolas, bem como expôs as críticas que os alunos fazem a estas aulas, mas por outro lado evidenciou a existência de uma experiência positiva que foi valorizada pelos alunos. A entrevista inicial confirmou a insatisfação dos estudantes com o abandono pedagógico, uma vez que estes criticaram a falta de sistematização e organização das aulas, a baixa adesão e a divisão dos alunos por gênero, sendo estes fatores que culminaram com a desvalorização dos conteúdos e da disciplina. Durante a intervenção ocorreram mudanças que consideramos positivas e que foram relatadas por meio dos diários de campo, das quais destacamos a inclusão e melhoria da percepção de competência dos alunos que não vivenciavam a Educação Física, efetividade de abordagens diferenciadas para alunos com dificuldades pedagógicas, resistência decrescente na participação das atividades, boa aceitação de conteúdos teóricos e efetividade de recursos tecnológicos como estratégias de ensino. Na entrevista final os estudantes avaliaram positivamente a intervenção, uma vez que relataram como positivo o aumento da participação alunos, a satisfação com a variedade de conteúdos estudados na Educação física, e por fim citam a Educação Física escolar em um patamar de importância igual as demais disciplinas. Concluímos que turmas que vivenciaram o abandono pedagógico têm dificuldade em aderir a práticas pedagógicas inovadoras, mas se estas aulas forem adequadamente planejadas e sistematizadas em um processo que envolva a participação contínua dos estudantes, estes tendem a valorizar progressivamente as práticas consideradas inovadoras frente ao abandono pedagógico, defendendo estas práticas como mais adequadas ao seu processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Educação física. Abandono pedagógico. Intervenção.

SILVA, Rafael Bernardo da. **Physical education in high school and the contents meaning from the student's perspective: from “roll the ball” to the themes of body culture of movement.** 2020. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

#### ABSTRACT

The present study aims to examine how the participation in a proposal with classes based on the themes of body culture of movement can reframe the view of school physical education in students who have experienced pedagogical abandonment. The research followed the methodological steps of action research (THIOLLENT, 2011), in which a questionnaire was initially applied in four schools to identify classes in the 3rd grade of high school that fit the criteria of educational abandonment. Two classes were selected along this route, from which we selected eight (8) students to conduct a semi-structured interview from which we extracted information's related to educational abandonment. Later, the classes participated in a pedagogical intervention lasting forty classes and that were based on the assumptions of historical-critical pedagogy, which were described through a field diary. At the end of the process, the same eight (8) students were interviewed again in order to report the experience during the intervention and the overcoming of pedagogical abandonment. The questionnaire brought up the presence of pedagogical abandonment in two schools, as well as exposed the criticisms that students make to these classes, but on the other hand, it highlighted the existence of a positive experience that was valued by the students. The initial interview confirmed the students' dissatisfaction concerning the pedagogical abandonment, since they criticized the lack of systematization and class's organization, the low adherence and the division of students by gender, and these factors culminating in the devaluation of contents and the discipline. During the intervention, changes occurred that we considered positive and were reported through the field diaries, of which we highlight the inclusion and the improvement of the students competence perception for those that did not experience physical education, the effectiveness of different approaches for students with pedagogical difficulties, the decreasing resistance for participation in activities, good acceptance of theoretical content and the effectiveness of technological resources as teaching strategies. In the final interview, the students positively evaluated the intervention, since they reported as positive the increase in student's participation, the satisfaction with the variety of contents studied in the physical education, and finally, they mention the school physical education at a level of importance equal to the others disciplines. We conclude that classes that experienced pedagogical abandonment have difficulty in adhering to innovative pedagogical practices, but if these classes are properly planned and systematized in a process that involves the continuous student's participation, they tend to progressively value the practices considered innovative in the face of pedagogical abandonment, defending these practices as more appropriate to their learning process.

Keywords: Physical education. Pedagogical abandonment. Intervention.





## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Abandono pedagógico em uma aula de Educação Física no 7º ano do colégio RS.....	19
<b>Figura 2</b>	Abandono pedagógico em uma aula de Educação Física no 7º ano do colégio RS.....	20
<b>Figura 3</b>	Fluxograma conforme as etapas metodológicas da pesquisa.....	38
<b>Figura 4</b>	Quadra coberta, sala de materiais e mini quadra do colégio RN.....	66
<b>Figura 5</b>	Locais úteis para realização da aula de Educação Física e sala de materiais no colégio RS.....	67
<b>Figura 6</b>	Aula de slackline - andando sem apoio.....	73
<b>Figura 7</b>	Aprendendo a técnica correta para andar na fita de slackline.....	74
<b>Figura 8</b>	Visão geral da aula de slackline.....	76
<b>Figura 9</b>	Jogo reduzido de futsal.....	77
<b>Figura 10</b>	Roda de conversa após uma aula de futsal.....	78
<b>Figura 11</b>	Entrevista ao final do evento de futsal.....	80
<b>Figura 12</b>	Estudantes participando da torcida durante o evento de futsal.....	80
<b>Figura 13</b>	Reportagem escrita sobre o evento de futsal no colégio RN.....	81
<b>Figura 14</b>	Estudante filmando o evento de futsal.....	81
<b>Figura 15</b>	Reportagem escrita sobre o evento de futsal no colégio RS.....	82
<b>Figura 16</b>	Os estudantes pesando, medindo a altura e calculando o IMC.....	84
<b>Figura 17</b>	Estudantes se ajudando para realizar o cálculo do IMC.....	84
<b>Figura 18</b>	Estudantes na ATI realizando exercícios diversos e medindo a frequência cardíaca.....	86
<b>Figura 19</b>	Treinando o lançamento do <i>frisbee</i> por meio de brincadeira com garrafas.....	88
<b>Figura 20</b>	Jogo de <i>frisbee</i> no gramado da Catedral entre a 2ª série B e 3ª série A.....	90
<b>Figura 21</b>	Lançamento com a técnica ensinada durante as aulas.....	91
<b>Figura 22</b>	Realizando jogo final de <i>ultimate frisbee</i> na Catedral.....	91
<b>Figura 23</b>	O estudante mais experiente auxiliando a remada do skate feita pela colega de sala.....	93

<b>Figura 24</b>	Vários estudantes aprendendo a andar de skate.....	93
<b>Figura 25</b>	Publicação no <i>facebook</i> do colégio RS.....	95
<b>Figura 26</b>	Publicação no <i>facebook</i> do colégio RS.....	96
<b>Figura 27</b>	Alunas treinando o fundamento <i>field goal</i> do futebol americano.....	99
<b>Figura 28</b>	Garoto ajudando a amiga a realizar o chute com mais precisão.....	100
<b>Figura 29</b>	Realizando uma partida de futebol americano com meninos e meninas juntos.....	101
<b>Figura 30</b>	Estudantes se organizando pelo nosso grupo de <i>whatsapp</i> para começar a fazer musculação.....	102
<b>Figura 31</b>	Professores fazendo uma palestra e instruindo os estudantes para realizarem exercícios de musculação.....	103
<b>Figura 32</b>	Professor mostrando a maneira correta de realizar o movimento e explicando o ganho de massa muscular.....	104
<b>Figura 33</b>	Estudantes realizando exercícios em visita a academia.....	104
<b>Figura 34</b>	Realização de um jogo de rugby com professores e estudantes.....	105
<b>Figura 35</b>	Aula teórica de voleibol explicando a técnica do toque e da manchete.....	106
<b>Figura 36</b>	Realizando jogos reduzidos de voleibol.....	108
<b>Figura 37</b>	Estudantes realizando jogo onde poderiam optar pela execução do fundamento ou segurar a bola.....	108
<b>Figura 38</b>	Diálogos para organização dos trabalhos.....	109
<b>Figura 39</b>	Estudantes praticantes e ex-praticantes de artes marciais apresentando seminário sobre chutes de uma luta.....	110



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	Adaptado da proposta de organização dos conteúdos no ensino médio (OLIVEIRA, 2004) .....	31
<b>Quadro 2</b>	Características do abandono pedagógico, conforme relatos apresentados nos questionários dos estudantes .....	50
<b>Quadro 3</b>	Características de experiências positivas, conforme relatos apresentados nos questionários dos estudantes.....	53
<b>Quadro 4</b>	Sistematização dos encontros realizados nas turmas de 3 <sup>a</sup> série dos colégios RS e RN.....	71

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
2 ABANDONO PEDAGÓGICO.....	17
2.1 Os estudantes e as aulas de educação física no ensino médio: entre o “rola bola” e as práticas inovadoras.....	22
3 ADOLESCÊNCIA, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO MÉDIO.....	25
4 O CAMINHO PERCORRIDO PARA AS “NOVAS” AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	35
5 PENSANDO UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COERENTE PARA A INTERVENÇÃO NA ESCOLA.....	40
5.1 Opção pela pedagogia histórico-crítica.....	40
5.2 Aproximações entre a pedagogia histórico-crítica e a pesquisa- ação.....	44
6 DO “ROLA BOLA” PARA O RECONHECIMENTO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.....	46
6.1 Análise dos questionários.....	46
6.2 Análise das entrevistas concedidas antes da intervenção.....	56
6.3 Características dos colégios e das turmas escolhidas para a intervenção pedagógica.....	65
7 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	69
7.1 Desenvolvimento das aulas.....	69
7.2 Análise das entrevistas concedidas após a intervenção.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICE I.....	137



APÊNDICE II.....	139
APÊNDICE III.....	140
APÊNDICE IV.....	141
APÊNDICE V.....	144
APÊNDICE VI.....	147
APÊNDICE VII.....	157

# INTRODUÇÃO

---

---

A Educação Física escolar tem representado papéis diversificados durante sua história no Brasil. Tratada inicialmente como ginástica com origem em métodos europeus e utilizada sobre os preceitos higienistas, com o tempo passou progressivamente a um período de hegemonia esportiva, mudando assim sua função social. Salientamos que esta história foi descrita por diversos autores (MARINHO, 1983; CASTELLANI FILHO, 1988; SOARES, 1996; GUIRALDELLI JR., 2007) trazendo para as obras diferentes ideologias, conhecimentos e documentos, que se traduzem em perspectivas distintas para esta narrativa.

Percebemos que alguns autores dão mais importância a certos momentos históricos, seja pelo enfoque que escolheram para seus livros, ou simplesmente pelo material utilizado para pesquisa. Analisando estas obras percebemos que as fases vividas pela Educação Física na escola brasileira se modificaram muitas vezes por meio de longos processos e que em alguns momentos houve uma sobreposição de papéis desempenhados por ela, sendo pertinente a citação de Guiraldelli Jr. (2007, p. 16) na qual enfatiza que

Nem sempre alterações na literatura sobre a Educação Física correspondem a uma efetiva mudança ao nível da prática. Muitas vezes a prática só se altera quando a concepção que lhe dá diretrizes já perdeu hegemonia.

Castellani Filho (1988) lembra que a representação da Educação Física escolar sempre esteve relacionada com o contexto vivido em cada época, sofrendo influência de instâncias superiores, tais como instituições militares e categoria profissional dos médicos.

A partir da década de 80, a sociedade brasileira vivenciou uma crise na ditadura militar em que os aparelhos de repressão já não tinham o mesmo efeito de outrora, a função sócio-política conservadora da escola passa a ser questionada em seus referenciais filosóficos, científicos, políticos e culturais. Em consequência o mesmo ocorre com a Educação Física que apresentava um padrão esportivo embasado em uma concepção de neutralidade científica (SOARES *et al.*, 1992).

A mudança do papel da Educação Física na sociedade brasileira se deu por dedicação de autores como Freire (1989), Kunz (1994), Cardoso (1991), Betti (1991) e Soares *et al.* (2009), que a partir da decadência da ditadura conseguiram construir pilares de uma Educação Física reflexiva e passaram a desenvolver estudos que culminaram com a proposição de pedagogias inovadoras no âmbito da Educação Física escolar (OLIVEIRA, 1997). No entanto, mesmo com toda essa mudança no cenário da Educação Física brasileira ela ainda tem enfrentado muitas dificuldades de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar. (SILVA e BRACHT, 2012, p. 81).

Como resultado, o que observamos é a desvalorização da Educação Física como componente curricular no ambiente escolar desde a educação infantil até o ensino médio. No Paraná, por exemplo, a Instrução Nº 020/2012 – SEED/SUED, diminuiu de três (3) para duas (2) aulas semanais a carga horária da disciplina de educação física nos anos finais do ensino fundamental a partir do ano letivo de 2013, com a justificativa de elevar a carga horária de português e matemática devido aos insuficientes resultados obtidos pelos estudantes em avaliações externas.

O contexto de dificuldade de implementação de propostas inovadoras<sup>1</sup> no contexto escolar se deve a múltiplos fatores. Um destes é descrito por Machado *et al.* (2010) como o abandono pedagógico, que é a situação em que o professor não sistematiza, planeja e tão pouco executa atividades, impedindo que os estudantes tenham acesso a conhecimentos que estejam relacionados com os objetivos da disciplina, sendo que em grande parte das ocasiões apenas observa seus alunos enquanto estes vivenciam as atividades que eles mesmos escolhem e organizam.

O abandono pedagógico tem colaborado para a falta de reconhecimento da Educação Física como componente curricular, a ponto de Faria, Machado e Bracht (2012) reconhecerem que a disciplina é percebida neste momento como de “segunda classe” no meio escolar. Faria (2014) descreve que o ato de “rolar a bola” nas aulas de Educação Física produz um novo modo de relação social, fundada no poder, entre estudantes e professores. Neste caso, os estudantes passaram a dominar a aula,

---

<sup>1</sup> Para Faria *et al.* (2010) o conceito de inovação pedagógica se relaciona com o rompimento, total ou parcial, com alguns aspectos da tradição estabelecida na educação física escolar, como por exemplo o abandono pedagógico, mesmo que este rompimento não se vincule a um sentido de educação progressista ou crítica, portanto uma prática inovadora é capaz superar ideias tradicionais do ensino da educação física, como por exemplo, o ensino exclusivo das quatro (4) modalidades esportivas tradicionais (vôlei, handebol, futsal e handebol) ou a inexistência de aulas teóricas.

escolhendo métodos e conteúdos, e conseqüentemente começaram a resistir a qualquer tipo de intervenção pedagógica por parte do professor.

É neste contexto de resistência por parte dos estudantes que esta produção científica tenta contribuir por meio de uma prática sistematizada, com vistas a transformar estas aulas em um ambiente produtivo de conhecimento e participação coletiva, que possa servir de inspiração e motivação a outros profissionais de Educação Física no ambiente escolar e acadêmico.

A inspiração para escrever sobre o abandono pedagógico surgiu a partir das seguidas experiências, ano após ano, com turmas nestas condições, uma vez que ainda não foi possível nos cinco (5) anos como professor efetivo da Rede Estadual do Paraná me manter no mesmo colégio por dois anos consecutivos. Assim, me deparo no início de cada ano letivo com certa dificuldade em ensinar devido os estudantes terem uma visão de Educação Física relacionada ao “fazer o que quiser”, construída por professores, que por diversos motivos, abandonaram o compromisso com o ato de ensinar. A grande preocupação com esta temática se deve ao fato de neste período não ter atuado em nenhuma turma na Rede Estadual que estivesse fora do contexto relacionado ao abandono pedagógico.

Nesse sentido, estudos como o de Brandolin, Koslinski e Soares (2015), Ferreira, Graebner e Matias (2014) e Pereira e Moreira (2005) analisaram a satisfação dos estudantes durante a aula de Educação Física no ensino médio, concluindo que uma parcela significativa dos mesmos estão insatisfeitos com a disciplina, principalmente com os conteúdos abordados, e conseqüentemente não percebendo a importância desta no contexto escolar.

Ao somarmos o alto índice de turmas em abandono pedagógico (PEREIRA, 1999; CHICATTI, 2000; FERREIRA, GRAEBNER E MATIAS, 2014) a escassez de estudos de intervenção no ensino médio, concluímos que os avanços teóricos não estão se efetivando no interior da maioria das escolas.

Nesta perspectiva, o presente estudo tem como objetivo analisar como a participação em uma proposta de aulas baseada nos temas da cultura corporal de movimento pode ressignificar a Educação Física escolar em estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico.

Para tanto será necessário identificar a ocorrência do abandono pedagógico durante todo o ensino médio na disciplina de Educação Física em turmas do 3ª série do ensino médio; interpretar o significado que os estudantes dão a estas aulas de



Educação Física; descrever pela ótica discente o processo de resignificação dos conteúdos mediante a intervenção pedagógica nas aulas de Educação Física.

Diante do exposto, será que uma ação pedagógica inovadora conseguirá se efetivar a ponto de modificar o significado da Educação Física escolar aos estudantes envolvidos?

## **2 ABANDONO PEDAGÓGICO**

O termo abandono pedagógico também pode ser encontrado na literatura como “rola bola” ou desinvestimento pedagógico, não havendo nenhum debate na literatura que tente sobrepor ou diferenciar os termos propostos. Foi descrito inicialmente por Pereira (1999) que ao analisar 99 aulas de 11 professores, identificou em cerca de metade das aulas o que ele denominou como “solta a bola” e “dia livre”.

Com a criação da Rede Internacional de Investigação Pedagógica em Educação Física Escolar (REIPEFE) em 2006, a qual reúne pesquisadores vinculados a instituições do Brasil, Argentina e Uruguai, o abandono pedagógico passou a ser amplamente estudado. Na Argentina o fenômeno foi batizado de “tirar la pelota” ou “fulbito” e no Uruguai como “pelota al médio” (GONZALEZ, 2018).

O abandono pedagógico é definido como a situação em que coexistem

[...] a ausência de planejamento que contemple a variedade de conteúdos pertencentes à especificidade da Educação Física e a ausência de objetivos coerentes com a função da disciplina, concatenados com os da escola. Muitas vezes, o professor de Educação Física apresenta práticas sem intencionalidades claras, cuidando dos alunos e dos materiais, compensando o tédio dos alunos produzido nas outras disciplinas. (SOUZA *et al.*, 2018, p. 148)

Santini e Molina Neto (2005) complementam descrevendo o abandono pedagógico como a falta de compromisso ético, político e pedagógico do profissional para com seus educandos.

O resultado deste modelo de aula tem colaborado na construção do conceito de Educação Física escolar no ensino médio relacionada a passatempo, encontro entre amigos ou recreação, esvaziada de conteúdos relevantes (CORDOVIL *et al.*, 2015), mantendo assim a Educação Física no rol de disciplinas consideradas de “segunda classe” no contexto escolar (FARIA, MACHADO E BRACHT, 2012), o que contribuiu mais recentemente com a possível perda do status de componente curricular com a implementação da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018).

Darido e Souza Júnior (2015) descrevem o abandono pedagógico como um fenômeno multifatorial, relacionado às precárias condições de trabalho, além da pouco eficiente formação inicial e continuada do profissional, e que provavelmente nasceu de interpretações inadequadas sobre a “nova literatura” desenvolvida a partir da década de 80, uma vez que a crítica excessiva ao esporte de rendimento, fez com que muitos dos professores adeptos a esta tendência buscassem uma mudança em seus métodos de ensino, e na ausência de conhecimentos mais aprofundados para modificar sua prática, vários destes optaram por um modelo de aula em que os estudantes decidem o que fazer.

Em relação às condições de trabalho, Santini e Molina Neto (2005) perceberam que muitos professores de Educação Física vêm sofrendo da Síndrome do Esgotamento Profissional, provocada por fatores de risco como sobrecarga de trabalho, falta de materiais adequados e estrutura precária das quadras poliesportivas, além das relações interpessoais desgastantes existentes no ambiente escolar. Desta maneira os profissionais envolvidos na pesquisa passaram a desenvolver estratégias de simples sobrevivência no sistema escolar, entre estas o abandono pedagógico. Em um relato sincero retirado de artigo publicado por Santini e Molina Neto (2005, p.219), a professora Débora que atua como professora de Educação Física há 12 anos traduz com toda simplicidade a dificuldade em ser educador nos dias de hoje, dizendo que “em muitos momentos acabava dando a bola para eles para não enlouquecer.”

Almeida (2017) notou que a cultura escolar pode tanto favorecer a inovação pedagógica quanto o abandono pedagógico, sendo que o abandono prevalece quando o trabalho isolado prevalece sobre o coletivo; quando não existe conhecimento, por parte da escola, da função da Educação Física; quando não existe reconhecimento das boas práticas que o professor realiza; além da relação burocrática que a escola exige dele; a valorização exacerbada da cultura esportiva; a inexistência de infraestrutura e de condições objetivas para realização das práticas.

Outro ponto que favorece o número significativo de práticas relacionadas ao abandono pedagógico é o caráter funcional que este adquire no ambiente escolar, ou seja, ele se justifica na colaboração da Educação Física com a comunidade escolar (PICH, SCHAEFFER E CARVALHO, 2013). Por exemplo, para diretores e equipe pedagógica de algumas escolas o abandono pedagógico é interessante desde que o professor de Educação Física receba estudantes em “aula vaga” ou mesmo aqueles que estejam fora de sala. Para os estudantes o abandono também é bem aceito, uma

vez que satisfaz o desejo de uma parcela considerável deles, desde os que gostam de praticar atividades físicas, que não são incomodados e podem escolher as atividades que se sentem confortáveis, até os que não gostam de atividade física, que podem conversar ou mexer no celular sem serem chamados a atenção.

Na sequência, são apresentadas algumas imagens que ilustram situações que representam o abandono pedagógico nas aulas de Educação Física, o comportamento do professor e dos estudantes nesta prática. A divulgação das imagens foi autorizada pela direção da escola conjuntamente com o professor.

**Figura 1:** Abandono pedagógico em uma aula de Educação Física no 7º ano do colégio RS



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Percebemos nas figuras 1 e 2 a ausência de intencionalidade do professor com a aprendizagem de seus alunos, uma vez que o jogo ocorre livremente sem que ocorra nenhuma intervenção. Outro ponto que chama a atenção e que se apresenta como característica do abandono pedagógico é o grande número de estudantes que não se envolvem com as atividades físicas, mantendo o foco em conversas ou na utilização do celular, o que conforme percebemos também não incomoda o docente.

**Figura 2:** Abandono pedagógico em uma aula de Educação Física no 7º ano do colégio RS



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Por outro lado, existem profissionais que se incomodam com o abandono pedagógico praticado por professores de Educação Física, porém como explicam Machado et al. (2010) estes agentes escolares na grande maioria das vezes pouco têm a contribuir em termos de conhecimento por possuir uma visão distante da perspectiva que entende a Educação Física como componente curricular que tematiza a cultura corporal de movimento.

Ao analisar a percepção dos estudantes sobre aulas de Educação Física no ensino médio, Ferreira, Graebner e Matias (2014) se depararam com o abandono

pedagógico e descobriram que uma parcela significativa dos alunos se sente desmotivada pela aula ser sempre igual, e que grande parte destes, principalmente as meninas, somente participam da aula para garantir a nota de participação.

Porém, observamos resistência por parte dos professores que tem sua atuação docente caracterizada pelo abandono pedagógico em mudar sua prática pedagógica, sendo que por vezes alegam que conteúdos como dança e lutas são rejeitados por parte dos estudantes, (DARIDO, 2013), inviabilizando uma proposta pedagógica inovadora seja com estes conteúdos ou outros.

Faria (2014) identificou dificuldades de sistematização dos conteúdos até no esporte, mais especificamente no futebol. A autora em entrevista com professores relatou a queixa destes perante a resistência dos estudantes em realizar qualquer sequência de exercícios planejados, sendo observado pela autora que durante as aulas os alunos detêm o domínio sobre a dinâmica do jogo.

Dal Cin e Kleinubing (2015) realizaram uma intervenção pedagógica no ensino médio com o conteúdo dança priorizando a articulação entre teoria e prática. O relato realmente identifica um momento de resistência dos estudantes, principalmente pelo medo da exposição, que é uma característica marcante desta faixa etária, mas que foi superada, com aulas planejadas e organizadas, gerando relatos positivos dos alunos ao final da intervenção.

Portanto a partir da experiência citada acima, parece ser possível a superação do abandono pedagógico por meio de planejamento, mediação e persistência do professor diante da resistência inicial de quem se beneficia do caráter funcional do abandono pedagógico.

Por fim, como conclui Pereira (1999) escrever sobre o abandono pedagógico não é motivo de orgulho, uma vez que nos deparamos e precisamos descrever situações em que nossa prática profissional tem deixado a desejar, e que advogam contra nossa própria existência como disciplina na escola pública. Porém, a crítica se faz necessária para que possamos refletir sobre nossos métodos de ensino e no futuro construir uma Educação Física capaz de suprir os anseios de nossa sociedade.

Os trabalhos desenvolvidos pelo REIPEFE, tem o objetivo principal de investigar e compreender o cotidiano da disciplina de Educação Física em sua relação com a cultura escolar. Neste contexto o grupo se empenha em analisar e incentivar boas práticas e o processo denominado abandono pedagógico em escolas públicas. Como parte deste projeto que envolve pesquisadores de diversos países,

Fensterseifer e González publicaram nos anais do III Congresso Sul Brasileiro de Ciências do Esporte realizado em 2006 critérios que definem quando acontece o abandono pedagógico.

Assim, os autores definiram que uma aula acontece quando

[...] ocorre uma intervenção intencionada por parte do professor para possibilitar o acesso a aprendizagem de um conteúdo específico e/ou desenvolver uma capacidade particular, considerados responsabilidade da escola, e, na qual, se empenha em envolver a totalidade dos alunos que pertencem de direito ao grupo administrativamente definido como turma, que, por sua vez, se articula com uma sequência de aulas dentro de um projeto, o que exige procedimentos didático-pedagógicos específicos e se desenvolve num tempo específico. (FENSTERSEIFER e GONZÁLEZ, 2006, p. 6)

Portanto, quando não existe mais intencionalidade do professor em proporcionar a aprendizagem dos conteúdos de sua disciplina aos estudantes constatamos a existência do abandono pedagógico.

Por fim, os autores citam no documento a importância de considerar a complexidade cultural e o contexto regional em que a aula foi produzida para então definir se uma prática se enquadra como inovadora ou abandono pedagógico, ou seja, o abandono pedagógico pode se apresentar com diversas facetas que se lapidam a partir da idade do estudante, a cultura corporal local, o espaço e os materiais disponíveis para a aula.

## **2.1 Os estudantes e as aulas de Educação Física no ensino médio: entre o “rola bola” e as práticas inovadoras**

Ao discutirmos o posicionamento dos adolescentes sobre as aulas de Educação Física no ensino médio sobressai a necessidade de definir de que aula estamos tratando. Grande parte da literatura sobre o tema utilizou dados coletados em experiências que podem ser classificadas como abandono pedagógico para publicar seus estudos (PEREIRA e MOREIRA, 2005; BRANDOLIN, KOSLINSKI E SOARES, 2015; FERREIRA, GRAEBNER e MATIAS, 2014; CHICATI, 2000), porém existem estudos que analisaram a percepção dos estudantes sobre a aula de Educação Física, partindo de experiências consideradas de sucesso (KRAVCHYCHYN *et al.*, 2008; DAL CIN e KLEINUBING, 2015; SOUZA *et al.*, 2017).

Observamos que as pesquisas sobre as aulas de Educação Física que se esforçaram em analisar e descrever o cotidiano escolar pela ótica do educando, sem realizar uma intervenção, acabaram por revelar que a maior parte das experiências se enquadra nos critérios do abandono pedagógico. Chicati (2000), em pesquisa com adolescentes da cidade de Maringá, apontou que 55% dos alunos vivenciavam o “rola bola” nas aulas de Educação Física, enquanto em estudo de Ferreira, Graebner e Matias (2014) os dados demonstram que 69% das aulas são livres ou os estudantes apenas jogam as modalidades esportivas consagradas, sem qualquer discussão mais aprofundada sobre elas. Estes estudos corroboram com a ideia de que o abandono pedagógico está presente em grande parte das experiências com a Educação Física no ensino médio do Brasil.

Apesar de compreendermos que o abandono pedagógico desvaloriza a disciplina no cenário escolar, estes estudos mostram que os estudantes estão em sua grande maioria satisfeitos com esta aula. Nos estudos de Brandolin, Koslinski e Soares (2015), Ferreira, Graebner e Matias (2014) e Pereira e Moreira (2005) encontramos respectivamente os valores de 78,2%, 54,7% e 57% de estudantes que se mostraram satisfeitos, o que revela como o abandono pedagógico é funcional perante os mesmos devido as expectativas que estes têm da disciplina, da qual não esperam aprendizado (PICH, SCHAEFFER e CARVALHO, 2013).

Refletindo sobre o assunto, Brandolin, Koslinski e Soares (2015) sugerem que a percepção positiva dos estudantes sobre a aula

[...] talvez seja mais influenciada pela possibilidade de ruptura com o tempo ordinário da sala de aula do que com as possibilidades de aprendizagem e satisfação intrínsecas a aquisição de novas habilidades no espaço da Educação Física. É provável que mesmo aqueles alunos que não participam efetivamente das aulas, que não se identificam com os esportes ou com atividades físicas, vislumbrem uma sensação de prazer ao saírem da sala de aula em direção ao espaço da aula de Educação Física. (BRANDOLIN, KOSLINSKI e SOARES, 2015, p. 608)

Porém, ao fazer o cruzamento dos dados relativos à satisfação dos estudantes com outros fatores, Brandolin, Koslinski e Soares (2015) descobriram que alunos menos habilidosos, não esportistas e meninas se sentem menos satisfeitos com o abandono pedagógico.

Mesmo mostrando satisfação com o abandono pedagógico, 41,6% dos estudantes entendem que a Educação Física não é tão importante como as demais



disciplinas do currículo (FERREIRA, GRAEBNER e MATIAS, 2014). Esta constatação contraditória nos causa preocupação, pois muitas vezes os professores e a própria literatura da área se apegam ao discurso de que os estudantes “sentem prazer” na aula, mas em última instância percebemos como este argumento é frágil e incoerente quando confrontado com a pouca importância dada aos conteúdos da disciplina.

Por outro lado, estudos que analisaram a percepção que os estudantes têm sobre aulas de Educação Física em práticas consideradas inovadoras, via de regra aconteceram após uma intervenção pedagógica, portanto foram produzidos em contextos específicos. Por exemplo, Dal Cin e Kleinubing (2015) aplicaram uma intervenção com o conteúdo dança em duas turmas de ensino médio e Souza *et al.* (2017) demonstraram a importância dos jogos e brincadeiras, aplicando estes em uma escola numa proposta interdisciplinar envolvendo a Educação Física. Ambos os estudos utilizaram o relato dos estudantes para analisar o resultado da intervenção e perceberam a boa aceitação dos mesmos a novas propostas de ensino, desde que bem fundamentadas e sistematizadas.

No entanto, intervenções que partem do abandono pedagógico e tentam produzir uma “nova” Educação Física, tiram os estudantes de sua zona de conforto, o que em um primeiro momento pode gerar atritos e uma sensação momentânea de insatisfação por parte destes, conforme podemos observar no relato de um aluno, descrito pelos autores:

No início a gente teve uma resistência por causa da timidez, e agora a gente se solta para dançar e não tem medo de pagar mico, ou que os outros deem risada de nós. (DAL CIN e KLEINUBING, 2015, p. 801)

Kravchychyn *et al.* (2008) descrevem o medo que professor tem de propor mudanças em sua forma de trabalho, com receio de causar insatisfação em seus alunos e por fim sofrer com a resistência e retaliação destes. Percebemos assim, o quanto é importante para o professor a percepção positiva dos estudantes sobre a sua aula no momento de optar por certa metodologia e conteúdo, ou até mesmo pelo abandono pedagógico.

## **3 ADOLESCÊNCIA, ESCOLA, EDUCAÇÃO FÍSICA E ENSINO MÉDIO**

Ao discutir o ensino médio, e mais especificamente a disciplina de Educação Física neste contexto, vem à tona a necessidade de conhecer o adolescente que se encontra no ambiente escolar. Somente com um diagnóstico adequado sobre o estudante do século XXI e as expectativas da sociedade sobre estes, é que se torna efetiva a construção de um projeto de educação e Educação Física que seja atrativo e efetivo aos estudantes.

Segundo Becker (1992) o termo adolescência surgiu no início do século XX e advém dos termos em latim *ad* (para) e *olescere* (crescer). Neste período cresce o interesse de cientistas, psicólogos e educadores em estudar a temática, uma vez que a sociedade compreendia este grupo de pessoas, principalmente os garotos, como causadores de problemas e estressados (SANTROCK, 2014). Autores como Granville Stanley Hall (1846-1924) e Margaret Mead (1901-1978) se destacam com estudos pioneiros sobre a temática.

Eisenstein (2005) define a adolescência como o período de transição entre a infância e a vida adulta, sendo demarcado seu início com as mudanças corporais da puberdade e término quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade. Se caracteriza por impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social.

Em relação a idade cronológica, no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, define a adolescência como a faixa etária entre 12 e 18 anos de idade.

Santrock (2014) destaca que os processos de desenvolvimento biológico, cognitivo e socioemocionais ocorrem de forma simultânea e entrelaçada. Se destacam neste processo as alterações hormonais, maturação sexual, aumento do pensamento abstrato, pensamento egocêntrico, a busca pela independência, conflito com os pais, alteração de humor e interesse nos relacionamentos amorosos.

Analisando a resolução nº 2/2018 do Conselho Nacional de Educação, que delibera sobre a idade de matrícula dos estudantes na educação infantil e ensino fundamental, percebemos que a idade dos alunos do ensino médio que não tiveram reprova durante seu percurso escolar é de 15 a 18 anos, ou seja, se encontram na fase compreendida como adolescência.

Santrock (2014) destaca que as características da adolescência são diferentes em momentos históricos distintos. Por exemplo, um adolescente que vivenciou o período da ditadura militar no Brasil, teve uma percepção diferente desta etapa de sua vida de outro adolescente nascido durante o período de redemocratização do país.

Ressaltamos que o Governo Federal do Brasil apoia a entrada dos jovens no mercado de trabalho, incentivando-os desde a criação do artigo 7 da Constituição Federal de 1988 e também pela lei da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em seu artigo 403, as quais consolidam o direito ao trabalho a partir dos 16 (dezesesseis) anos de idade, salvo na condição de aprendiz a partir dos 14 (quatorze) anos.

A entrada do adolescente no mercado de trabalho está associada a dois fatores principais: a situação de pobreza de famílias que necessitam ampliar a renda financeira (SILVA, 1999), e também ao desejo de conquista de autonomia e de liberdade, além de possibilitar o consumo de bens que os pais não podem proporcionar (CERVINI e BURGER, 1991; DAUSTER, 1992; MADEIRA e BERCOVICH, 1992).

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad), referente ao ano de 2016, mostram que 1.645.000 adolescentes entre 14 e 17 anos (idade referente ao ensino médio) estavam trabalhando no Brasil, sendo 301 mil na região sul do país.

Mattos e Chaves (2010), abordam pontos positivos e negativos da inclusão de jovens no mercado de trabalho. Segundo os autores, os principais pontos negativos são a queda do aproveitamento escolar e aumento da evasão escolar, principalmente, quando associadas a vínculos empregatícios superiores a 20 horas semanais (GREENBERGER E STEINBERG, 1986), além da sobrecarga emocional. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra a Domicílio (Pnad) de 2016 ajudam a comprovar a ideia, já que os dados revelam que apenas 79,5% dos adolescentes brasileiros que trabalham continuavam efetivamente estudando, contra 91,8% dos adolescentes não empregados.

Como pontos positivos se destacam a socialização no ambiente de trabalho, formação da identidade, desenvolvimento de responsabilidades e competências técnicas e profissionais.

A geração atual de adolescentes também se caracteriza pela inclusão precoce no mundo das tecnologias e mídias sociais, e por este feito são descritos como nativos digitais (PALFREY e GASSER, 2011).

Estes jovens são descritos por Palfrey e Gasser (2011, p. 12) como garotos distintos que

[...] estudam, trabalham, escrevem e interagem um com o outro de maneira diferente das suas quando você era da idade deles. Eles leem blogs em vez de jornais. Com frequência se conhecem online antes de se conhecerem pessoalmente. Provavelmente nem sabem como é um cartão de biblioteca, quem dirá terem um; e, se o tiveram provavelmente nunca o usaram. Eles obtêm suas músicas online – com frequência de graça, ilegalmente – em vez de compra-las em lojas de discos. Mais provavelmente enviam uma Mensagem Instantânea em vez de pegarem o telefone para marcar um encontro mais tarde, à noite [...] os principais aspectos de suas vidas – interações sociais, amizades, atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias sociais. E não conhecem nenhum modo de vida diferente.

Não podemos deixar de observar que as influências culturais também tem seu papel na maneira de se viver a adolescência. Nesse sentido, a geração, o gênero e o grupo social ao qual o adolescente pertence devem ser observados ao se estudar a temática (MARTINS, TRINDADE e ALMEIDA, 2003).

Ao mesmo tempo, é necessário lembrar que no mundo globalizado, o acesso a informação, comida, músicas, roupas e objetos de outras culturas faz com que muitos adolescentes que vivam em lados opostos do planeta possam desenvolver o mesmo gosto, ter o mesmo estilo ou até mesmo utilizar as mesmas gírias (LARSON, WILSON e RICKMAN, 2009).

Portanto, percebemos que o adolescente de hoje em dia, por apresentar novas características, principalmente no que diz respeito ao acesso e domínio tecnológico e utilização infundável das redes sociais, tem demandas diferentes de jovens de outras épocas.

Cabe aos professores e a instituição escolar refletirem sobre este novo jovem, seus desejos e motivações, para assim realmente construir um “novo ensino médio” que desperte o interesse e facilite a aprendizagem ao adolescente do século XXI.

Santrock (2014) explica que o ensino médio apresenta diferentes características em países distintos, refletindo as culturas e interesses da juventude e sociedade sobre o sistema de ensino. Por exemplo, o Estados Unidos é o único país do mundo que apresenta um sistema esportivo integrado as escolas. Já o Japão apresenta um exame de seleção para se estudar em instituições de ensino secundário.

Dayrell *et al.* (2014, p. 102) denunciam que no Brasil “grande parte dos jovens reconhece a instituição escolar como sendo distante dos seus interesses e necessidades. O cotidiano escolar é relatado como sendo enfadonho”.

Ao observarmos que a escola tem mantido sua estrutura e organização desde o século XIX (PROBST e KRAEMER, 2012), percebemos a necessidade urgente de rever currículos, metodologias, a organização do tempo e espaço escolar, além da adoção das tecnologias emergentes no ambiente de sala de aula.

Destacamos na sequência algumas observações importantes para tornar o ensino médio mais atraente e representativo na vida do educando.

Uma crítica feita por Dayrell *et al.* (2014) é de que a escola brasileira tende a não considerar o jovem como interlocutor válido na hora da tomada de decisões importantes para a instituição e para si mesmo, ou seja, o protagonismo e a participação estão sendo desvalorizados.

Desta forma construímos na escola um paradoxo, uma vez que no ambiente virtual o adolescente lê e emite opinião, organiza e participa de diversos grupos com assuntos de seu interesse, debate, diverge. E quando adentra ao ambiente escolar, se vê muitas vezes obrigado a deixar toda esta bagagem cultural para o lado de fora dos muros escolares.

Portanto, uma escola que pretende formar um sujeito alinhado aos anseios e necessidades da sociedade deve “aprimorar o educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. (PARECER CNE/CEB Nº: 5/2011, CAP. 2 ART. III)

Santrock (2014) destaca que as escolas que apresentam bons resultados no ensino médio têm algo em comum, a capacidade para adaptar todas as práticas escolares às diferenças individuais no desenvolvimento físico, mental e social dos estudantes, ou seja, valoriza, cada indivíduo como sujeito que pensa, produz, debate e investiga de maneira única.

Dayrell et al. (2014) destacam a importância que as Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) dão aos adolescentes estudantes, ao apontá-los como sujeitos centrais do processo educativo. O autor ainda destaca a importância do

[...] direito ao saber, a valorizar suas experiências sociais de que são sujeitos ou vítimas; levantar as indagações que trazem sobre essas experiências históricas; reconhecer os saberes, leituras e modos de se pensar nessas relações sociais, políticas e incorporá-las nos currículos, colocá-las em diálogos horizontais com os conhecimentos sistematizados. Trata-se de reconhecer os mestres e alunos sujeitos da produção de *Outros* (grifo do autor) conhecimentos, não meros transmissores-aprendizes do conhecimento hegemônico. (DAYRELL et al, 2014, p. 56)

Outro ponto importante é a utilização da tecnologia e internet no ambiente escolar seja por estudantes ou professores. Hoje, nas escolas públicas o aluno utiliza a tecnologia de maneira velada, seja ouvindo música ou conferindo suas redes sociais durante o horário de aula. Ao mesmo tempo a escola “luta” para que o estudante não faça o uso indevido das de aparelhos celulares, seja aplicando advertências ou retirando o aparelho destes.

Em um mundo cada dia mais digital, a inserção das lousas digitais, televisores com a tecnologia *smart*, *tablets*, celulares, aplicativos pedagógicos, livros digitais no ambiente escolar se mostra um caminho cada vez mais necessário para motivar e integrar o “nativo digital” ao ambiente escolar.

Souza e Souza (2010) entendem que as tecnologias da informação (TIC'S) podem transformar o que é fácil em útil e a prática em dinâmica, servindo de auxílio ao estudo e facilitando a aprendizagem. Os autores defendem que

[...] ferramentas tecnológicas além de facilitar o acesso aos novos conhecimentos servem também de base para novas adaptações aos sistemas variados de transmissão de conhecimento de maneira a melhorar, transferir e transformar os fatores complicados em algo mais acessível e sedimentado, transformando a teoria em prática. (SOUZA e SOUZA, 2010, p. 128)

Por fim, Ramal (2002) defende que a utilização das tecnologias no meio escolar tenha como fim uma educação crítica que transforme o meio, tendo em vista critérios que promovam a humanização dos estudantes, num processo identificado pelo autor como “tecnologias da liberdade”. Assim, a utilização da tecnologia deve se pautar nos objetivos educacionais, descritos nos currículos e diretrizes de cada realidade.

Outro ponto que merece destaque nessa reflexão sobre o ensino médio, foi o de que a partir dos anos sessenta se acentua a discussão na literatura sobre a disposição das disciplinas escolares e a organização fragmentada dos conhecimentos, o que prejudica a interpretação e aprendizagem dos estudantes. Pires (1998) explica que o caráter fragmentado e desarticulado das disciplinas tem origem na exigência material de formação dos alunos que a sociedade moderna, com sua forma de organização social, impôs à escola em todos os níveis de ensino.

A interdisciplinaridade tenta estabelecer o sentido de unidade ao conhecimento, que permitiria aos estudantes relacionar as informações articuladas intencionalmente entre as disciplinas escolares, permitindo assim ao aluno tornar significativo o saber escolar. No que tange ao professor, o processo de construção da interdisciplinaridade se torna um grande desafio, uma vez que o processo se baseia na superação das barreiras rígidas encontradas na divisão dos saberes escolares, denominado de disciplinas (GARRUTI e SANTOS, 2004).

Apesar do projeto de escola interdisciplinar se apresentar como uma alternativa válida para aumentar o interesse dos estudantes e os resultados na aprendizagem, esbarra na estrutura de ensino como a do Brasil (PIRES, 1998).

Ao analisarmos a Educação Física no contexto da interdisciplinaridade, partiremos da referência de que

A Educação Física não se caracterizaria, então, como uma 'ciência' específica, mas como uma área acadêmico-profissional com necessidades e características próprias, que se vale das diversas ciências e da filosofia para construir seus objetos de reflexão e direcionar sua intervenção pedagógica (BETTI, 2005, p.183)

Bracht (2003) também constata a dependência da Educação Física de conhecimentos produzidos em outras disciplinas científicas, o que por um lado enfraquece o discurso de quem quer tornar a Educação Física uma ciência própria, por outro confirma a vocação interdisciplinar da disciplina no ambiente escolar, uma vez que esta inter-relação de seus saberes com os das ciências-mães como filosofia, química, matemática e biologia pode facilitar enlaçamentos curriculares e criação de projetos interdisciplinares.

Em relação aos conteúdos a serem abordados com os adolescentes na disciplina de Educação Física, Oliveira (2004) ressalta a importância de respeitar as fases de desenvolvimento e os interesses do estudante em cada faixa etária. O autor

ainda propõe a sistematização da Educação Física a partir de 4 núcleos temáticos centrados no movimento humano, denominados movimento em construção e estruturação que engloba as habilidades motoras de base e a percepção corporal, o movimento nas manifestações lúdicas e esportivas envolvendo os mais variados jogos e esportes, o movimento em expressão e ritmo caracterizado pelas cantigas, ginástica e dança, e por fim, o movimento e a saúde em que se estudam assuntos como higiene, ergonomia, treinamento, composição corporal e aptidão física.

Oliveira (2004) compreende que para o ensino médio os eixos a serem mais explorados como proposta são as manifestações lúdicas e esportivas juntamente com a saúde. Nesse sentido, como nossa intervenção foi realizada apenas com o terceiro ano, tomamos como foco a proposta de organização dos conteúdos para a referida seriação escolar.

**Quadro 1:** Adaptado da proposta de organização dos conteúdos no ensino médio

<b>NÚCLEOS</b>	<b>3ª SÉRIE</b>
Movimento em construção e estruturação	5% das aulas
Movimento nas manifestações lúdicas e esportivas	40% das aulas
Movimento em expressão e ritmo	15% das aulas
Movimento e a saúde	40% das aulas

**Fonte:** Oliveira (2004)

Mattos e Neira (2013) se preocupando com a evasão dos estudantes do ensino médio das aulas de Educação Física ao constatarem o afastamento das práticas motoras escolares e desinteresse pelas manifestações da cultura corporal, propõe uma prática educativa baseada na formação de um ser humano autônomo e participativo. Para tanto, definem competências que devem balizar o trabalho do professor com os alunos nesta etapa de ensino, e que se desenvolvem dentro de quatro conteúdos básicos, denominados ginástica; esportes, jogos e lutas; o ritmo e a expressão por meio do movimento e o conhecimento do corpo, aptidão física e saúde. Por fim, os autores também dão um maior destaque aos eixos relacionados a saúde e desportos, já que dedicam grande parte de seus esforços para aprofundar a discussão e detalhar possibilidades de trabalhos com estas temáticas.

Nesse sentido, fica evidente a necessidade de aproximar a Educação Física no ensino médio das temáticas relacionadas a saúde e ao esporte, uma vez que são temáticas de interesse dos adolescentes. Em relação aos esportes, um estudo de



Chicati (2000) no município de Maringá, demonstrou que 65,83% dos meninos e 45,84% das meninas entrevistadas tem preferência pelo conteúdo esporte na Educação Física escolar no ensino médio, superando com ampla margem os demais conteúdos.

A implementação da temática saúde nas aulas de Educação Física no ensino médio torna-se importante por um duplo sentido. Santrock (2014) cita exemplos de adolescentes que tinham dificuldades de entender e conviver com suas diferenças corporais em relação aos outros indivíduos, seja por vergonha ou exclusão social, sendo que isto pode desencadear problemas relacionados a imagem corporal, além de distúrbios como a anorexia e vigorexia, ou então utilização de substâncias que podem levar ao emagrecimento ou aumento da massa muscular. Neste sentido, a Educação Física pode auxiliar os jovens a mudar seu **comportamento imediato**, ou pelo menos entender de maneira melhor fundamentada as dúvidas sobre o próprio corpo, a partir de discussões e reflexões sobre o modelo de beleza instituído no capitalismo e a sua repercussão na vida das pessoas, tema este abordado na Diretriz Curricular da Educação Básica do Estado do Paraná (2008).

Por outro lado, pensando em mudanças no **comportamento a longo prazo**, como afirma Zancha (2013, p. 205) a temática saúde na Educação Física escolar, também é uma interessante opção para “informar, conscientizar e mudar atitudes, visando a autonomia do estudante em relação à prática de atividade física e hábitos saudáveis ao longo de toda a vida” em um mundo com cada vez mais sedentários e obesos. Portanto temas como composição corporal, aspectos básicos do treinamento, nutrição, suplementação e biomecânica devem estar presentes na elaboração do planejamento de um professor atento as demandas do atual aluno do ensino médio. Por fim, a discussão na sala de aula do tema saúde não pode ocorrer apenas pelo viés de culpabilização do indivíduo no processo saúde-doença, mas deve levar em conta os condicionantes socioeconômicos envolvidos na pauta. (Palma, 2000)

Em relação aos esportes, um primeiro ponto a ser observado é a introdução de novos esportes em nossa cultura por meio da globalização e mídia, sendo que hoje em Maringá temos por exemplo equipes de esportes anteriormente pouco conhecidos como *rugby* e futebol americano, além de pistas de skate e diversas associações que investem no tênis. Portanto, cabe ao professor conhecer e aprofundar seus conhecimentos sobre estas novas modalidades esportivas, afim de promover uma aula dinâmica, prazerosa e que gere conhecimentos e autonomia necessários na

formação destes jovens. A riqueza de possibilidades de se trabalhar os esportes se expressa nos estudos de Gonzáles e Fraga (2012) que classificam as modalidades esportivas em esportes de marca, esportes técnico-combinatórios, esportes de precisão, esportes de combate, esportes de campo e taco, esportes com rede divisória ou parede de rebote e esportes de invasão.

Outro aspecto de destaque em relação ao esporte é a valorização da compreensão crítica das experiências com as práticas corporais, entre elas o esporte, que superem a dimensão procedimental, como exemplo, o tensionamento do modelo esportivo hegemônico a partir de obras cinematográficas como *Duelo de Titãs*, *Offside*, *Carruagem de Fogo* (SILVA, 2017). Corroborando com a ideia, a Diretriz Curricular de Educação Básica do Paraná (2008) estabelece a superação da dimensão procedimental ao propor elementos articuladores ao esporte, como por exemplo a cultura corporal e mídia, a cultura corporal e desportivização e a cultura corporal e saúde, com uma orientação crítica, que auxilie na passagem da visão muitas vezes limitada ao senso comum dos estudantes em relação ao conteúdo.

Coffani et al. (2018) encontram subsídios em outros autores para definir critérios desejáveis a uma prática inovadora na Educação Física escolar ainda não citados nesse estudo, dando destaque ao planejamento participativo (KRAVCHYCHYN et al., 2008); experiências com práticas corporais de aventura e/ou risco (BUNGENSTAB et al., 2017); ouvir os estudantes com antecedência à elaboração do planejamento, visando à implementação de uma "prática por compromisso", tornando os alunos coautores do planejamento superando a prática por obrigação (LOPES, 2017); e proposição de construções coletivas com temas marginalizados como conteúdo das aulas de Educação Física, a exemplo, da Dança de Salão (JESUS, 2017).

Por fim, se faz necessário contextualizar a Educação Física em relação ao ensino médio neste momento histórico, uma vez que fortes indícios indicam a possibilidade da disciplina se envolver em um grande processo de mudanças, no qual aparentemente grande parte do que discutimos nos parágrafos anteriores pode simplesmente perder seu sentido.

Lembramos que o objetivo da disciplina sempre esteve vinculado ao contexto político do país, servindo aos mais diversos papéis definidos pelo Estado. Desde a institucionalização do ensino médio no Brasil, que ocorre em 1932 com a Reforma Francisco Campos, a Educação Física já era obrigatória para todas as classes por

meio de exercícios físicos (MOLINA NETO *et al*, 2017). Por ser considerada uma disciplina com conhecimentos indispensáveis aos jovens, passou a ser tratada como um componente curricular obrigatório no ensino médio desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica de 1996.

Porém, neste início de século XXI o ensino médio vem sendo questionado pela sua ineficiência, uma vez que apresenta altos índices de evasão (FILHO e ARAUJO, 2017) e resultados considerados fracos na avaliação do PISA (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2019), e, portanto, surgem grandes desafios para as políticas públicas educacionais, como a adequação do currículo à realidade, ao mercado de trabalho, aos interesses dos jovens e da sociedade brasileira contemporânea (CASTRO, 2017).

Neste contexto, o governo brasileiro, por meio da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018), propõe uma grande reforma no ensino médio, na qual pretende extinguir grande parte das disciplinas, mantendo apenas a língua portuguesa e a matemática como disciplinas com ampliação da carga horária, uma vez que estas são as maiores responsáveis pela nota na avaliação PISA, sendo que as outras aparentemente se transformam em conhecimentos interdisciplinares que se enquadram em cinco grandes áreas de conhecimento. A Educação Física se enquadrará na área de linguagens, deixando de ser um componente curricular.

Além disso, segundo Molina neto *et al*. (2017) o cenário atual político brasileiro vem se orientando em bases neoliberais e conservadoras, nas quais pretende também pela educação respaldar, legitimar e perpetuar um regime político-econômico benéfico as elites do país, sendo que neste processo disciplinas voltadas a formação humana e filosófica perdem seu valor.

Portanto, o que vivemos neste momento histórico é algo que a Educação Física ainda não havia experimentado como disciplina, que é a desvalorização perante o estado, que aparentemente não enxerga nela predicados interessantes para mantê-la como disciplina no ensino médio.

Neste momento o que ainda não está claro é como cada um dos Estados do Brasil pensa em modificar suas redes de ensino para se adequarem a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018), uma vez que as mudanças são profundas e envolvem questões financeiras, operacionais, pedagógicas, entre outras.

## 4 O CAMINHO PERCORRIDO PARA AS “NOVAS” AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

---

---

A pesquisa foi desenvolvida por meio da proposta metodológica da pesquisa-ação, na qual a descrição e a intervenção ocorrem em função da resolução de problemas observados antes e durante o processo investigativo (THIOLLENT, 2011). Neste método científico se exige a interação entre o investigador e os membros investigados, envolvendo uma ação planejada por parte do pesquisador, que no caso deste estudo foi uma ação de caráter educacional. A pesquisa-ação é entendida como um método capaz de enfrentar um dos maiores dilemas enfrentados na área educacional, representado pela nem sempre harmoniosa relação entre teoria e prática (MIRANDA E RESENDE, 2006).

Thiollent (2011) destaca que na área educacional a pesquisa-ação tem função de produzir conhecimentos de uso mais efetivo, partindo da realidade do sistema escolar e todo seu contexto, e tendo como fim a transformação e a solução de problemas observados. Corroborando com a ideia, Tripp (2005) compreende que a pesquisa-ação educacional é uma estratégia para que professores e pesquisadores utilizem suas pesquisas para aprimorar o ensino e o aprendizado dos estudantes. Betti (2009) defende a aproximação entre pesquisadores e professores da educação básica em uma ação integrativa, mesclando os conhecimentos gerados pelos professores e pelas universidades em busca de uma relação dialética entre teoria e prática.

Partindo do pressuposto que a Educação Física escolar é uma “prática pedagógica que visa a apropriação crítica da cultura corporal de movimento”, Betti (2009) propõe a pesquisa-ação como sendo o método mais relevante para a produção de conhecimentos no âmbito das práticas pedagógicas da área.

Dessa maneira, a fase inicial desta pesquisa destinou-se a identificar turmas da 3ª série do ensino médio que vivenciaram o abandono pedagógico durante todo o ensino médio na disciplina de Educação Física no município de Maringá, bem como analisar o significado e importância deste componente curricular para os estudantes destas turmas. A aplicação do questionário (apêndice I) pretendeu ser um método

capaz de detectar as turmas em abandono pedagógico e envolveu a participação de turmas do período matutino de cinco (5) escolas da Rede Estadual de Maringá, englobando uma escola central e uma escola de cada uma das regiões da cidade (norte, sul, leste e oeste). Do universo de trinta e nove (39) colégios estaduais de Maringá, foram selecionados cinco (5) colégios pelo método de conveniência (Gil, 2008), ponderando a distância e facilidade de acesso em relação aos locais de serviço do pesquisador.

O questionário foi aplicado em oito turmas do ensino médio em colégios estaduais de Maringá nas quatro (4) primeiras semanas de aula do ano letivo de 2019, sendo que participaram três (3) turmas do colégio da região leste (RL), duas (2) turmas do colégio da região norte (RN), uma (1) turma da região oeste (RO) e uma (1) turma da região sul (RS). Na escola da região central (RC) de Maringá não foi possível aplicar o questionário, já que mesmo com a carta de aceite assinada pela diretora da instituição e outra do Núcleo Regional de Educação de Maringá, encontramos dificuldades que impossibilitaram a coleta de dados.

Nesta fase da pesquisa selecionamos as duas turmas que tiveram as maiores proporções de estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico por todo o ensino médio, respeitando o limite de uma turma por escola, as quais participaram de uma intervenção pedagógica. As turmas selecionadas para a intervenção pedagógica, uma do colégio RN com um total de 39 alunos e outra do colégio RS com 34 alunos, se envolveram na elaboração e vivência do plano de trabalho relacionado a disciplina de Educação Física (apêndice VI e VII) referenciando o que é trazido pela proposta da pesquisa-ação, o qual teve duração de 40 horas/aula.

A elaboração e reelaboração constante do plano de ação contemplou a participação dos sujeitos, explicitando suas perspectivas sobre o ensino da Educação Física escolar para que houvesse uma estreita relação entre os conteúdos abordados e a sua realidade. Somente a partir desta contextualização pudemos dizer que a pesquisa-ação pode cumprir o papel de proporcionar conhecimentos sustentados em uma reflexão crítica, com vistas a emancipar assim o educando frente a condições opressivas e de manipulação social (FRANCO, 2005).

Cabe ressaltar que a pesquisa se encontra vinculada à Secretaria Estadual de Educação do Paraná, que tem como documento norteador as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2008), que apresenta como referencial teórico as abordagens críticas da educação, sendo que a Educação Física neste contexto deve ser

compreendida como disciplina que visa oferecer a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, em que o estudante possa na sua realidade usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar os modos culturais da motricidade humana (BETTI, 2009).

Durante a intervenção, portanto, optamos por planejar as aulas com base nos documentos norteadores da Secretaria de Estado da Educação (SEED/PR), com o auxílio das pedagogas pertencentes ao quadro profissional de cada uma das escolas. Além disso, conforme os princípios da pesquisa-ação, os estudantes também contribuíram no processo de planejamento e replanejamento, além da organização dos procedimentos de ensino, e desta maneira foram definidos os conteúdos para cada uma das turmas. Os conteúdos em comum entre as intervenções foram o slackline, o futebol, o frisbee, IMC (índice de massa corporal) e a frequência cardíaca. Observando as necessidades inerentes de cada turma, foram definidos conteúdos específicos, sendo escolhidos no colégio RS o skate e futebol americano, e no colégio RN a musculação, o voleibol e o rugby.

Para compreender o significado que os estudantes davam a aula de Educação Física caracterizada como abandono pedagógico, fez parte da pesquisa a realização de uma entrevista semiestruturada (apêndice II) com alunos de cada uma das turmas selecionadas, delineando assim as características do nosso objeto de estudo. A referida entrevista, selecionou por amostragem intencional (GIL, 2008) quatro (4) alunos de cada uma das turmas, sendo um menino e uma menina<sup>2</sup> que se descreveram participativos durante as aulas caracterizadas como abandono pedagógico, e um menino e uma menina que não demonstraram em suas entrevistas engajamento nestas aulas, com a ideia de abrangermos ao máximo as distintas percepções sobre a disciplina escolar.

Ressaltamos que as entrevistas iniciais foram realizadas após a análise dos questionários e respectiva escolha das duas turmas, além de ocorrer antes do início da intervenção pedagógica. Como os estudantes já tinham iniciado o ano letivo de 2019, cursando parte da terceira série, mesmo que com carga horária pequena, é possível que algumas respostas das entrevistas sofram influência das aulas de

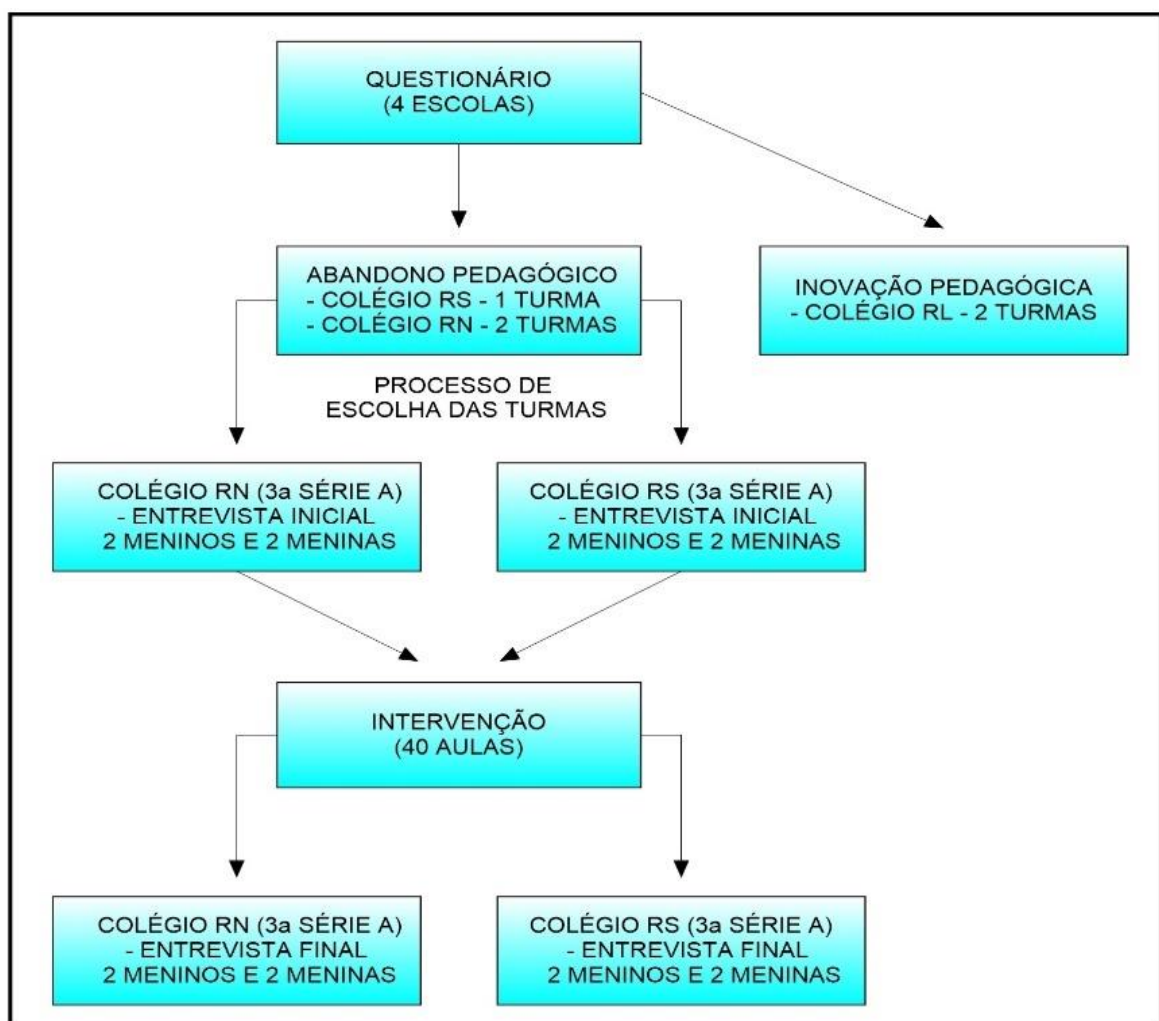
---

<sup>2</sup> A ideia de selecionar pessoas de gêneros distintos surgiu da percepção que meninos e meninas lidam de maneira distinta com a aprendizagem e vivência de práticas corporais e conteúdos teóricos nas aulas de Educação Física. (UCHOGA E ALTMANN, 2016)

Educação Física deste ano. As oito (8) entrevistas foram analisadas comparando a participação ou não participação nas aulas e o gênero dos alunos entrevistados.

A opção pela entrevista semiestruturada nos parece coerente pela compreensão de que nem sempre os adolescentes colaboraram em falar abertamente sobre assuntos que para eles “não são interessantes” ou por julgarem “complexos” de acordo com sua visão de mundo, portanto, este método de entrevista nos permite elucidar e aprofundar questões pouco esclarecidas, dando direcionamento e intervindo para que os objetivos sejam alcançados (BONI e QUARESMA, 2005). As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente para análise posterior com o auxílio da ferramenta de digitação por voz disponibilizada pela empresa Google. Salientamos que a mesma entrevista semiestruturada (apêndice II) foi realizada novamente com os alunos selecionados ao final da intervenção pedagógica.

**Figura 3:** Fluxograma conforme as etapas metodológicas da pesquisa



O diário de campo (apêndice III) foi preenchido ao final de cada uma das aulas da intervenção com o registro de informações não formais como comportamentos, costumes, gestos e expressões (MINAYO, 2006) sendo percebido como instrumento de grande valia no contexto do presente estudo. Por fim, com o intuito de relatar o cotidiano da intervenção pedagógica utilizamos com a devida autorização diálogos e postagens realizadas em redes sociais e aplicativos de troca de mensagens.

Por fim, os dados obtidos em todos os levantamentos realizados antes e após a intervenção pedagógica foram analisados por meio de procedimentos de categorização propostos pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011).



# 5 PENSANDO UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA COERENTE PARA A INTERVENÇÃO NA ESCOLA

---

---

## 5.1 Opção pela pedagogia histórico-crítica

Ao optarmos por realizar todas as etapas de nossa pesquisa em colégios vinculados a Secretaria Estadual de Educação do Paraná, tínhamos ciência da opção pedagógica desta rede de ensino e nossa obrigação ética e legal de planejar e executar a intervenção sobre os princípios por ela definidos, e desta maneira demonstrar possíveis caminhos para a superação do abandono pedagógico, além das dificuldades de implementação da práxis pedagógica nesta realidade.

No ano de 2006, o Paraná desenvolveu um currículo básico que atualmente norteia as ações nos colégios estaduais do estado, especificamente no ensino médio, o qual foi construído após amplo debate com os atores da educação pública paranaense, e que culminou com a criação das Diretrizes Curriculares da Educação Básica, documento que se fundamenta nos preceitos da pedagogia histórico-crítica. Daí nossa opção por planejar e executar a intervenção pedagógica com inspiração nos fundamentos da pedagogia histórico-crítica.

A pedagogia histórico-crítica (SAVIANI, 2008) tem suas raízes fincadas na teoria histórico-cultural, que tem como seu principal idealizador Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) e no materialismo histórico-dialético proposto por Karl Marx (BARBOSA, MILLER e MELLO, 2016).

Os estudos de Vygotsky (1991) demonstraram a importância das interações sociais para que se desenvolvam as funções psicológicas superiores. O autor entende a mediação como sendo aspecto necessário para que exista aprendizagem e desenvolvimento, ou seja, a relação entre sujeito e objeto não acontece diretamente, mas sim é mediada por um elemento intermediário, como por exemplo um professor.

A pedagogia histórico-crítica valoriza ainda outros aspectos dos estudos de Vygotsky (1991), como a importância da zona de desenvolvimento proximal, conceito

no qual o indivíduo consegue resolver uma determinada situação através de pistas ou assistência do professor, sendo a zona ideal para se estimular a aprendizagem, além do conceito de aprendizagem em espiral, no qual o indivíduo acrescenta novas aprendizagens relacionadas a conceitos anteriormente formados, elevando a compreensão sobre determinada situação.

Do materialismo histórico-dialético, a pedagogia histórico-crítica absorveu conceitos como a práxis (relação entre teoria e prática), sua visão de mundo e interpretação da realidade, a qual se constrói partindo da materialidade (organização e produção dos homens em sociedade); e a concreticidade (organização social através da história) (PIRES, 1997; GASPARIN e PETENUCCI, 2014).

Além disso, utiliza a lógica dialética de Karl Marx, que se baseia no princípio da contradição. Segundo Pires (1997, p. 87), para pensar a realidade é “possível aceitar a contradição, caminhar por ela e apreender o que dela é essencial”. O movimento do método dialético parte do conhecimento empírico (o objeto assim como ele se apresenta à primeira vista) e, por meio de abstrações (elaborações do pensamento, reflexões) se torna o concreto pensado, que se apresenta como a compreensão mais elaborada do que há de essencial no objeto. (PIRES, 1997; GASPARIN e PETENUCCI, 2014).

Desta maneira, a pedagogia histórico-crítica se mostra como um projeto comprometido com a transformação social (BATISTA e LIMA, 2015). Sua proposição é elevar o conhecimento dos estudantes, fazendo com que estes se apropriem da cultura erudita<sup>3</sup>, para que coletivamente possam transformar a realidade que os cercam. Desvelar as mazelas e contradições do capitalismo, a partir dos diferentes conteúdos escolares é premissa desta teoria. De acordo com o pensamento expresso na Diretriz Curricular da Educação Básica do Paraná (2006), é na escola que muitas vezes o cidadão terá sua única oportunidade de acesso ao mundo letrado, de compreensão do conhecimento científico, da reflexão filosófica e da criação artística.

---

<sup>3</sup> O conceito de cultura erudita permeia os estudos de Saviani. Para o autor o acesso a cultura erudita se inicia com o acesso ao mundo letrado (leitura e escrita), pois a cultura erudita é uma cultura letrada. É necessário também conhecer a linguagem dos números, da natureza e da sociedade, conhecimento este advindo da ciência, descrita em Saviani como saber elaborado. É função da escola, de acordo com a pedagogia histórico-crítica mediar a passagem da cultura popular a cultura erudita por meio do saber sistematizado. Saviani conclui que “o acesso a cultura erudita conferirá, aqueles que dela se apropriam, uma situação de privilégio” enquanto “os membros da população marginalizada da cultura letrada tenderão a encará-la como uma potência estranha que os desarma e domina”. (SAVIANI, 2008, p. 22)

Mesmo consciente dos condicionantes sociais que influenciam sobremaneira a escola brasileira (interesse da classe dominante, escolha de políticas públicas, escolas sucateadas, salário defasado dos profissionais da educação, pais ausentes na formação dos filhos), autores das teorias críticas acreditam no poder transformador da ação educativa (SAVIANI, 2011), sendo uma escolha plausível para a escola pública, que no caso brasileiro, recebe estudantes oriundos das camadas sociais menos favorecidas (classe trabalhadora).

Nesta metodologia a ação docente deve priorizar a aprendizagem dos saberes objetivos produzidos historicamente (SAVIANI, 2008) e como resultado modificar a cultura dos estudantes, para que estes desenvolvam ferramentas de transformação social, sejam capazes de alterar suas condições sociais, tornando-as mais justas e menos repressivas. O professor é entendido como mediador do processo ensino-aprendizagem, ou seja, tem papel fundamental para que os alunos se apropriem e construam novos valores aos conhecimentos elaborados socialmente sobre os mais variados temas.

Por sua vez, a construção do pensamento dialético necessita de uma didática adequada para se concretizar. Gasparin (2012) propõe uma sequência de etapas que concretizam a aprendizagem por meio da pedagogia histórico-crítica.

O autor entende como necessário conhecer a realidade e a visão de mundo do estudante (prática social inicial) e a partir desta realidade abordar o conteúdo sob uma nova ótica, mais elaborada.

Este processo continua com a problematização que é o momento de professores e estudantes questionarem a realidade, detectando questões que necessitam ser resolvidas, em seguida pela instrumentalização, fase em que os alunos têm acesso ao conhecimento sistematizado para que se transforme em instrumento de superação das condições iniciais, e finalmente a catarse, que seria o momento de reunir todas as informações apreendidas na instrumentalização, teorizando assim uma nova prática social, mais elaborada. Todo este processo deve servir a uma nova prática social, onde o estudante possa modificar sua realidade social.

A pedagogia histórico-crítica foi inserida no contexto da Educação Física escolar a partir do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física”, escrito no ano de 1992. Esta abordagem da Educação Física classifica os conteúdos a partir de uma área do conhecimento conhecida como cultura corporal (Soares *et al.*, 2009), a qual

entende que os temas importantes a serem ensinados são as danças, ginásticas, lutas, jogos, brincadeiras e esportes. Defensora desta teoria, Taffarel (2016) explica que temas como rendimento físico, hábitos higiênicos e capacidade esportivas não são excluídos nesta perspectiva, porém ganham uma nova conotação na qual devem ser ensinados em sua relação com as condições materiais de vida dos indivíduos.

Portanto, a metodologia crítico-superadora tem como premissa que cada atividade corporal foi criada em uma determinada época e representa uma resposta a uma necessidade humana. Portanto, o processo o ensinamento de cada atividade corporal deve ir para além da ação motora, explicitando toda sua natureza complexa, subjetividade e diferenças que adquire nos planos social e pessoal. (TAFFAREL, 2016).

Ao descrever como sujeito da educação pública, majoritariamente os estudantes advindos das classes populares, a Diretriz Curricular da Educação Básica do Paraná<sup>4</sup> (PARANÁ, 2006) optou por assumir um currículo com ênfase à escola como lugar de socialização do conhecimento historicamente produzido, que construa nas palavras de Mészáros (2007) uma “transformação emancipadora”.

A Diretriz Curricular da Educação Básica do Paraná (2006) inovou por criar elementos que articulam os conteúdos da cultura corporal aos principais problemas da prática social. O vínculo que une as práticas corporais ao desenvolvimento do senso crítico se dá pelas discussões sobre corporeidade, ludicidade, saúde, trabalho, desportivização, técnica e tática, lazer, diversidade e mídia. Soares et al. (2009) explicitam a necessidade da escolha de temas que tenham relevância na vida do educando, e mais que isto, a escolha

[...] deverá estar vinculado à explicação da realidade social concreta e oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio históricos do aluno, particularmente a sua condição de classe social (SOARES et al., 2009, p.19)

Pensando na práxis, a atuação do professor deve ir além da abordagem dos aspectos técnicos e táticos das diferentes manifestações da cultura corporal de

---

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que a Diretriz Curricular da Educação Básica, referente a disciplina de Educação Física, que hoje embasa os Projetos Políticos Pedagógicos dos colégios públicos de ensino médio do estado do Paraná, foi construída coletivamente e foi revisada pela própria Celli Zulke Taffarel, coautora do livro “Metodologia do Ensino da Educação Física” que como já citamos fundamentou a metodologia crítico-superadora.

movimento, perpassando por discussões mais aprofundadas sobre os diferentes conteúdos, desvelando a necessidade da superação do senso comum, em busca de conhecimentos que emancipem os estudantes, desenvolvendo a autonomia e o senso crítico.

## **5.2 Aproximações entre a pedagogia histórico-crítica e a pesquisa-ação**

Neste capítulo podemos destacar a ênfase que os estudiosos da pedagogia histórico-crítica dão a transformação que pode ocorrer por meio do ato de educar os diferentes sujeitos. Cientes do objetivo desta pedagogia de promover mudanças na realidade social, buscamos uma metodologia que se alinhasse com os objetivos desta proposta.

Assim, ao analisarmos a história da pesquisa-ação, desde seu surgimento com Kurt Lewin em 1946, até a adoção de fundamentos da teoria crítica de Habermas a sua estrutura, na qual se destacam estudos de Elliot e Adelman, percebemos o quanto este método se preocupa com a transformação de realidades nas quais existe um problema, intervindo sobre a mesma com o objetivo de transformá-la por meio da conscientização e participação dos sujeitos envolvidos (FRANCO, 2005).

Embora sejam teorias que enfatizam a transformação, é necessário entender que na pedagogia histórico-crítica já existe um problema específico a ser resolvido, que é a necessidade de desvelar e superar a sociedade baseada na exploração (SAVIANI, 2008), enquanto na pesquisa-ação o problema surge no contexto de necessidades de um grupo, tendo uma grande gama de situações onde pode ser empregada (serviço social, escolas, empresas) (THIOLLENT, 1986).

Quando tratamos da metodologia da pesquisa-ação crítica e da pedagogia histórico-crítica, percebemos que ambas acreditam na transformação da realidade (KINCHELOE, 1997; SAVIANI, 2011), e esta mudança passa pela conscientização dos sujeitos, ou seja, não existe transformação sem a compreensão de que existe algo que precise ser modificado.

Tanto a pedagogia histórico-crítica quanto a pesquisa-ação entendem que os conhecimentos somente são úteis e transformam quando construídos coletivamente e com a participação ativa dos estudantes em todas as etapas do ensino (problematização, pesquisa, ações didáticas, avaliação), ou seja, entendem a transformação na/pela educação como um processo de inserção dos alunos no

processo de ensino-aprendizagem, onde estes tenham voz e vez, que sejam respeitados como produtores de conhecimento (SAVIANI, 2008; FRANCO, 2005).

Mesmo utilizando bases teóricas diferentes, por fim, pesquisa-ação educacional e pedagogia histórico-crítica se aproximam novamente, ao pensar a práxis pelo prisma da dialética, entendendo com indissociável a relação entre pensamento e ação. Franco (2005) indica que na pesquisa-ação crítica, a práxis social deve ser ponto de partida e chegada na construção e ressignificação do conhecimento. Da mesma maneira, Gasparin (2011) compreende as práticas sociais inicial e final como marcos importantes na pedagogia histórico-crítica, definidos pela mudança no nível de desenvolvimento do estudante.

A pesquisa-ação é a revolta contra a separação dos fatos e dos valores [...] é um protesto contra a separação de pensamento e da ação, que é uma herança do *'laissez-faire'* do século 19. (BLUM, 1955 apud FRANCO 2005, p. 488)

Ambas as teorias citam constantemente a importância da espiral cíclica, termo que faz alusão a retomada constante dos processos de desenvolvimento da pesquisa e do conhecimento em uma dinâmica sempre evolutiva, ou seja, deve existir reflexão e retomada permanentes sobre a ação, a aprendizagem e o desenvolvimento. (FRANCO, 2005).

Assim, compreendemos que a pedagogia histórico-crítica e a metodologia da pesquisa-ação podem caminhar juntas em nossa intervenção, tentando superar o quadro de abandono pedagógico, e além disso, produzir condições para que os estudantes participantes do estudo compreendam as produções e contradições existentes na cultura corporal capitalista, afim de pensar e produzir suas próprias práticas corporais para além dos muros da escola, que realmente sejam úteis, agradáveis, saudáveis, condizentes com seus próprios objetivos de lazer, saúde e socialização.

## 6 DO “ROLA BOLA” PARA O RECONHECIMENTO DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO

---

---

Nesta seção tivemos como objetivo inicial encontrar turmas que vivenciaram o abandono pedagógico nas aulas de Educação Física, utilizando para este fim os resultados obtidos na aplicação de um questionário a todos os estudantes de 3ª série do ensino médio pertencentes as cinco (5) escolas selecionadas para a pesquisa. Com os dados obtidos nos questionários conseguimos descrever diferentes experiências com a disciplina de Educação Física, inclusive o abandono pedagógico. Em um segundo momento, visitamos as duas turmas escolhidas para a intervenção, as quais identificamos como realidades que vivenciaram o abandono pedagógico, e fizemos o relato das características referentes as turmas e escolas selecionadas para a intervenção. Por fim, neste capítulo realizamos as entrevistas iniciais com quatro (4) alunos selecionados de cada turma, e com o resultado das mesmas, aprofundamos nosso conhecimento acerca do abandono pedagógico pela ótica dos estudantes.

### 6.1 Análise dos questionários

O questionário foi utilizado nesta pesquisa como um método de análise da percepção dos estudantes sobre a Educação Física escolar e identificação do abandono pedagógico em colégios estaduais de Maringá, e como veremos neste capítulo ele cumpriu com eficiência sua função. Ademais, com as descrições e respostas dos alunos conseguimos também encontrar e descrever experiências inovadoras com riqueza de detalhes, e por fim, compreender os caminhos mais adequados para construirmos uma Educação Física que desperte o interesse dos educandos.

Portanto, neste tópico, descrevemos: a) as características e as principais críticas feitas pelos estudantes ao abandono pedagógico, entre elas o fazer pedagógico; b) a abordagem dos conteúdos teóricos; c) a falta de sistematização e diversificação e, por fim, d) a exclusão, em contraponto às qualidades encontradas e

citadas nas experiências inovadoras como objetivos, conteúdos e avaliações coerentes, além da expansão e aprofundamento nos conteúdos estudados.

### a) CARACTERÍSTICAS DO ABANDONO PEDAGÓGICO

Nos colégios RS e RN foi possível constatar a presença do abandono pedagógico nos anos iniciais do ensino médio, sendo que no colégio da região sul 76,47% dos estudantes deram respostas que caracterizavam o “rola bola” no cotidiano de suas aulas de Educação Física. Já no colégio da região norte as duas (2) turmas tiveram respectivamente 82,5% e 84,84% dos estudantes que declararam vivenciar o abandono pedagógico.

Podemos notar a situação de abandono pedagógico vivenciada nas aulas de Educação Física do colégio RS e RN por meio dos questionários respondidos pelos estudantes em que é possível perceber o tom de crítica ao **fazer pedagógico** dos professores.

[...] a professora não se importava em dar aula, simplesmente deixava a bola de futebol e UNO, e ainda queria tirar nota se não fizesse a aula (Colégio RS - Estudante 3)

A professora só entregava os materiais e deixava a vontade (...) ela não tinha controle nenhum sobre os alunos e acabava deixando livre (Colégio RS - Estudante 4)

A professora era bem liberal, só jogávamos bola, raramente basquete e handebol (Colégio RN – Estudante 30 – 3ª série A)

Na quadra grande era sempre futsal e na quadra pequena voleibol, só que não tinha muita participação dos alunos (Colégio RN – Estudante 27 – 3ª série A)

A professora dava a chave e a gente pegava as bolas e jogava, a teoria não tinha [...] a gente decidia o que jogar e jogava (Colégio RN – Estudante 26 – 3ª série A).

Em relação a postura dos professores das duas (2) escolas, os estudantes se mostraram incomodados e teceram suas críticas.

A aula era mal organizada, era uma aula “qualquer”, o professor não era presente nas aulas e normalmente ficava sentado sem fazer nada (Colégio RS - Estudante 17)

O professor fazia chamada, dava o material e ia tomar chá na secretaria, enquanto os alunos ficavam sozinhos na quadra (Colégio RS - Estudante 2)



Falta organização e compromisso dos professores com o ensino (Colégio RN – Estudante 12 – 3ª série A).

Outra crítica dos estudantes foi em relação ao **conteúdo teórico** desenvolvido nestas escolas, que segundo eles somente existe pela necessidade da aplicação de instrumentos avaliativos variados, uma exigência da Secretaria de Estado da Educação por meio da instrução 01/2017 (SEED/SUED), sendo desvinculado e descontextualizado dos conteúdos práticos.

As aulas eram dadas sem a preocupação de aprendermos algo. As aulas práticas não tinham relação com as teóricas (que só eram dadas com trabalhos e depois provas, sem a mínima explicação do professor) (Colégio RS - Estudante 2)

A prática era futsal, handebol e voleibol. O trabalho teórico teve como tema a história brasileira tendo o folclore como foco (Colégio RN – Estudante 6 – 3ª série A)

Como explicado anteriormente, o abandono pedagógico pode apresentar novos contornos frente a contextos escolares diversificados (FENSTERSEIFER E GONZÁLEZ, 2006). Em relação as aulas teóricas, percebemos no discurso dos estudantes a existência de uma nova forma de abandono pedagógico, no qual o professor, obrigado a dedicar nota a trabalhos e avaliações teóricas, seleciona temas aleatórios e distribui textos para que os alunos aprendam sozinhos ou seleciona estudantes para ministrar seminários sobre determinados temas, sempre se mantendo alheio ao processo de ensino-aprendizagem.

Na teoria utilizávamos sempre slides e apresentações dos alunos (Colégio RN – Estudante 23 - 3ª série A)

O trabalho era apresentado em forma de seminário, mas era feito de qualquer jeito pelos alunos (Colégio RN – Estudante 5 – 3ª série A)

Que eu me lembre teoria era somente através de trabalho, porque as aulas eram quase sempre na quadra (Colégio RN – Estudante 41 – 3ª série B)

Quando era semana que nossa turma não tinha direito a utilizar a quadra, as aulas eram apresentação de trabalho (teoria) (Colégio RN – Estudante 32 – 3ª série B)

A professora dava trabalho sobre os temas valendo 4,0 pontos e a gente pesquisava. Geralmente ia todo mundo bem (Colégio RN – Estudante 24 – 3ª série B)

A **falta de sistematização e diversificação** dos conteúdos da Educação Física escolar também é citada como um fator de desinteresse dos estudantes nas aulas.

A Educação Física não acho desnecessária, mas acho desnecessário o conteúdo que trabalhamos e que nunca muda. Por mim seria bom aprendermos conteúdos que praticamos mais. Além de futsal, seria bom aprendermos ciclismo, pois várias pessoas andam de bicicleta e skate (Escola RS – Estudante 29)

O que estudei basicamente no ensino médio foi quase nada, era só quadra e história do handebol, que isto tem quase todo ano (Colégio RN – Estudante 2 – 3ª série A)

Finalmente percebemos o processo de **exclusão** causado pela metodologia “rola bola”, no qual os estudantes que não se encaixam no perfil de habilidosos nos esportes, acabam sendo estimulados a se conformar com o fracasso na aprendizagem, restando a eles apenas assistir a aula, mexer no celular, conversar sobre qualquer assunto ou realizar outras atividades físicas em espaços que não atrapalhem o “jogo principal”.

Eu tentava jogar, mas não era muito boa, então as vezes gostava de ficar olhando porque não gostava muito (Colégio RN – Estudante 41 – 3ª série B)

Nas aulas práticas, porém como os alunos mais habilidosos selecionavam os times, os alunos não acostumados com o esporte ficavam excluídos (Colégio RN – Estudante 31 – 3ª série B)

Participava de todas as aulas de handebol, basquete e voleibol por saber jogar, devido aos treinos fora da escola (Colégio RN – Estudante 12 – 3ª série A)

Eu não era tão participativa pois as aulas não tinham nada para fazer, a não ser para quem sabia jogar futebol (Colégio RS – Estudante 23)

Quando era jogo de futsal, basquete e vôlei eu me recusava a fazer e ficava no celular (Colégio RS – Estudante 3)

Neste contexto observamos que a prática do abandono pedagógico tem incentivado também a separação dos garotos e garotas nas aulas de Educação Física. Como exemplo citamos o Colégio RS em que a quadra é direito apenas de alguns estudantes, na grande maioria meninos que se destacam no futsal, e no Colégio RN no qual todos tem seu momento de utilizar a quadra, mas as atividades priorizavam a divisão por gêneros.

A professora deixava as meninas jogarem UNO e os meninos jogarem futebol (Colégio RS - Estudante 17)

Não participava da aula, ficava conversando ou brincando de toque, pois mesmo que levassem todas as bolas para a quadra apenas os meninos jogavam, pois não era uma aula organizada (Colégio RS - Estudante 19)

O professor deixava a aula livre. Eu jogava UNO ou toquinho com outras meninas que não jogavam futebol (Colégio RS - Estudante 2)

Nas aulas práticas o tempo da aula era dividido alguns minutos para meninos e outros para meninas (Colégio RN – Estudante 20 – 3ª série A)

Éramos organizados separadamente meninos / meninas (Colégio RN – Estudante 32 – 3ª série B)

Havia um revezamento, em uma aula quem começava eram os meninos e na próxima eram as meninas (Colégio RN – Estudante 22 – 3ª série B)

Portanto, os fatos narrados acabam por justificar as motivações pelas quais os autores Brandolin, Koslinski e Soares (2015) encontraram em seu estudo uma menor participação dos estudantes com menor habilidade e as meninas durante as aulas de Educação Física.

Para melhorar ilustrar o que acontecia nas aulas, o quadro a seguir reúne as principais características das aulas de Educação Física, citadas pelos estudantes que descreveram suas aulas no perfil referente ao abandono pedagógico.

**Quadro 2:** Características do abandono pedagógico, conforme relatos apresentados nos questionários dos estudantes

<b>ABANDONO PEDAGÓGICO</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Falta de compromisso dos professores.</li> <li>- Conteúdo teórico desvinculado da prática.</li> <li>- Trabalhos teóricos descontextualizados das vivências da disciplina.</li> <li>- Baixa adesão dos alunos, principalmente os menos habilidosos.</li> <li>- Falta de sistematização e diversificação dos conteúdos.</li> <li>- Divisão das atividades por gênero.</li> </ul>

**Fonte:** Silva (2020)

Assim, percebemos que o abandono pedagógico na percepção da maioria dos estudantes é algo negativo, que desvaloriza a Educação Física como disciplina, desmotiva alunos e propicia a aquisição de conceitos equivocados sobre a disciplina, uma vez que os mesmos acabam por não adquirir conhecimentos relevantes sobre a grande gama de conteúdos relacionados a cultura corporal de movimento.

## b) CARACTERÍSTICAS DE UMA EXPERIÊNCIA POSITIVA

No colégio RL o questionário foi aplicado nas três (3) turmas da 3ª série do ensino médio e respectivamente os resultados relativos a estudantes que citaram o abandono pedagógico foram 36,58% na 3ª série A, 3,34% na 3ª série B e 2,56% na 3ª série C. A maioria dos alunos relataram a mudança de professora da disciplina entre a 1ª e 2ª série do ensino médio como sendo uma experiência positiva, uma vez que passaram de aulas sem objetivo pedagógico para uma disciplina com **objetivos, conteúdos e avaliações considerados coerentes e interessantes** ao seu desenvolvimento.

O ano de 2017 a professora só dava a bola para a gente jogar e a gente jogava, sem explicações sem nada, não tínhamos avaliação. Era irrelevante se fazíamos ou não. Em 2018 nós usávamos a quadra com frequência, fazíamos arbitragem e tínhamos que aprender as regras da respectiva atividade (Colégio RL – Estudante 17 – 3ª série A)

Ano de 2017 – na 1ª série a professora passava alguns jogos como queima, vôlei e futsal, e os alunos jogavam se quisessem. Ano de 2018 – na 2ª série mudou de professora, e esta organizava as aulas em prática (jogos, dança, ginástica) e teórica (seminário sobre alguma coisa relacionada a matéria) (Colégio RL – Estudante 3 – 3ª série B)

Até onde minha memória alcança, as aulas foram na maioria proveitosas. Porém em 2017 foram mais fracas em relação a 2018 que teve um destaque maior por conta da troca de professoras (Colégio RL – Estudante 37 – 3ª série C)

Os estudantes citaram como exemplos positivos nas aulas da 2ª série **a expansão do leque de conteúdos abordados, o aprofundamento no trato dos conteúdos**, além dos conteúdos se tornarem mais interessantes.

No começo de cada trimestre a professora passa o plano das matérias que serão abordadas. Nas aulas havia uma base teórica e uma muita prática com atividades variadas (Colégio RL – Estudante 6 - 3ª série B)

[...] ela explica as atividades com calma e avaliação também, e se tivermos dúvida ela responde sobre (Colégio RL – Estudante 11 – 3ª série B)

As professoras explicavam muito bem o que era para ser feito nas aulas e trabalhos (...) eram bem organizadas, havia aula teórica e prática. A professora do ano passado nos separava em grupos para apresentar seminários, apresentação de dança e as avaliações eram em grupos (...) nós estudamos diversos tipos de danças, ginástica, arbitragem de futsal, vôlei e basquete, e sobre nutrição, obesidade, etc. (Colégio RL – Estudante 39 – 3ª série C)

Foi estudado o IMC, a frequência cardíaca, basquete, vôlei, futsal, recursos ergogênicos, DORT/LER, suplementos alimentares, vigorexia, anorexia e bulimia, entre outros conteúdos (Colégio RL – Estudante 33 – 3ª série C)

Nesta experiência destaca-se a valorização dos estudantes aos professores que realmente se empenham em realizar um bom trabalho.

Fizemos várias aulas na quadra e até dançamos, usamos vários materiais em cada aula. A melhor professora é a Professora A, ela explica muito bem, detalhadamente, passa trabalho que tem tudo a ver com nosso objetivo escolar (Colégio RL – Estudante 8 – 3ª série B)

As professoras eram incríveis, super dinâmicas, usavam vários tipos de materiais para as aulas práticas, se preocupavam com os alunos mais do que tudo (Colégio RL – Estudante 13 – 3ª série B)

Percebo que nós temos professores preparados e capacitados, com o melhor a nos oferecer (Colégio RL – Estudante 7 – 3ª série C)

A grande diferença dos dados apresentados na 3ª série A em relação as outras turmas ocorreu pela maior presença de estudantes que pertenceram no ano de 2018 a 2ª série A, sendo que durante a análise do questionário, observamos que dentre todas as turmas de 2ª série do referido colégio, apenas esta continuou a vivenciar o abandono pedagógico como prática constante nas aulas de Educação Física.

Nesses anos sempre trabalhamos na quadra com aulas de basquete, handebol, futsal e vôlei. Os materiais usados era o padrão, nos dois anos os professores não explicavam muito e deixavam as pessoas que não queriam fazer aula, livres para jogar toquinho no canto da quadra (Colégio RL – Estudante 5 – 3ª série A, pertencente nos anos anteriores a 1ª série A e 2ª série A)

Normalmente as aulas eram só práticas, a teoria (trabalho) fazíamos em casa. Os materiais eram as bolas de futsal, handebol, vôlei e basquete. A professora dividia a turma por metade para realizar as atividades (Colégio RL – Estudante 12 – 3ª série A, pertencente nos anos anteriores a 1ª série A e 2ª série A)

A gente não tinha muitas aulas em sala, íamos para a quadra jogar toquinho quando não queríamos jogar outra atividade. A outra atividade no caso era a queima (...) os materiais utilizados eram apenas bolas de vôlei (Colégio RL – Estudante 19 – 3ª série A, pertencente nos anos anteriores a 1ª série A e 2ª série A)

Nos anos de 2017 e 2018 as minhas aulas de Educação Física eram 100% práticas, sem nada de regras (Colégio RL – Estudante 29 – 3ª série A, pertencente nos anos anteriores a 1ª série E e 2ª série A)

Neste colégio, diferente do colégio RO, um grande destaque é a **pouca rotatividade de estudantes**, sendo que dos 110 alunos que responderam o questionário apenas 7 vieram de outras instituições, favorecendo um ambiente de aprendizagem contínua, em que o professor pode pensar na elaboração e execução de objetivos a curto, médio e longo prazo.

O quadro a seguir apresenta os relatos e situações encontradas com mais frequência nos questionários que descrevem suas aulas com perfil das práticas inovadoras. Como resultado, observamos que os estudantes em sua maioria enaltecem experiências positivas.

**Quadro 3:** Características de experiências positivas, conforme relatos apresentados nos questionários dos estudantes

<b>EXPERIÊNCIAS POSITIVAS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilização de materiais variados.</li> <li>- Variedade de conteúdos e métodos de ensino.</li> <li>- Organização e explicação prévia dos conteúdos que serão abordados.</li> <li>- Avaliação coerente, relacionada com os conteúdos ensinados.</li> <li>- Conteúdos teóricos bem explicados.</li> <li>- Pouca rotatividade de estudantes no colégio.</li> </ul>

**Fonte:** Silva (2020)

Diante dos relatos apresentados e dos dados obtidos em intervenções pedagógicas como as de KRAVCHYCHYN *et al.* (2008), DAL CIN e KLEINUBING (2015) e SOUZA *et al.* (2017), evidenciamos existir uma tendência dos estudantes aprovarem as práticas inovadoras.

Portanto, ao observarmos as descrições dos estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico percebemos quanto consideram negativa suas experiências com a disciplina de Educação Física, restringindo seu significado a momento de lazer, descanso, ou exclusão, enquanto os estudantes que experimentaram uma abordagem inovadora demonstraram interesse e avaliaram os professores e a disciplina positivamente.

### c) UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM DIFERENTES NARRATIVAS

No colégio RO 50% dos estudantes da turma declararam nas 1ª e 2ª séries do ensino médio terem vivenciado o abandono pedagógico. Este resultado se explica em partes pela grande rotatividade de estudantes na referida turma, haja visto que dos 32 alunos participantes do questionário 16 estudaram partes do ensino médio em outro colégio, o que conseqüentemente resultou em experiências variadas em relação à Educação Física escolar.

Porém, mesmo quando analisamos apenas os questionários dos 16 alunos que estudaram todo o ensino médio no referido colégio, as declarações obtidas sobre as aulas de Educação Física são muito distintas, fato que não conseguimos justificar.

As opiniões positivas sobre a aula de Educação Física relataram a boa variedade de conteúdos ensinados, adequada explicação dos dois professores que passaram pelas turmas e tentativa de relacionar teoria e prática.

Jogava handebol, vôlei, badminton, tênis de mesa, jogos de tabuleiro. (Colégio RO – Estudante 22 – 3ª série A)

Minhas aulas foram na quadra do colégio e na sala de aula. O professor explicava o conteúdo com exemplos, com textos e prática [...] a professora escolhia uma aula para teoria e passava textos, xerox e explicações. (Colégio RO – Estudante 2 – 3ª série A)

Realizamos trabalhos teóricos, mas que eram apresentados na quadra (montávamos atividades). (Colégio RO – Estudante 9 – 3ª série A)

As aulas eram bem organizadas, havia só aula prática com explicações na quadra durante a aula. (Colégio RO – Estudante 31 - 3ª série A)

Outros estudantes teceram declarações em tom mais crítico, que aproximavam suas aulas do abandono pedagógico.

Ambos os professores de Educação Física só falavam o que se devia fazer e ficavam sentados observando [...] sempre ficávamos na quadra jogando, só havia teoria quando o aluno não participava da prática, aí a professora pedia trabalho escrito (Colégio RO – Estudante 3 – 3ª série A)

Esses anos foram todos iguais e a gente só jogava vôlei (Colégio RO – Estudante 13 – 3ª série A)

Não tinha muita explicação, era mais aprender na prática na quadra (Colégio RO – Estudante 24 - 3ª série A)

Por fim, optamos por não classificar as aulas de Educação Física do colégio RO nem como pertencentes ao rol de experiências vinculadas ao abandono pedagógico, nem tão pouco vinculadas a uma experiência positiva, uma vez que encontramos inconsistência nos dados analisados.

#### **d) ABRANGÊNCIA DO ABANDONO PEDAGÓGICO E A URGÊNCIA EM MODIFICAR NOSSAS PRÁTICAS**

Por fim, para compreendermos melhor a dimensão do abandono pedagógico nas aulas de Educação Física do ensino médio, separamos apenas os questionários dos estudantes que tiveram experiências em outros colégios, enriquecendo nosso estudo com experiências de diferentes cidades e até estados. Desta maneira, chegamos a um leque de trinta e uma (31) práticas pedagógicas analisadas, sendo que dezessete (17) destas práticas descritas se enquadraram no abandono pedagógico e dois (2) estudantes citaram a não obrigatoriedade da disciplina de Educação Física escolar no currículo do referido colégio e a consequente não participação nas aulas.

Entre todas as práticas descritas pelos estudantes, encontramos cinco (5) experiências vivenciadas em colégios particulares de Maringá, e analisando os questionários percebemos que quatro (4) destas práticas se enquadravam nos moldes do abandono pedagógico. Observamos, portanto, que o abandono pedagógico nas aulas de Educação Física não é exclusividade das escolas públicas, e que mesmo em ambientes em que teoricamente existe uma cobrança mais firme sobre a postura do professor e aprendizagem, este se mantém firme como uma estratégia de sobrevivência dos professores ao sistema escolar.

Nosso estudo corrobora com os dados citados na literatura (PEREIRA, 1999; CHICATI, 2000; FERREIRA, GRAEBNER e MATIAS, 2014) sobre a frequência do abandono pedagógico, ou seja, práticas pedagógicas em que não ocorre aprendizagem sistematizada ainda são muito frequentes, o que somente ajuda a perpetuar a cultura de que a Educação Física é um tempo livre, de diversão, sem compromisso dentro do ambiente escolar. Nosso compromisso é o de desconstruir esta ideia, mostrando possibilidades de superação do abandono pedagógico, valorizando a Educação Física perante os estudantes.



Após esta análise dos dados coletados nos questionários optamos pelos dois colégios onde o abandono pedagógico foi mais evidente, e, portanto, os colégios RN e RS se tornaram alvo de nossa intervenção pedagógica. Em relação ao colégio RN, por se tratarem de duas turmas, fizemos a opção pela turma com a porcentagem mais elevada de estudantes que citaram o abandono pedagógico em suas aulas.

Finalmente visitamos as pedagogas e professores das turmas de 3ª série A do Colégio RN e RS respectivamente para conversarmos sobre a possibilidade da intervenção pedagógica. Por fim, realizamos uma reunião com a turma para compreender seus desejos e motivações em relação a Educação Física, e realizamos o planejamento com a ajuda do professor da turma e pedagoga que conhecem melhor a realidade da escola e peculiaridades dos estudantes.

## **6.2 Análise das entrevistas concedidas antes da intervenção**

Com a escolha de duas turmas resolvemos focar em alguns atores envolvidos no abandono pedagógico, que representavam papéis distintos nestas aulas, conforme descrito na metodologia, e que posteriormente participaram de nossa intervenção. A intenção foi aprofundar nosso conhecimento sobre a percepção que os estudantes têm das aulas de Educação Física “rola bola”. Para tanto, organizamos o conteúdo das entrevistas nos seguintes tópicos: a) postura dos estudantes não participativos; b) relevância da Educação Física escolar; c) organização das aulas “rola bola”; d) conhecimentos adquiridos com as aulas de Educação Física nos anos iniciais do ensino médio; e) relação do conteúdo da aula de Educação Física com o cotidiano dos estudantes, que são abordados na sequência.

### **a) POSTURA DOS ESTUDANTES NÃO PARTICIPATIVOS**

Evidenciamos a existência de um abismo entre a percepção que estudantes participantes e não participantes têm sobre a disciplina de Educação Física, enquadrada no abandono pedagógico. Citamos também a dificuldade de encontrarmos meninas que se declaravam participantes das aulas de Educação Física nas duas (2) turmas, principalmente no colégio RS, o que demonstra o domínio dos meninos sobre as ações no abandono pedagógico.

Eu quase não jogava bola. De vez em quando eu pedia para jogar bola com eles. Mas era muito raro. (Entrevistada 1 – participante – Colégio RS)

Os quatro (4) alunos declarados não participantes das aulas de Educação Física relataram suas posturas durante as aulas, mostrando quanto é inútil para esta parcela de estudantes este tipo de aula.

Ficava fazendo nada. Ficava conversando. Ficava batendo papo, mexendo no celular. Estas coisas. É tipo uma aula vaga. (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS)

Na 1ª e 2ª série praticamente o tempo todo eu ficava sentado na arquibancada. Não praticava esportes, não fazia muita coisa. Ficava jogando UNO ou coisa parecida (Entrevistado 4 – não participante – Colégio RS)

Com informações obtidas nas entrevistas, percebemos que o professor “rola bola” se torna tolerante e conivente com atitudes não aceitas em ambientes de boa aprendizagem, como a não participação dos estudantes nas atividades, conversas paralelas, utilização de celular, fones de ouvido.

Como a aula de Educação Física no início não foi muito importante pelo fato dos professores não implicarem tanto, sabe. Eles passavam muita atividade aberta. Todo mundo faz o que quiser. Mas quando era aula valendo nota a gente participava, mas era bem raramente mesmo que a gente participava. Ficava mais acostumada a ficar sentada nas aulas, porque o professor não dava muita nota. Só dava nota de participação, só que mesmo assim eu tirava nota, eu ganhava 100 (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).

Ao tentar compreender o sentimento destes estudantes perante a situação, questionei se estes gostam de não participar das aulas, e percebi que alguns realmente não estão preocupados, aceitando com naturalidade a situação, enquanto outros até dizem não gostar da situação, mas não cobram uma mudança de postura do professor perante a direção ou equipe pedagógica, provavelmente por que mesmo sabendo que a aula é ruim, não conhecem parâmetros de uma boa aula para propor tais mudanças, uma vez que nas suas trajetórias como estudantes muitos deles nunca tiveram aulas de Educação Física organizadas e sistematizadas.

Eu gosto da aula assim. Acaba sendo um tempo para relaxar, descansar a cabeça de aulas com muito conteúdo. Como o professor deixa fazer o que quiser fico ouvindo música pra relaxar (Entrevistado 8 – não participante – Colégio RN).

Entrevistador: Você esperava algo diferente da disciplina?

Estudante: Sim. Eu sempre achei que a Educação Física teria que passar algo sobre esportes, algo sobre o corpo ensinando algo sobre Educação Física.

Entrevistador: Você nunca cobrou uma mudança de postura do professor na direção?

Estudante: Não.

Entrevistador: E ninguém cobrava algo de diferente?

Estudante: Não, porque a professora deixava todos livres, do jeito que quisessem.

Entrevistador: Sentia isto como uma coisa normal?

Estudante: Sim (Diálogo entre entrevistador e entrevistado 4 – não participante – Colégio RS).

No trecho citado, pertencente ao entrevistado 8, percebemos a legitimação do discurso que subsidia a existência do caráter funcional do abandono pedagógico (PICH, SCHAEFFER E CARVALHO, 2013) nas aulas de Educação Física.

É importante observar que os estudantes não participantes estão abertos a realizar aulas de Educação Física, desde que estas sejam planejadas, organizadas, e venham ao encontro de suas necessidades enquanto alunos e cidadãos. Cabe então ao professor realizar sua função de compreender o contexto cultural e social vivenciado por seus educandos, para então motivar a participação de todos e envolver os estudantes nas aprendizagens.

Não gosto das aulas de Educação Física do jeito que são, mas se o professor propusesse luta por exemplo eu tentaria até fazer, mas se fosse dança não. (Entrevistada 7 – não participante – Colégio RN)

Portanto, a não participação dos estudantes nas atividades relacionadas a aula de Educação Física parece estar intimamente associada a postura do professor e a falta de planejamento, ou seja, o abandono pedagógico tende a estimular uma postura de afastamento e passividade dos mesmos.

## **b) RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A consequência da não participação dos estudantes nas aulas de Educação Física e a condução da disciplina calcada nos pilares do abandono pedagógico, ou seja, carente de aprendizagens e organização, conduz a passos largos uma nova geração de pessoas que desconhecerá a importância e possivelmente desvalorizará a Educação Física escolar. Entendemos que a continuidade deste ciclo pode

colaborar com o fim da Educação Física no ensino médio, movimento que compreendemos já ter sido iniciado na Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018), documento que dilui as possibilidades da disciplina dentro de uma grande área de conhecimentos caracterizada como linguagem.

Entrevistador: Quais disciplinas você julga como mais importantes? Sei que você já colocou artes e inglês como mais importantes. Posicione as outras disciplinas das mais para menos importantes.

Estudante: Português e espanhol, porque caem no PAS/UEM. Depois matemática, artes. Aí vem história, geografia.

Entrevistador: E a Educação Física vem em último?

Estudante: Em último, infelizmente.

Entrevistador: Porque você dá este posicionamento para ela?

Estudante: Porque não teve uma matéria, sabe, não teve algo a aprender, foi realmente livre mesmo (Diálogo entre entrevistador e entrevistado 4 – não participante – Colégio RS)

Entrevistador: Quais os motivos que levaram a dar esse posicionamento para a Educação Física em relação as outras disciplinas? Você falou que ela só fica acima da arte em importância, então ela não é muito importante. Porque que você dá este posicionamento para ela? Por que você acha que ela não é muito importante?

Estudante: Porque pela carreira que eu escolhi, a Educação Física não é tão importante. Não se adapta a profissão que eu escolhi (Diálogo entre entrevistador e entrevistada 7 – não participante – Colégio RN)

Eles (alunos) não ligam muito para a Educação Física pelo fato de não ser muito importante para nossa vida fora da escola (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).

Para entendermos que a depreciação da disciplina de Educação Física possivelmente não ocorre pela sua especificidade de conteúdos e métodos, e sim pelo abandono pedagógico, destacamos a fala da entrevistada 3, do colégio RS, que pontuou o abandono pedagógico na disciplina de arte como motivo para também se tornar uma disciplina desvalorizada pela mesma.

Entrevistador: Quais disciplinas você tinha mais interesse? E quais você julga como mais importantes para sua formação como pessoa?

Aluna: A que eu tenho mais afinidade, que eu gosto mais é filosofia e sociologia mais pelo fato de serem relacionadas a sociedade, e eu querer trabalhar com isto fora, então para mim são as mais importantes, junto com história.

Entrevistador: Agora posicione as demais disciplinas classificando de maior para menor importância.

Aluna: Português, matemática, espere que são muitas matérias...

Entrevistador: Tem física, química, biologia, arte, Educação Física.

Aluna: Geografia, depois química e física...

Entrevistador: E Educação Física? Não é mais importante que nenhuma? E a arte? Você disse que vai fazer artes cênicas, porque então não citou arte ainda?

Aluna: É que arte também foi uma matéria que a gente não teve muito conteúdo em si, sabe?

Entrevistador: Foi parecido com Educação Física?

Aluna: Foi tipo artesanal. Não teve muito conteúdo... Então neste ranking de disciplinas a arte não vai bem porque não aprendi nada em artes.

Entrevistador: Você coloca junto com a Educação Física?

Aluna: Coloco. No final da lista.

Entrevistador: Porque nenhuma teve conteúdo?

Aluna: Isto (Diálogo entre entrevistador e entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).

Daí a importância de estudarmos as causas do abandono pedagógico, o que já é feito principalmente pela Rede Internacional de Investigação Pedagógica em Educação Física Escolar (REIPEFE), uma vez que conhecendo melhor esta realidade, novas estratégias de superação desta prática podem ser planejadas e desenvolvidas.

Em contraponto, os estudantes participativos tendem a valorizar muito a aula de Educação Física, uma vez que no abandono pedagógico, via de regra, podem sempre escolher a atividade mais prazerosa ao grupo participante, não precisam se preocupar com a divisão do tempo e espaço e nem com “interferências” do professor.

Para mim a Educação Física continua sendo a matéria mais importante porque eu amo Educação Física (...) foi nesta disciplina que eu descobri o que eu sou e o que eu vou ser. Foi graças à Educação Física que peguei amor aos esportes (Entrevistada 5 – participante – Colégio RN).

A Educação Física vem entre as quatro mais importantes. Para falar a verdade, não gosto muito de humanas, ficam em último história, filosofia e sociologia. Não vão ter mais função para mim. Classifico as exatas e a Educação Física como as principais. A Educação Física tem importância por que eu jogo futebol, então se eu tenho o sonho de ser jogador, para dominar melhor a bola, por isto a Educação Física é uma das primeiras em importância. Se eu não virar jogador se tornam importantes física, matemática e química, que serão as disciplinas que eu utilizarei para me adaptar no mercado de trabalho (Entrevistado 6 – participante – Colégio RN).

Por fim, sobressai a ideia de que o abismo entre a valorização e a desvalorização da disciplina está relacionado a participar ou não das atividades da aula. Portanto, como citamos anteriormente, apenas com estratégias de envolvimento coletivo dos estudantes podemos construir minimamente uma aula que tenha seu espaço e importância no ambiente escolar.

### c) ORGANIZAÇÃO DAS AULAS “ROLA BOLA”

O abandono pedagógico se caracteriza pela falta de sistematização dos conteúdos e inexistência de metodologia de ensino nas aulas, e conforme explica Gonzáles e Fensterseifer (2013) o professor se limita a ser um administrador do material didático.

Eles passavam muita atividade aberta. Todo mundo faz o que quiser (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).

Porque não teve uma matéria, sabe, não teve algo a aprender, foi realmente livre mesmo (Entrevistado 4 – não participante – Colégio RS).

Enfatizamos que nas duas turmas em que aplicamos a entrevista, a falta de sistematização e direcionamento dos estudantes durante as aulas retratadas como abandono pedagógico fez com que um número significativo de alunos fosse excluído das aulas, principalmente os obesos, com dificuldade na coordenação motora ou que não praticam atividade física no seu cotidiano, sendo que estes relatos confirmam os dados obtidos por Brandolin, Koslinski e Soares (2015). Chama a atenção a passividade com que os estudantes não participativos, seja por opção ou pelo fato de serem excluídos, lidam com a situação.

No primeiro dia de aula a professora pediu para que todos participassem, a maioria não participava, mas eu participava sim por que eu gostava da Educação Física (Entrevistado 2 – participante – Colégio RS).

Não faço a aula de Educação Física desde que eu machuquei o pé em uma aula a muito tempo (...) também pelo meu porte físico e também minha resistência que não são das melhores (Entrevistado 8 – não participante – Colégio RN).

Entrevistador: E por que que você não participa dessas atividades?

Aluna: Porque eu não gosto muito de fazer atividade física.

Entrevistador: Explique o motivo.

Aluna: Por que sou sedentária, não faço atividade física fora da escola (Entrevistada 7 – não participante – Colégio RN).

Por outro lado, os estudantes que já dominam as habilidades esportivas, muitas vezes por terem praticado escolinhas de iniciação ou que ainda vivenciam o esporte por meio de treinamento especializado, acabam por dominar o espaço nestas aulas de Educação Física. Segundo Faria (2014) a produção do esporte nestas aulas acaba por se assemelhar a outros ambientes como a rua e o recreio.

Quando eu vou pro treino, tem vez que meu treino é de sexta, daí se eu tenho Educação Física, eu já saio até meio aquecido e consigo treinar bem melhor (Entrevistado 2 – participante – Colégio RS).

Entrevistador: Você participa de todas as atividades ou tem alguma que ela não gosta de fazer na Educação Física?

Aluna: Eu participo de todas. Até alguns esportes que eu não gosto eu pratico. Independente se eu gosto ou não, eu faço tudo.

Entrevistador: Tem alguma atividade física que você faz fora da escola?

Aluna: Sim. Eu treino futsal (Diálogo entre entrevistador e entrevistada 5 – participante – Colégio RN).

Diante disso observamos algumas características do abandono pedagógico como a falta de sistematização e aplicação de atividades, ou seja, o professor nestas condições somente administra o material e cuida dos estudantes, e evidenciamos como resultado deste processo a separação entre habilidosos e não habilidosos, fortes e fracos, meninos e meninas, elementos esses que devem ser evitados nas aulas de Educação Física.

#### **d) CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO MÉDIO**

Constatamos que a falta de organização e sistematização dos conteúdos culminou com a defasagem da aprendizagem dos estudantes, uma vez que questionados sobre os conhecimentos adquiridos durante as aulas, parte destes foram taxativos em dizer que não aprenderam nada.

É aula vaga. É aquela aula que você não faz nada, não aprende nada [...] realmente a gente não aprendeu nada (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).

Não agregava conhecimento, e era só mais uma matéria para completar aula (Entrevistado 4 – não participante – Colégio RS).

Outros até tentaram demonstrar seus conhecimentos, porém o teor das citações demonstra a visão limitada, moldada pelo abandono pedagógico, que estudantes participativos e não participativos têm em relação aos conhecimentos e conteúdos que foram ou podem ser abordados e desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Por fim, entendem que a disciplina pode aprofundar o estudo de alguns temas, mas as descrições são vagas e generalistas, demonstrando a dificuldade de compreensão das possibilidades de aprendizagem da Educação Física escolar.

Em Educação Física eu aprendo várias coisas sobre o corpo. Que antes de você fazer uma atividade física é necessário se alongar para não dar nenhum problema muscular. E isto eu vou levar para minha vida, pois quero virar um jogador e eu preciso saber estas coisas (Entrevistado 2 – participante – Colégio RS).

Não é só prática, tem muita teoria também, tem muita coisa que a gente não sabia sobre os esportes (Entrevistada 5 – participante – Colégio RN).

A Educação Física ela não é só jogar um esporte, aprender sobre o esporte. Mas também tem a questão de reflexos, muita coisa ligada ao nosso próprio corpo. Ela também ensina a gente sobre o nosso corpo, os limites que a gente tem também (Entrevistado 6 – participante – Colégio RN).

A Educação Física não deixa a pessoa ficar tão sedentária (...) a Educação Física é mais prática, onde você aprende como fazer, o jeito certo (Entrevistada 7 – não participante – Colégio RN).

Percebemos que o abandono pedagógico limita a aprendizagem tanto dos aspectos motores, como por exemplo a aprendizagem de gestos técnicos esportivos, como arremessar uma bola ou realizar uma manchete, quanto de conhecimentos teóricos, como por exemplo aprender sobre suplementação, lesões ou treinamento de força. Assim, este tipo de aula permite que os conhecimentos relacionados a cultura corporal fiquem restritos ao senso comum.

### **e) RELAÇÃO DO CONTEÚDO DA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA COM O COTIDIANO DOS ESTUDANTES**

Ao pensarmos a aula de Educação Física na perspectiva da pedagogia histórico-crítica, percebemos a importância da criação de vínculos entre o conteúdo escolar e a cultura dos alunos, uma vez que esta teoria se preocupa com a transformação da realidade social (SAVIANI, 2008).

Porém ao analisarmos as respostas obtidas percebemos primeiramente um grupo de estudantes que não percebe haver esta aproximação do conteúdo com sua realidade, além de não entenderem as aprendizagens da Educação Física como importantes para seu dia-a-dia, uma vez que os mesmos citaram não existir nenhuma aprendizagem na disciplina.

Os alunos não ligam muito para a Educação Física pelo fato de não ser muito importante para nossa vida fora da escola [...] é aquela aula que você não faz nada e não aprende nada, não tenho que levar isto para minha vida (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS).



Pelo contrário. Eu participo de futebol fora da escola, mas não participo na escola (Entrevistado 8 – não participante – Colégio RN).

Ajuda apenas na consciência de que enquanto profissional não quero ser como aquele professor. Se algum dia tiver este cargo quero sim ensinar meus alunos, porque se tiver um aluno que queira fazer faculdade na área tem que saber o conteúdo, daí tem que se virar por fora. Então, o que eu levo para minha vida pessoal, é que eu não quero ser aquela pessoa que está ali só por salário, sabe? (Entrevistada 7 – não participante – Colégio RN).

Já outros estudantes até conseguiram observar a existência de uma relação entre os conteúdos da Educação Física e o seu cotidiano, porém ao analisarmos as respostas percebemos este vínculo é muito restrito, se limitando apenas a prática dos jogos, ou seja, compreendem que a atividade física (prática) realizada durante a aula melhora a performance técnica no jogo que realizam fora da escola.

Eu utilizo o que eu aprendo aqui na prática, e coloco nos jogos de futsal que pratico fora (Entrevistada 5 – participante – Colégio RN).

Quando eu vou pro treino, tem vez que meu treino é de sexta, daí se eu tenho Educação Física e eu já saio até meio aquecido e consigo treinar bem melhor (Entrevistado 2 – participante – Colégio RS).

Observamos, portanto, a necessidade de em nossa intervenção pedagógica realizarmos um elo mais forte entre os conhecimentos da disciplina e o cotidiano dos estudantes, lembrando que é ação básica ao atuarmos com base na pedagogia histórico-crítica o relacionamento do conhecimento com a prática social, sendo interessante neste processo a adoção dos elementos articuladores presentes na Diretriz Curricular Básica do Estado do Paraná (2008).

Este capítulo acabou por reforçar as constatações relacionadas aos questionários respondidos pelos estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico, ou seja, situações como a baixa adesão dos alunos, principalmente os menos habilidosos; a separação por gênero; e o incômodo de alguns estudantes com a situação do “rola bola” se repetem e parecem realmente fazer parte do cotidiano desta prática.

Por fim, a entrevista demonstrou como a falta de sistematização e metodologia propicia uma análise limitada e negativa da Educação Física escolar perante grande parte dos estudantes, e conseqüentemente da comunidade escolar.

### **6.3 Características dos colégios e das turmas escolhidas para a intervenção pedagógica**

Dados coletados na secretaria do colégio RN mostram que ela atende atualmente cerca de 1650 alunos desde o 6º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio nos três turnos de funcionamento, sendo que destes aproximadamente 460 estão no ensino médio, apresentando porte 9 de acordo com classificação da Secretaria Estadual da Educação. Sua clientela é composta principalmente por estudantes que moram nas proximidades e vem caminhando de casa até o estabelecimento de ensino, além da maior parte dos alunos relatar renda familiar entre dois e cinco salários mínimos. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Colégio RN, 2016)

Em relação a espaços úteis para aula de Educação Física, a escola apresenta uma quadra poliesportiva coberta com arquibancada reformada no ano de 2016, uma mini quadra descoberta, uma mesa de tênis de mesa, que fica instalada em ambiente coberto e um auditório com capacidade para 100 pessoas com projetor de imagens, que pode ser agendado para os professores ministrarem suas aulas. Próximo ao colégio se encontra um centro esportivo com quadra poliesportiva e campo de futebol, atualmente em reforma.

Existe uma quantidade adequada de materiais para se trabalhar com os esportes tradicionalmente estudados na aula de Educação Física, além de muitos coletes, cones, bambolês e cordas. A sala de materiais se encontra mal organizada.

As aulas de Educação Física ocorrem as terças-feiras no horário das 11:05 às 11:55 horas e quintas-feiras no horário das 10:15 às 11:05 horas, sendo que todas as terças as duas quadras estão disponíveis a intervenção pedagógica, já quinta existe um revezamento de quadras no qual a quadra coberta é disponibilizada duas semanas seguidas e na semana subsequente apenas a mini quadra pode ser utilizada.

**Figura 4:** Quadra coberta, sala de materiais e mini quadra do colégio RN



**Fonte:** Acervo do pesquisador

A turma da 3<sup>a</sup> série A tinha 39 alunos frequentes no início da intervenção pedagógica, sendo 17 meninos e 22 meninas. A maior parte dos estudantes relatou no questionário não participar regularmente das aulas de Educação Física pelo desinteresse em realizar atividades físicas. Chamou a atenção que muitos meninos relataram no início da intervenção pedagógica, durante uma roda de conversa para definir conteúdos e objetivos seguindo recomendações da pesquisa-ação, serem praticantes de musculação. Durante a conversa, percebemos o interesse dos demais estudantes sobre esta prática, como realizar os movimentos com postura correta, interesse em aprender sobre ganho de massa muscular, maneira de calcular a carga correta para executar os movimentos, o que culminou com a escolha deste conteúdo para ser devidamente estudado pela turma durante a intervenção.

Já o colégio RS atualmente não funciona no período noturno, sendo que o ensino médio é ofertado apenas pela manhã. De acordo com a secretaria do colégio, do total de 545 alunos do colégio, 339 frequentam o período matutino. Os estudantes em grande parte vêm de bairros periféricos da região sul de Maringá, chegam ao colégio de ônibus e são de famílias com renda familiar muito baixa. No colégio existem

muitos estudantes em situação de vulnerabilidade, por serem usuários de drogas ou realizar serviço noturno. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Colégio RS, 2017)

O referido colégio conta para as aulas de Educação Física com uma grande área verde que têm muitas árvores e gramado, um salão nobre com capacidade para 100 pessoas que tem projetor de imagens, que pode ser agendado pelos professores para as aulas, e duas quadras poliesportivas com arquibancada, das quais uma é coberta, e foi reformada no último trimestre de 2018, e outra descoberta. Em relação aos materiais disponíveis para todos os professores de Educação Física, são insuficientes e pouco conservados, sendo que no início do ano letivo cada professor recebeu uma bola nova de futsal, voleibol e basquetebol. Por fim, nas proximidades do colégio encontra-se um bosque com benfeitorias como uma pista de caminhada e corrida, uma ciclovia, além de uma Academia da Terceira Idade.

**Figura 5:** Locais úteis para realização da aula de Educação Física e sala de materiais no colégio RS



**Fonte:** Acervo do pesquisador

A 3ª série A do colégio RS tem 34 alunos frequentes, dos quais 17 meninos e 17 meninas, e por conta do abandono pedagógico, grande parte dos meninos relataram gostar da aula por sempre ter futsal, e a maioria das meninas relatou não participar ou desempenha um papel secundário nas aulas, seja mexendo no celular, conversando, jogando “toquinho” ou damas. Outra característica marcante da turma,

e relatada por eles em roda de conversa, é o relevante número de estudantes participantes do programa Jovem Aprendiz que em grande parte se deslocam do colégio diretamente para o trabalho no período da tarde, situação que conforme Mattos e Chaves (2010) pode causar defasagem na aprendizagem e evasão escolar.

As aulas de Educação Física nesta turma acontecem nas terças e quintas-feiras no horário das 9:10 às 10:00 horas, sempre com disponibilidade de todos os ambientes pedagógicos.

Na reunião pedagógica do início do ano letivo foram definidos pelos professores regentes da disciplina nas referidas turmas, em conjunto com as pedagogas, os critérios e o peso de cada uma das avaliações. O sistema avaliativo da disciplina de Educação Física nos dois colégios é realizado trimestralmente. Enquanto o colégio RN prioriza a participação dos estudantes nas aulas (6,0 pontos), distribuindo ainda nota para trabalhos (4,0 pontos), o colégio RS tem como estratégia valorizar a avaliação teórica (4,0 pontos), contando ainda com notas para participação (3,0 pontos) e trabalhos (3,0 pontos).

Vale ressaltar que a Secretaria de Estado da Educação do Paraná exige a utilização de no mínimo dois instrumentos avaliativos e direito a recuperação integral das notas pelos estudantes (Instrução nº 15/2017 – SUED/SEED). Como podemos observar a maior diferença está na presença da avaliação teórica que é valorizada em uma escola, e sequer é mencionada na outra.

# 7 RESULTADOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

---

---

## 7.1 Desenvolvimento das aulas

Conforme descrevemos na seção anterior, o planejamento foi discutido inicialmente com o professor regente e pedagoga responsável pela turma, uma vez que as escolas trazem em seus projetos político-pedagógicos a organização e sistematização da disciplina, o que influenciou a escolha de certos conteúdos. Os estudantes também foram inseridos neste processo em um segundo momento, no qual puderam optar por alguns conteúdos, além de colaborarem na elaboração dos instrumentos avaliativos, conforme os preceitos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011; FRANCO, 2015).

Todos os conteúdos foram ensinados seguindo os preceitos da pedagogia histórico-crítica, inclusive utilizando a sequência de etapas que concretizam a aprendizagem (GASPARIN, 2012) nesta pedagogia, em consonância com os elementos articuladores presentes na Diretriz Curricular da Educação Básica do Paraná (2008). Salientamos que neste tópico abordaremos com maior ênfase o comportamento, envolvimento e aprendizagem dos estudantes nas aulas, não aprofundando muito discussões sobre o planejamento, uma vez que existe uma versão detalhada desenvolvida para cada uma das turmas que se encontra nos apêndices VI e VII.

No processo coletivo de escolha dos conteúdos, preconizado pela pesquisa-ação, percebemos o quão diferente eram as turmas, uma vez que a opção por certas temáticas foi completamente oposta nas duas realidades, o que creditamos principalmente a diferença da cultura em que os estudantes estão inseridos (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Colégio RN, 2016 e PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – Colégio RS, 2017). Observamos também a importância das modalidades esportivas ofertada por cada escola em contraturno como fator significativo na escolha dos conteúdos, uma vez que alunos que já treinaram se identificam e sentem segurança em realizar estas modalidades.

Como resultado das reuniões com estudantes, professores e pedagogas optamos por definir alguns conteúdos em comum entre as turmas, como o ensino do *slackline*, o futebol, o frisbee, IMC (índice de massa corporal) e frequência cardíaca. Já outros conteúdos percebemos como necessidades específicas de cada uma das turmas, e assim destacamos que no colégio RS foram escolhidos os conteúdos skate e futebol americano, e no colégio RN a musculação, o voleibol e o *rugby*.

Como no caminho entre a escola e suas casas existe uma pista de skate, e alguns já fizeram ou fazem o uso da mesma, mas reclamaram da escola não permitir a entrada de skate, optamos por este tema. Vários meninos gostam do futebol, pois sempre jogaram, sendo que dois treinam em times. Durante nossa conversa surgiu a ideia de realizarmos também o futebol americano. As meninas inicialmente foram contra devido a violência do esporte, mas expliquei a elas que existe o jogo de *Tag*, no qual se rouba o colete ao invés de derrubar, então elas aprovaram a ideia (diário de campo 01 – Colégio RS)

Muitos alunos desta turma já treinaram voleibol no colégio, e por gostarem do esporte resolveram aprofundar seus conhecimentos na modalidade. Na turma cinco alunos fazem musculação e ao falarem sobre o assunto muitos se interessaram e disseram querer conhecer mais sobre o tema (diário de campo 01 – Colégio RN)

Os conteúdos *slackline*, *frisbee*, IMC e frequência cardíaca foram escolhidos justamente para os estudantes que não participavam anteriormente, se sentissem mais à vontade por não estarem em uma situação de inferioridade técnica e de conhecimento dos conteúdos, vivenciando assim uma nova situação, além de neste contexto conseguirmos observar até que ponto estas turmas aceitariam algo considerado “novo” após conviverem com o abandono pedagógico. A ideia de trazer o futebol para esta intervenção foi aproveitar o gosto da maioria por esta modalidade, mas trazendo uma organização diferente da que os estudantes estavam acostumados, voltada a inclusão de todos, ou seja, buscando um novo método para abordar o tema com os mesmos. Sabemos que mudar a maneira com que o futebol é organizado na escola não será tarefa simples, uma vez que

Os alunos resistem ao seu ensino sistematizado; que o futebol é produzido predominantemente na forma de jogo; que a produção do futebol nas aulas é semelhante à sua produção em outros tempos escolares (recreio) e sociais (fora da escola) (FARIA, 2014)

No quadro a seguir apresentamos a sistematização das aulas utilizadas em cada uma das turmas para realizar a intervenção, a qual foi sendo construída e revisada durante todo o processo devido as características da pesquisa-ação.

**Quadro 4:** Sistematização dos encontros realizados nas turmas de 3ª série dos colégios RS e RN

<b>AULA</b>	<b>SISTEMATIZAÇÃO - COLÉGIO RS</b>	<b>SISTEMATIZAÇÃO - COLÉGIO RN</b>
01	Conhecendo a turma e escolhendo os conteúdos	Conhecendo a turma e escolhendo os conteúdos
02	Slackline – problematização, montagem da fita e técnicas de equilíbrio	Slackline – problematização, montagem da fita e técnicas de equilíbrio
03	Slackline – andando sobre a fita e realização de manobras simples.	Slackline – andando sobre a fita e realização de manobras simples.
04	Futebol – conversa sobre as formas que praticavam na aula, problematização e formação de grupos de trabalho.	Futebol – conversa sobre as formas que praticavam na aula, problematização e formação de grupos de trabalho.
05	Futebol – treinando os fundamentos nos grupos de trabalho.	Futebol – treinando os fundamentos nos grupos de trabalho.
06	Futebol – jogos reduzidos (1x1 e 2x2) e jogo misto entre meninos e meninas, conforme os grupos definidos	Futebol – jogos reduzidos (1x1 e 2x2) e jogo misto entre meninos e meninas, conforme os grupos definidos
07	Futebol – Jogos com regras adaptadas e organização de evento de futebol.	Futebol – jogos com regras adaptadas e organização de evento de futebol.
08	Futebol – realização de evento teste.	Futebol – realização de evento teste.
09	Futebol – realização do evento.	Futebol – realização do evento.
10	Futebol – textos do livro didático	Futebol – textos do livro didático
11	Futebol – assistir e debater o vídeo da espn w (invisible players) relacionado a desvalorização das mulheres no esporte	Futebol – assistir e debater o vídeo da espn w (invisible players) relacionado a desvalorização das mulheres no esporte
12	Futebol – assistindo o vídeo e colando cartaz do evento. Roda de conversa sobre o conteúdo estudado	Futebol – assistindo o vídeo e colando cartaz do evento. Roda de conversa sobre o conteúdo estudado
13	Skate – problematização, vídeos sobre as diversas modalidades, demonstração dos estudantes experientes. Andar sentado e realizar a remada com apoio	IMC – cálculo e mensuração em espaço aberto
14	Skate – treinando o equilíbrio e a realização de curvas. Manobras simples	IMC – vídeos, slides e debate sobre obesidade e distúrbio de imagem corporal
15	Skate – realização de competição e conversa sobre os preconceitos relacionados a prática da modalidade	Frequência cardíaca – problematização, conceitos básicos e relação com o treinamento
16	IMC – cálculo e mensuração em espaço aberto	Frequência cardíaca – mensuração com frequencímetro, celular e manualmente
17	IMC – vídeos, slides e debate sobre obesidade e distúrbio de imagem corporal	Frequência cardíaca – mensuração em jogos coletivos
18	Frequência cardíaca – problematização, conceitos básicos e relação com o treinamento	Frequência cardíaca – mensuração no teste “shuttle run”, em caminhadas e corridas em diferentes intensidades
19	Frequência cardíaca – mensuração com frequencímetro, celular e manualmente	Frequência cardíaca – trabalho utilizando as frequências anotadas em cada atividade física
20	Frequência cardíaca – mensuração em atividades realizadas na quadra	Treinamento em academia – conceitos básicos



21	Frequência cardíaca – mensuração em atividades realizadas no bosque	Treinamento em academia – visita a uma academia, utilização dos aparelhos e palestra do instrutor
22	Frequência cardíaca – trabalho utilizando as frequências anotadas em cada atividade física	<i>Ultimate Frisbee</i> – problematização. Aprendendo a lançar e receber o disco
23	<i>Ultimate Frisbee</i> – problematização. Aprendendo a lançar e receber o disco	<i>Ultimate Frisbee</i> – treinando lançamento em curva e competições de lançamento
24	<i>Ultimate Frisbee</i> – treinando lançamento em curva e competições de lançamento	<i>Ultimate Frisbee</i> – jogo com regras que facilitam a realização da partida
25	<i>Ultimate Frisbee</i> – jogo com regras que facilitam a realização da partida	<i>Ultimate Frisbee</i> – Assistindo vídeos sobre o esporte e discutindo a ética em um jogo sem arbitragem
26	<i>Ultimate Frisbee</i> – Assistindo vídeos sobre o esporte e discutindo a ética em um jogo sem arbitragem	<i>Ultimate Frisbee</i> – jogo completo
27	<i>Ultimate Frisbee</i> – jogo completo	<i>Rugby</i> – problematização. Conhecendo a história, as regras e fundamentos do esporte
28	<i>Ultimate Frisbee</i> – jogo realizado no jardim da Catedral de Maringá entre o 3º ano e outra turma do colégio	<i>Rugby</i> – treinando os lançamentos e as linhas de defesa e ataque
29	Futebol americano – problematização, fundamentos e regras por meio de vídeos	<i>Rugby</i> – jogos reduzidos e jogo completo
30	Aula sem intervenção do professor	Avaliação e replanejamento dos conteúdos
31	Aula sem intervenção do professor	Voleibol – problematização. Filmando e analisando o toque e a manchete
32	Futebol americano - treinando o lançamento em espiral da bola oval, além do snap e a recepção	Voleibol - realização de exercícios de correção e repetição do toque e manchete
33	Replanejamento	Voleibol – jogos reduzidos 1x1, 2x2 e 3x3
34	Futebol americano – debater a lesão classificada como concussão após os estudantes terem assistido ao filme “um homem entre gigantes” como tarefa	Voleibol – debate sobre a inclusão de transgêneros no voleibol profissional e outros esportes
35	Lesões – explicar a causa, efeito e recuperação das principais lesões que acometem os atletas e as pessoas em seus ambientes de trabalho	Voleibol – treinar o saque e exercícios de ataque e defesa.
36	Futebol americano - treinando o lançamento em espiral da bola oval, além do <i>snap</i> e a recepção	Análise de movimentos e posturas cotidianas. Explicar o trabalho a ser apresentado em forma de seminário
37	Futebol americano - treinando lançamento com rotas dos recebedores, com e sem marcação e treinamento de ataque terrestre com ajuda dos bloqueios. Realizar <i>tackle</i> com coletes	Voleibol – realizar jogo completo, adaptado a dificuldade de alguns estudantes.
38	Futebol americano - treinando os 3 tipos de chute ( <i>punt</i> , <i>fieldgoal</i> e <i>kickoff</i> ) e	Apresentação de um seminário sobre postura ou movimentos esportivos

	compreendendo o momento de utilizar cada um no jogo	escolhidos pelos grupos. Debate dos trabalhos
39	Futebol americano - treinando as técnicas e táticas do ataque e da defesa, realizando o jogo de defesa contra o ataque	Apresentação de um seminário sobre postura ou movimentos esportivos escolhidos pelos grupos. Debate dos trabalhos
40	Futebol americano – realização do jogo completo	Apresentação de um seminário sobre postura ou movimentos esportivos escolhidos pelos grupos. Debate dos trabalhos

Fonte: Silva (2020)

Em ambas as turmas a intervenção foi iniciada pelo *slackline*, opção feita justamente para ensinar uma novidade que julgamos envolver desafio e prazer, além de também ser o plano de unidade mais curto e com menor quantidade de conhecimentos teóricos envolvidos, evitando neste primeiro momento atritos com os estudantes.

Figura 6: Aula de *slackline* - andando sem apoio



Fonte: Acervo do pesquisador

Mesmo assim encontramos dificuldades em relação a participação de alguns estudantes. No colégio RS a primeira aula ocorreu sem nenhum problema, com a participação de todos os alunos. Acredito que grande parte do sucesso da aula que desenvolvemos se deu justamente pelo espaço adequado que havia para instalar as duas fitas de *slackline*, em três árvores seguidas, o que propiciou um desafio

interessante aos menos habilidosos que tentavam atravessar a fita menor, quanto aos mais habilidosos que tentavam atravessar as duas fitas e realizar manobras básicas na fita. Porém, na segunda aula sobre o tema, alguns meninos que já estavam dominando melhor a técnica, e entendendo que já tinham cumprido o objetivo, pediram e pressionaram bastante para jogar futsal na quadra ao lado. O pedido dos estudantes foi negado, e acrescentamos novos desafios e manobras para os mesmos, e desta maneira alguns voltaram a aula e outros ficaram apenas observando o restante da aula contrariados com a decisão tomada.

**Figura 7:** Aprendendo a técnica correta para andar na fita de *slackline*



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Já no colégio RN desde o início da aula os estudantes se mostraram resistentes as atividades introdutórias de montar a fita e se equilibrar parado sobre a mesma. Os problemas só aumentaram, pois tivemos problemas com a distância entre as árvores, o que impossibilitou a colocação da fita em um espaço adequado, fazendo com que as fitas ficassem frouxas.

Mais de 50% da turma foi embora 10 minutos antes do sinal, sem pedir autorização. Cerca de 7 alunos continuaram até o final e valorizaram o desafio de atravessar a fita. A fita ficou frouxa e longa, desestabilizando os alunos, o que tornou o desafio inalcançável para a maioria destes (Diário de campo 2 – Colégio RN)

Devido aos problemas da primeira aula, resolvemos mudar a estratégia de ensino, dividindo a turma em grupos e realizando uma competição, na qual objetivos de montar a fita, andar sobre ela e realizar manobras valiam pontos. Desta maneira a aula ocorreu com maior êxito na aprendizagem e alcançou a participação de quase todos os estudantes.

De maneira geral, a aceitação ao conteúdo foi boa nas duas escolas, e o que consideramos mais importante é que muitos estudantes que não participavam das aulas neste momento já tiveram uma nova postura.

Neste plano de unidade, acabamos por confirmar os relatos de Dal Cin e Kleinubing (2014) uma vez que nossos alunos também apresentaram certa resistência inicial, no caso do colégio RN relacionada com o medo da exposição e do fracasso na execução da tarefa, aproximando nosso relato ao da autora citada. Em ambos os casos relacionamos esta resistência a falta de experiência, que produziu dúvidas sobre os resultados na tarefa, o que os estudantes julgaram como exposição desnecessária, situação indesejável nesta faixa etária.

**Figura 8:** Visão geral da aula de *slackline*



**Fonte:** Acervo do pesquisador

O segundo conteúdo escolhido para os estudos foi o futebol, sendo explorados principalmente aspectos relacionados a técnica e o desenvolvimento de estratégias de envolvimento coletivo dos estudantes nos jogos, além de debates realizados nas aulas finais sobre temas como a profissão de jogador de futebol e a questão salarial, item devidamente fundamentado no livro didático da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2006); o sonho dos jovens em se tornar profissionais deste meio profissional; e o preconceito relacionado a participação das mulheres em jogos de futebol.

Entendemos que o grande desafio deste conteúdo era justamente resgatar estudantes que há tantos anos observam os colegas de classe jogando na aula e ficavam excluídos da atividade. Como estratégia metodológica, inicialmente definimos grupos de estudantes que deveriam trabalhar juntos para a melhoria dos fundamentos, sendo que nestes grupos inserimos alunos com diferentes condições técnicas e experiência com o esporte. Desta maneira os estudantes com maior capacidade técnica ficaram responsáveis por auxiliar a aprendizagem dos demais durante os exercícios propostos.

Em um segundo momento realizamos jogos reduzidos (1x1; 2x2; 3x3) entre os grupos, enfatizando que os estudantes deveriam participar com companheiros de nível técnico próximo ao seu. Quando os estudantes estavam mais ambientados ao

esporte partimos para dois grandes jogos. No primeiro os estudantes precisaram recriar regras no jogo para que os alunos de menor técnica tivessem alguma vantagem que viabilizasse sua participação no jogo, e por fim realizamos um jogo de meninos contra meninas, no qual as regras foram sendo modificadas por diversas vezes priorizando a diversão e o nivelamento da competitividade.

O último momento prático foi a realização de um evento de futebol em que os estudantes puderam escolher a função que teriam (atletas, torcedores, árbitro, mesários, repórteres, jornalistas, fotógrafos e equipe de filmagem e edição) e deveriam realizar um trabalho composto por uma notícia de jornal e uma reportagem sobre o jogo.

Utilizamos este modelo para o conteúdo futebol baseados na experiência do modelo esporte educacional (MESQUITA *et al.*, 2014), dando ênfase tanto a vivência da técnica esportiva quanto para o desenvolvimento do entusiasmo pela modalidade. Salientamos que a utilização do esporte educacional foi parte do processo que envolvia o desenvolvimento do conteúdo futebol, que foi complementado com problematizações, textos e debates embasados na Diretriz Curricular Básica da Educação do Paraná (2006).

**Figura 9:** Jogo reduzido de futsal



**Fonte:** Acervo do pesquisador

No colégio RS em que as meninas antes da intervenção eram excluídas do futebol, tivemos uma grande dificuldade em fazer com que estas alunas participassem da aula, uma vez que demonstravam sentimento de incompetência para o jogo. Porém, quando propomos a modificação das regras, as mesmas passaram a se divertir e declararam a satisfação com a aula.

Algumas meninas se sentiram incompetentes para participar dos jogos se recusaram a participar com os meninos (Diário de campo 05 – Colégio RS)

Os alunos participaram com muita motivação do jogo. Em relação a roda de conversa, os alunos declararam que geralmente as meninas não participam dos jogos de futsal, com exceção de duas mais habilidosas e que a experiência foi muito interessante (Diário de campo 06 – Colégio RS)

As meninas declararam na roda de conversa que a experiência foi satisfatória e gostariam de realizar o jogo novamente (Diário de campo 07 – Colégio RS)

**Figura 10:** Roda de conversa após uma aula de futsal



**Fonte:** Acervo do pesquisador

No colégio RN, durante toda a aplicação deste plano de unidade a participação e envolvimento dos estudantes foi ótima, sendo que apenas 3 alunas se negaram a fazer desde o começo do conteúdo, participando apenas do evento final.

Apenas 3 meninas se recusaram a realizar desde a primeira aula do conteúdo, sendo que uma estava de atestado, outra reclamou de dores pela menstruação e outra disse que estava com vergonha (Diário de campo 06 – Colégio RN)

Por fim, o evento final nos dois colégios foi um sucesso, com participação plena dos estudantes em todas as funções, boa organização na divisão e realização das tarefas, e execução destacada dos trabalhos propostos. Pelo que observamos, a proposta de fechamento de planos de unidade com eventos inclusivos, parece ser uma proposta interessante para os professores de Educação Física que atuam no ensino médio.

Os alunos ficaram eufóricos para visualizar o resultado do evento com a filmagem e reportagem (Diário de campo 12 – Colégio RS)

A participação coletiva no trabalho se mostrou um método eficiente neste momento, sendo que na avaliação coletiva feita no final da aula, foi relatado que todos cumpriram sua função sem problemas, pois se sentiram parte integrante do trabalho [...] os alunos ficaram empolgados com o resultado, pois o vídeo foi muito bem editado e eles quiseram assistir o vídeo várias vezes (Diário de campo 09 – Colégio RS)

O aluno que editou o vídeo me procurou para relatar o prazer que teve na atividade, pois ele vai fazer vestibular de publicidade, e percebeu uma relação com algo que ele gosta muito, e como ele foi muito elogiado por todos, se sentiu muito bem (Diário de campo 12 – Colégio RS)

O jogo foi empolgante, havendo duas viradas de placar. Até o professor da turma pediu para jogar. Ao final as torcidas estavam muito felizes. Todos adoraram o evento. Ninguém queria voltar para a última aula. Queriam continuar falando do evento (Diário de campo 09 – Colégio RN)

Ao voltar para sala, um dos alunos me interrompeu para dizer que foi o melhor trabalho que ele já fez em seus anos de estudo. Agradei. Percebi como realizar este tipo de evento motiva os alunos e respeita a individualidade e gosto dos mesmos (Diário de campo 09 – Colégio RN)

Destacamos, portanto, a necessidade dos professores de Educação Física serem persistentes, além de desenvolverem diferentes abordagens para atingir os objetivos propostos quando submetidos a turmas que vivenciaram o abandono pedagógico, uma vez que estas demonstram muitas vezes dificuldade de aceitação ao diferente e ao novo.



**Figura 11:** Entrevista ao final do evento de futsal



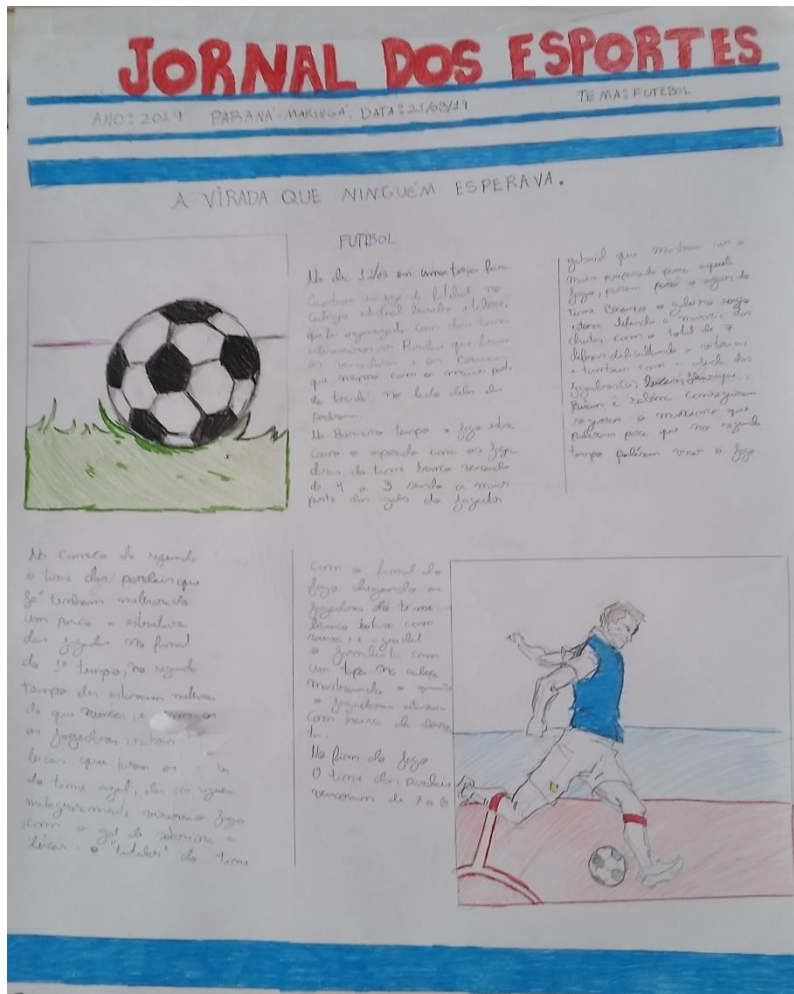
**Fonte:** Acervo do pesquisador

**Figura 12:** Estudantes participando da torcida durante o evento de futsal



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Figura 13: Reportagem escrita sobre o evento de futsal no colégio RN



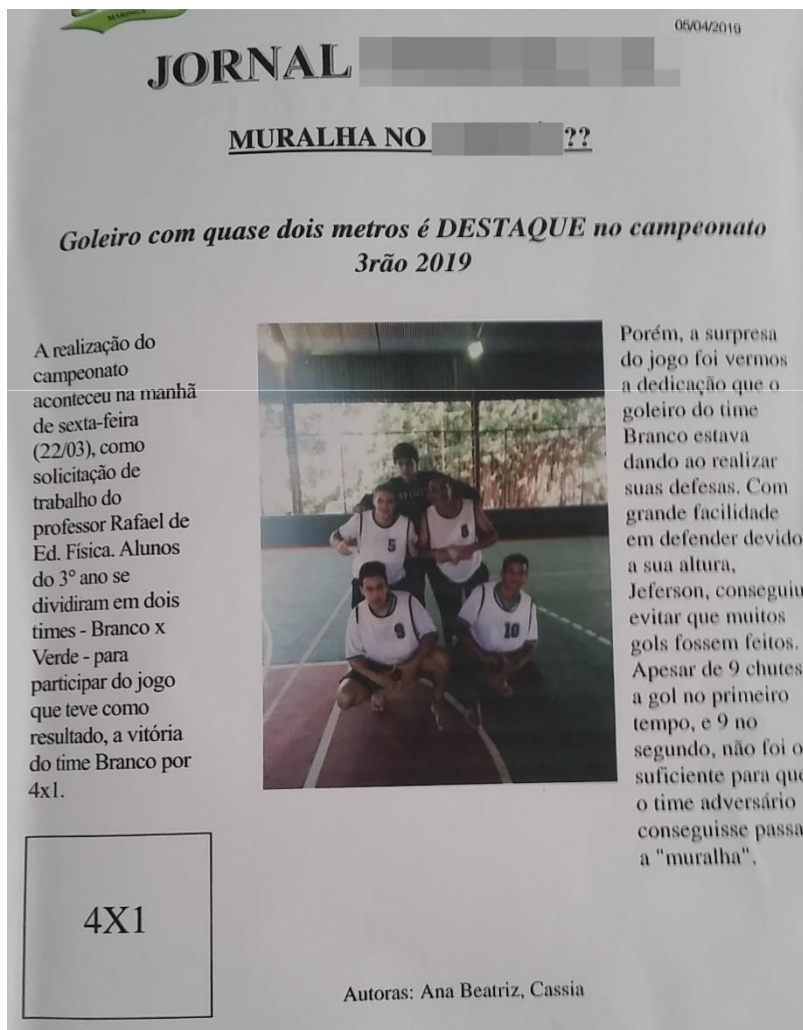
Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 14: Aluno filmando o evento de futsal



Fonte: Acervo do pesquisador

Figura 15: Reportagem escrita sobre o evento de futsal no colégio RS



Fonte: Acervo do pesquisador

Em relação as aulas teóricas sobre o futebol, foram muito proveitosas, produzindo por vezes debates acalorados, uma vez que alguns garotos negaram a existência do preconceito sobre a mulher no esporte e outros que ainda têm o sonho de serem jogadores de futebol tendem a negar a dificuldade de se tornar atleta profissional. As explicações sempre foram acompanhadas de slides, apresentação de artigos atualizados e utilização do livro didático da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (2006).

Porém na última aula teórica, ao entregar o livro didático aos estudantes do colégio RS, encontramos novamente resistência dos mesmos meninos

Os mesmos alunos que sempre pedem futsal, inicialmente se mostraram resistentes a terem que utilizar o livro didático durante a aula. Alguns poucos não prestaram atenção [...] muitos alunos gostaram da discussão. Os mesmos alunos que sempre demonstram resistência ao estudo, parecem não ter gostado da aula (Diário de campo 10 - Colégio RS)

Observamos neste momento como está presente ainda no pensamento destes estudantes a ideia de que a Educação Física escolar deve servir aos seus interesses, ao puro lazer. Neste ponto somos obrigados a concordar com Pich *et al.* (2013) que delataram a capacidade do abandono pedagógico suprir as necessidades de uma parcela dos alunos, ou seja, percebemos que estes ainda buscam dominar novamente as ações com o objetivo de impor o abandono pedagógico. Esclarecemos que este comportamento está sendo percebido em um grupo reduzido de estudantes e, portanto, manter o controle da situação não foi uma tarefa difícil.

A escolha da próxima unidade temática, se deu por pedido dos professores e pedagogos das turmas, uma vez que o Índice de Massa Corporal (IMC) já é mensurado todos os anos pelo professor de Educação Física da Rede Estadual do Paraná para que os dados sejam repassados a SEED. Porém, nossa proposta foi aprofundar um pouco mais a discussão, trazendo explicações sobre distúrbio de imagem corporal e sua relação com doenças como anorexia, bulimia e vigorexia.

Inicialmente ensinamos os estudantes a medir o IMC, e para nossa surpresa nenhum aluno do colégio RN e pouquíssimos alunos do colégio RS conheciam a fórmula ou sabiam utilizá-la corretamente. Também ensinamos como analisar o resultado obtido, além de explicar a quais populações este índice é válido e para quais pessoas ele não retrata a realidade.

Em seguida realizamos a mensuração do índice em local aberto, para que todos pudessem trocar experiências sobre os resultados obtidos. Geralmente os professores mensuram esta medida isolando o aluno dos demais, evitando assim *bullying* ou algum mal-estar. A ideia era realmente causar certo desconforto, uma vez que este desconforto serviria como importante introdução a discussão sobre o tema “distúrbio de imagem corporal”.

E realmente no colégio RS tivemos este desconforto, uma vez que duas alunas são obesas e pediram para realizar a medida isoladas dos demais, o que foi prontamente atendido. Já no colégio RN nenhum aluno se sentiu constrangido com a mensuração pública do seu peso.

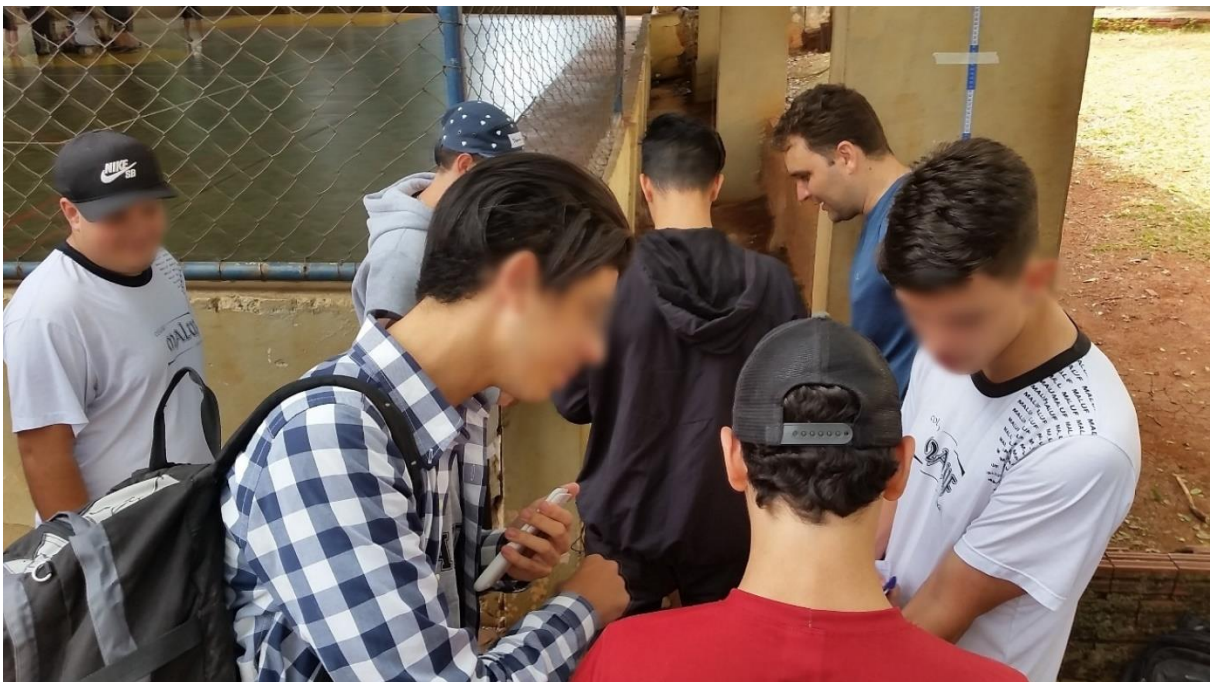
Nos dois colégios, os estudantes pediram para jogar enquanto não eram chamados para pesar. Como percebemos que não traria prejuízo ao conhecimento, aceitamos.

**Figura 16:** Os estudantes pesando, medindo a altura e calculando o IMC



Fonte: Acervo do pesquisador

**Figura 17:** Estudantes se ajudando para realizar o cálculo do IMC



Fonte: Acervo do pesquisador

Percebemos nas aulas seguintes, nos ensinamentos sobre imagem corporal, anorexia, bulimia e vigorexia, um interesse muito grande sobre os temas, uma vez que dilemas relacionados a percepção corporal fazem parte da adolescência, já que nesta fase da vida os jovens têm a necessidade de pertencerem a certos grupos, e muitas vezes a aceitação pelos pares passa pela estética corporal.

Em muitos momentos da aula os estudantes interromperam com dúvidas ou querendo aprofundar mais sobre os assuntos e também participaram relatando experiências próprias ou de terceiros.

A aula foi muito intensa pela interação dos alunos. Uma aluna relatou sofrer de bulimia. Foi bem difícil administrar a aula, ela chorou muito o tempo todo [...] gostaram muito da aula, pois interagiram muito, e alguns alunos até ficaram para depois do sinal [...] em conversa posterior disseram que o tema foi muito interessante e alguns vieram falar sobre o assunto fora da aula, o que demonstrou a vontade de participar (Diário de campo 17 – Colégio RS)  
Os alunos ficaram atentos, pois o conteúdo parece ter muita relação com o dia a dia deles, contemplando alguns de seus dilemas e frustrações (Diário de campo 17 – Colégio RN)

Porém esta aula ocorreu no colégio RN logo que voltamos da greve, portanto os estudantes estavam ainda em um ritmo mais lento, e pediram para realizar a aula na quadra. Conversamos com eles e estes entenderam a necessidade de dar continuidade ao conteúdo planejado. Conforme citamos acima, a aula depois deste primeiro momento transcorreu muito bem.

No final da unidade temática conversamos com as duas turmas para entender se as unidades temáticas realmente estavam de acordo com as necessidades e interesses dos estudantes, sendo o *feedback* bem positivo. Apenas alguns estudantes das duas turmas pediram para ter algumas “aulas livres”, porém a maioria rechaçou a ideia.

A próxima unidade temática que foi trabalhada nas duas intervenções teve como tema a frequência cardíaca (FC) e a importância de sua mensuração durante a atividade física. A ideia foi ensinar inicialmente os conceitos teóricos, como a mensuração da FC, os instrumentos de medida, a FC de repouso e a máxima, e zona alvo de treinamento. No segundo momento realizar atividades físicas diversas e mensurar a FC durante a execução das mesmas, e por fim, realizar um trabalho de análise e comparação de suas frequências com outros estudantes.

O colégio RS fica ao lado de um bosque com pista de corrida, a qual utilizamos em uma das aulas. Percebemos que o ato de sair do ambiente escolar foi fator motivacional importante aos estudantes que participaram e quiseram aprender mais sobre o assunto.

**Figura 18:** Estudantes na ATI realizando exercícios diversos e medindo a frequência cardíaca



Fonte: Acervo do pesquisador

Não podemos deixar de mencionar que no início desta unidade temática, por iniciarmos pela parte teórica, no colégio RN cerca de dez (10) alunos pediram logo que adentrarmos a sala de aula que fossemos para a quadra nas palavras deles para “jogar”. Nesta altura da intervenção já observamos uma tendência dos estudantes do colégio RN a questionar mais a metodologia das aulas, uma vez que no colégio todas as outras turmas vivenciavam no mesmo período o abandono pedagógico.

Porém com o andamento da aula os estudantes foram se interessando pelo conteúdo, percebendo como podiam utilizá-lo no cotidiano. Entre a primeira e segunda aula sobre o conteúdo, tivemos a morte de um tenista de 12 anos por parada cardiorrespiratória em Maringá, o que foi comentado durante a aula e aumentou o foco dos alunos e a participação efetiva deles. Por fim, ao final das aulas teóricas desta unidade temática, os estudantes já estavam tendo uma postura de boa participação.

Alguns alunos ainda questionaram a não ida para a quadra. Expliquei que o conteúdo é teórico e prático. Para haver compreensão da prática é necessário pensar sobre ela, e esta foi minha fala. Com o decorrer da aula parecem ter entendido isto (Diário de campo 15 – Colégio RN)

Os alunos foram muito além do conteúdo inicialmente pensado para a aula. Perguntaram sobre dor muscular, utilização de anabolizantes, entre outros assuntos [...] a aula parece ter sido ótima. Alunos aprofundando o assunto. O tempo todo atentos e participando intensamente da aula (Diário de campo 15 – Colégio RN)

Os alunos novamente se interessaram pelo tema. Percebi que muitos deles gostam de musculação e relatei o tema com o treinamento de musculação. Os alunos tiraram muitas dúvidas. Pareciam crianças descobrindo o mundo. (Diário de campo 16 – Colégio RN)

Porém durante as atividades práticas selecionadas para realização no colégio RN, um grupo cerca de oito (8) alunos não quiseram realizar parte das atividades mesmo depois de uma conversa realizada com os mesmos. Em algumas atividades conseguimos integrar estes estudantes fazendo com que estes mensurassem resultados e auxiliassem na organização das atividades.

Como mencionado, no colégio RS a aplicação deste conteúdo foi bem-sucedida desde o início, uma vez que optamos por dizer logo que durante as aulas realizaríamos atividades fora da escola nesta unidade de ensino. Outro fator preponderante para a boa aceitação dos estudantes foi a organização de conteúdos teóricos no mesmo período em outras turmas do colégio, já que como citamos anteriormente a intervenção foi realizada no mesmo colégio em que o pesquisador estava ministrando suas aulas como professor da Rede Estadual de ensino. As aulas no bosque foram muito bem aceitas, e os alunos realizaram corridas em diferentes ritmos, abdominais, flexões e utilizaram a ATI, sempre mensurando a Frequência Cardíaca (FC).

Os alunos ficaram muito empolgados em realizar atividades fora do ambiente escolar [...] pediram para ir no bosque mais vezes para realizar atividades (Diário de campo 21 – Colégio RS)

Outro destaque foi a utilização do aplicativo de celular *instant heart rate*, da empresa norte americana Azumio, o qual é utilizado para mensurar a FC e apresenta licença livre, o que viabilizou sua utilização nas aulas, sendo o mesmo uma estratégia de aprendizagem baseada na utilização da tecnologia, que pode facilitar ou incentivar a aprendizagem (SOUZA e SOUZA, 2010).



Gostaram muito de medir a FC com o aplicativo de celular. Tiveram interesse em entender o processo pelo qual a FC é medida pela câmera. Quiseram saber também a fidedignidade deste método. Todos baixaram o aplicativo em casa (Diário de campo 19 – Colégio RS)

Por fim, o último conteúdo em comum entre as duas intervenções foi o esporte *ultimate frisbee*. A opção por esta modalidade se deu principalmente por ser um esporte sem árbitros em que valores como o diálogo e respeito são pré-requisitos para pessoas que queiram praticá-lo. Portanto, a ideia nesta unidade temática foi justamente incentivar a participação e reflexão sobre a realização do esporte sobre esta perspectiva.

Optamos por ensinar os fundamentos inicialmente, justamente para incitar o gosto pela modalidade, e posteriormente falar sobre regras, organização do jogo e outros aspectos de trato teórico. Por fim realizamos o jogo, priorizando os ensinamentos citados acima, e sem a utilização de árbitros.

**Figura 19:** Treinando o lançamento do *frisbee* por meio de brincadeira com garrafas



**Fonte:** Acervo do pesquisador

A novidade foi muito bem aceita pelos estudantes. A ideia de começar pelos exercícios parece ter sido a mais acertada, pois os alunos ficaram eufóricos ao tomar contato com o disco em sala de aula e logo quiseram lançá-lo. No colégio RS a

participação nos exercícios ocorreu por todos os estudantes, mesmos os que no começo da intervenção não queriam realizar atividades práticas. Já no colégio RN um grupo de cerca de cinco (5) meninas continua a se negar a realizar atividades práticas, dizendo que preferem as aulas teóricas. Parece que as mesmas ainda estão acomodadas uma vez que o abandono pedagógico sempre permitiu esta postura das mesmas.

Durante as aulas teóricas um grupo de estudantes do colégio RN desaprovou a necessidade de ficar na sala, demonstrando por meio de falas diretas e olhares de reprovação, o que causou certo desconforto e novamente tivemos que retomar a importância de conhecer o objeto de estudo antes de realizar com mais consciência as diferentes atividades ensinadas. Porém, observando a totalidade das aulas nas duas turmas, entendemos que o conteúdo despertou o interesse da maioria dos estudantes, a ponto de quatro (4) alunos do colégio RS e três (3) do colégio RN pedirem para que vendêssemos o disco de *ultimate frisbee* para eles praticarem fora da escola. Acreditamos ser esta a comprovação de que estávamos interferindo, mesmo que pouco, na realidade de nossos estudantes.

Os alunos compreenderam as regras e o debate sobre ética em um jogo sem arbitragem foi bem produtivo (Diário de campo 25 – Colégio RN)

Os alunos gostaram da modalidade. Algo que achei interessante foi que três alunos quiseram comprar meus discos de *frisbee*, tamanho o interesse que tiveram pelo jogo (Diário de campo 26 – Colégio RN)

Participação voluntária de todos os alunos, algo impensável nas primeiras regências. Muitos alunos continuaram lançando o *frisbee* mesmo depois da aula (Diário de campo 23 – Colégio RS)

Alguns alunos perguntaram sobre onde comprar e o preço do *frisbee*, demonstrando o interesse em continuar a jogar fora da escola (Diário de campo 27 – Colégio RS)

O jogo final de *ultimate frisbee* foi um exemplo de como o resultado de uma aula pode ser influenciado pelas mais diversas situações. No colégio RS os estudantes pediram na penúltima aula do conteúdo para realizarem um jogo contra a 2ª série B no gramado da Catedral de Maringá, o que pudemos realizar com a autorização das pedagogas do colégio. Os alunos foram e voltaram da Catedral que fica cerca de 700 metros do colégio a pé na companhia apenas do professor. Para este momento tivemos que realizar uma troca de horário com outros professores. Constatamos que os estudantes realmente se sentem muito bem ao realizar

atividades fora do ambiente escolar. Por se tratar de uma disputa entre salas, alguns não quiseram realizar o jogo, mas mesmo assim, torceram e demonstraram felicidade por estar participando de um evento pensado por eles.

Os alunos que participaram estavam muito motivados. O jogo durou uma hora e ninguém pedia para parar [...] pediram para realizar mais aulas na catedral, pelo ambiente aconchegante e próximo a escola (Diário de campo 28 - Colégio RS)

**Figura 20:** Jogo de *frisbee* no gramado da Catedral entre a 2ª série B e 3ª série A



**Fonte:** Acervo do pesquisador

**Figura 21:** Lançamento com a técnica ensinada durante as aulas



**Fonte:** Acervo do pesquisador

**Figura 22:** Realizando jogo final de *ultimate frisbee* na Catedral



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Já no colégio RN preparamos o jogo para a quadra principal do colégio, porém na hora que iniciamos a partida começou a chover e como a quadra tem as laterais abertas, a chuva molhou quase metade da quadra. Tivemos que diminuir o número de estudantes por time e o jogo ficou sem espaço para movimentações. Muitos alunos desistiram de jogar devido ao ocorrido.

Choveu, o que fez com que quase meia quadra ficasse inviabilizada para o jogo, o que fez com que o jogo ficasse bem mais limitado. Assim alguns alunos foram perdendo o interesse durante o jogo [...] grande parte dos alunos participou, e mesmo com as limitações do espaço, gostaram do jogo. Alguns alunos vendo que o jogo estava prejudicado não quiseram participar (Diário de campo 26 – Colégio RN)

Por fim, percebemos que a mesma atividade pode ser útil e bem aceita por um grupo e em outra situação simplesmente ser um desastre, portanto cabe ao professor analisar as situações envolvidas para planejar a melhor atividade possível para seus alunos, além de estar atento para alterar a dinâmica de uma aula quando a aprendizagem não está ocorrendo conforme planejado.

Conforme citamos anteriormente, os estudantes auxiliaram na elaboração do planejamento e escolha dos conteúdos, uma vez que na pesquisa-ação a produção de conhecimentos deve priorizar a reflexão crítica da ação e a participação coletiva (FRANCO, 2005). Alguns destes conteúdos foram específicos para cada um dos colégios. No colégio RS, os estudantes optaram por estudar o skate e o futebol americano.

O skate faz ou já fez parte do cotidiano de muitos estudantes da turma, uma vez que ao lado do ponto de ônibus que muitos utilizam para voltar para casa depois das aulas tem uma pista de skate. Algo que citaram com irritação foi o fato de não poderem nem tirar o skate da bolsa no ambiente escolar, uma vez que é totalmente proibido nesta. Os alunos citaram que os skatistas são vistos como problemáticos e indisciplinados pela comunidade escolar.

Entendemos, portanto, que não se trataria apenas de ensinar a andar de skate ou fazer manobras para quem não sabia. Pensamos o planejamento de uma forma que o skate fosse inserido no ambiente escolar aos poucos. Este conteúdo também foi abordado na mesma época nas turmas de 1ª e 2ª séries do ensino médio, como forma de realizarmos uma conscientização mais ampla sobre o tema.

Em relação as aulas práticas, utilizamos os skates que foram emprestados pelos estudantes que praticavam a modalidade e no início todos se interessaram pelos exercícios que eram simples, além disso a ideia de pedir para os alunos mais experientes ajudarem os demais obteve êxito. Porém nas aulas seguintes quando os estudantes já sabiam se equilibrar sobre o skate e deveriam passar as manobras, muitos perderam o interesse. Um grupo de meninos voltou a pedir a bola de futebol, o que mostrou o desinteresse pelo conteúdo.

Alguns alunos ficaram conversando e me disseram que estavam resolvendo assuntos importantes. Tentei motivar os mesmos, mas não consegui retomar (Diário de campo 14 – Colégio RS)

**Figura 23:** O aluno mais experiente auxiliando a remada do skate feita pela colega de sala



Fonte: Acervo do pesquisador

**Figura 24:** Vários estudantes aprendendo a andar de skate



Fonte: Acervo do pesquisador

Porém as aulas teóricas foram muito proveitosas, e os estudantes tiveram debates interessantes sobre a postura e preconceito sofrido pelos skatistas, além da discussão sobre a utilização do skate na escola.

Por fim os estudantes realizaram manobras e andaram em diversos locais do colégio sempre com a supervisão do professor. A pedagoga apenas observavam a diversão dos alunos.

As consequências deste ato foram interessantes, uma vez que após a conclusão da unidade de ensino, uma das pedagogas me chamou em sua sala para elogiar o trabalho realizado, pedindo fotos para publicar em uma rede social do colégio, e por fim observamos uma mudança de postura em relação a presença do skate no colégio. A partir daquele momento, o skate passou a ser aceito no ambiente escolar, e cada vez mais estudantes passaram a fazer o percurso do ponto de ônibus até a escola com seus skates. Além disso, os skates não precisaram mais ficar escondidos dentro de bolsas e passaram a fazer parte do visual das salas de aula.

Ninguém precisou dizer nada, aos poucos os meninos praticantes de skate se sentiram encorajados e passaram a desfilarem com seus skates e a realizar manobras antes do sinal de entrada do colégio, na calçada da escola (Diário de campo 15 – Colégio RS)

Ao concluirmos este plano de unidade conseguimos atingir o principal objetivo da pesquisa-ação, que é a transformação por meio da conscientização e participação dos sujeitos das ações (FRANCO, 2005), uma vez que com as devidas limitações, houve a aceitação e respeito a prática do skate em um ambiente onde anteriormente este era visto com desconfiança por toda a comunidade escolar.

Figura 25: Publicação no facebook do colégio RS

14 de junho às 11:12

Professor Rafael Bernardo - Educação Física.

O slackline é classificado como um esporte de aventura (Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná), que chama a atenção pela possibilidade de ser praticado em meio a natureza e pela possibilidade de realização de manobras arriscadas sobre a fita. Quanto maior o espaço entre as árvores, maior a dificuldade, pois a corda acaba tremendo mais...

Na escola é utilizado para desenvolver o equilíbrio e a concentração dos alunos, além de estimular a aquisição de valores como companheirismo e resiliência.

26  
3 comentários · 1 compartilhamento

Curtir Compartilhar

Nidelei Baldasso Feliciano Na minha época não tinha essas coisas não, não podia nem chegar perto da casa da Vera kkkkkk  
Curtir · 4 d · Editado

Nidelei Baldasso Feliciano Amendo essas aulas. **Parabéns** Prof. Rafael e alunos que estão aceitando os desafios com tanta animação e compromisso.  
Curtir · 4 d

Nidelei Baldasso Feliciano  
Curtir · 4 d

Fonte: Acervo do pesquisador

Mesmo sabendo que o foco de nossa pesquisa era a percepção dos estudantes sobre a Educação Física escolar, não podemos deixar de apontar que muitos professores vieram nos procurar no Colégio RS para parabenizar nossa postura de ensino nas aulas de Educação Física. Muitos disseram que nunca tinham visto



professor de Educação Física “dando aula” ou que sequer sabiam da possibilidade de existirem conteúdos na disciplina. Em relação as pedagogas do referido colégio, sempre elogiaram a intervenção e sempre filmavam e expunham as aulas nas redes sociais. Se declararam satisfeitas com a abordagem. Antes do conselho de classe da escola, em todos os bimestres, as pedagogas conversavam com as turmas para saber como estava o andamento das aulas, e nossas aulas sempre foram citadas como dinâmicas e interessantes pelos estudantes.

**Figura 26:** Publicação no *facebook* do colégio RS



Fonte: Acervo do pesquisador

Este *feedback* positivo da comunidade escolar parece não ter relação somente com a intervenção pedagógica, mas com o trabalho realizado nas oito (8) turmas que atuamos neste ano no colégio RS, uma vez que nossa intervenção no colégio RN também obteve êxito, mas não alcançou tal repercussão. Kravchychyn *et al.* (2008) também propuseram em um colégio de Maringá a implantação de uma prática inovadora na Educação Física escolar em várias turmas de ensino médio ao mesmo tempo, o que propiciou uma avaliação positiva por professores, estudantes, gestores e pedagogos. Portanto, a mudança de olhar por toda a comunidade escolar sobre a disciplina tende a acontecer quando uma parcela considerável das turmas do colégio passa a ter experiências inovadoras, refletindo uma mudança de percepção generalizada.

Faria, Machado e Bracht (2012) relataram a desvalorização da disciplina de Educação Física até mesmo em colégios onde encontraram professores considerados inovadores. Neste sentido, percebemos que este sentimento de valorização é algo que se conquista aos poucos, portanto a mudança de *status* do professor e da disciplina vai depender de múltiplos fatores como o tempo de atuação no colégio, número de turmas que atua, tamanho do colégio, localização da quadra, entre outros.

O esporte futebol americano também foi um conteúdo escolhido pelos estudantes e foi o último a ser desenvolvido nesta turma. A opção por este foi influenciada pela presença de um aluno que joga no time da cidade e estimulou os demais a se envolverem no jogo, sendo que optamos pela versão com a utilização de *flags* para evitar pancadas e lesões.

Como neste plano de unidade tínhamos muitos conhecimentos teóricos e práticos a serem desenvolvidos, englobando um número de aulas considerável, resolvemos intercalar aulas práticas e teóricas.

Na primeira aula, em que mostramos vídeos e explicamos os fundamentos e a dinâmica do jogo, percebemos dois grupos muito distintos de estudantes. O primeiro composto por alunos que estavam muito motivados para aprender a modalidade, enquanto outro grupo estava muito disperso.

Os alunos interessados ficaram até depois da aula, no horário do intervalo, para assistir vídeos e fazer perguntas sobre o jogo (Diário de campo 29 – Colégio RS)

Na segunda aula optamos por iniciar a parte prática do esporte, porém ao subir para a quadra três (3) garotos me abordaram pedindo para jogar futebol, alegando

que pouco tinham jogado durante o ano, diferente do ano anterior. Conversei com eles e expliquei novamente que a Educação Física como disciplina escolar deve se preocupar com ensinamentos e não ser uma opção de lazer aos estudantes. Porém, ao iniciar as atividades grande parte dos alunos estava muito dispersa. Reuni todos novamente e tentei retomar a aula, porém muitos não seguiam os exercícios corretamente. Por fim, conversamos com os estudantes para entender o que estava acontecendo.

Fizemos uma roda para falar sobre a motivação dos mesmos nas aulas. Alguns alunos pediram para fazer algumas aulas livres para descansar, alegando que estavam muito cansados, pois não estavam acostumados com a aula como estava ocorrendo. Decidimos coletivamente por duas aulas livres. Espero que este momento renove a motivação de alguns alunos nas aulas (Diário de campo 30 – Colégio RS)

Faria (2014) relata que em vários estudos os professores descrevem uma resistência ao ensino sistematizado, havendo queixas dos profissionais sobre o que eles interpretam como indisciplina dos estudantes.

Durante estas duas aulas, a rotina de alguns estudantes jogando futebol enquanto grande parte conversava foi retomada, porém como combinado não intervi em nenhum momento na atitude dos mesmos.

Infelizmente ao retomarmos o plano de unidade na aula seguinte, tivemos novos problemas.

Foi um dia chuvoso e cerca de 10 alunos faltaram. Dos que vieram alguns não quiseram fazer mesmo com minha persistência. Durante a segunda atividade, alguns dos alunos não ouviram minha explicação devido a bagunça. Percebi que são justamente os alunos que costumemente importunam pedindo pra jogar futebol. Decidi voltar para a sala para conversar sobre a postura deles [...] os alunos-atletas não tem motivação para fazer nada além de futebol [...] alguns meninos mesmo após duas aulas livres quebraram nosso acordo e vieram me importunar para deixar jogarem futebol [...] demonstrei toda minha insatisfação em meu comportamento, voltei para sala sem falar com ninguém muito chateado com a situação (Diário de campo 32 – Colégio RS)

Na aula seguinte reunimos novamente os estudantes para avaliarmos o que deveria ser feito em prol da maioria.

Reavaliamos os procedimentos, discutimos o planejamento e a postura dos alunos [...] os alunos foram participativos e após muito debate concluímos que o comportamento perante as aulas deve ser modificado pelos alunos que estão atrapalhando [...] os alunos “rebeldes” aceitaram bem as críticas feitas ao seu envolvimento nas aulas [...] decidimos manter o futebol americano como conteúdo a ser abordado (Diário de campo 33 – Colégio RS)

Neste momento percebemos a importância da pesquisa-ação Franco (2005) e a adoção sistemática de suas etapas. O amadurecimento de processos como o planejamento participativo, replanejamento, a reflexão sobre a ação, fez com que os estudantes tomassem consciência sobre a necessidade de superação do abandono pedagógico. Por fim, percebi que houve uma ressignificação coletiva sobre o conceito da aula de Educação Física.

A partir da aula seguinte o comportamento dos estudantes se modificou para melhor, tanto nas aulas teóricas quanto práticas, evidenciando a importância do diálogo e reavaliação em conjunto com os mesmos.

Se interessaram e participaram plenamente da aula. Ninguém queria sair da aula para abrir a cantina, missão deles quando faltam 10 minutos para o intervalo [...] alguns alunos vieram até o garoto que joga futebol americano para pedir informações para começar a treinar o esporte (Diário de campo 36 – Colégio RS)

Após estudarmos a concussão, conteúdo que interessou muito eles, os alunos pediram para que estudássemos na semana que vem outras lesões esportivas e sua prevenção, uma vez que temos atletas de várias modalidades e muitos alunos lesionados (Diário de campo 34 – Colégio RS)

**Figura 27:** Alunas treinando o fundamento *field goal* do futebol americano



Fonte: Acervo do pesquisador

Até o final da intervenção as aulas aconteceram sem mais nenhuma ocorrência de situações problemáticas, demonstrando que aulas bem planejadas, diálogo e persistência por parte do professor podem provocar a superação do abandono pedagógico e aceitação dos estudantes a realização de aulas dos mais variados temas na disciplina de Educação Física.

Envolvimento pleno. Ninguém mais reclama da aula e todos participam com vontade das atividades [...] o ambiente da aula está ótimo. Os alunos estão se interessando muito pelo jogo e se divertindo (Diário de campo 37 – Colégio RS)

Os alunos além de participar se ajudaram mutuamente, principalmente os meninos ajudaram as meninas a aprender os chutes [...] nenhum aluno pede futebol mais. Parecem ter compreendido a função pedagógica da Educação Física (Diário de campo 38 – Colégio RS)

Três meninas me procuraram para dizer que não sabiam que tinha como jogar futebol americano sem se machucar e disseram que as aulas estão muito boas e o jogo é interessante (Diário de campo 40 – Colégio RS)

**Figura 28:** Garoto ajudando a amiga a realizar o chute com mais precisão



Fonte: Acervo do pesquisador

**Figura 29:** Realizando uma partida de futebol americano com meninos e meninas juntos



**Fonte:** Acervo do pesquisador

No colégio RN a escolha dos conteúdos por parte dos estudantes definiu a musculação, o rugby e o voleibol como conhecimentos interessantes a serem aprofundados por nossa intervenção.

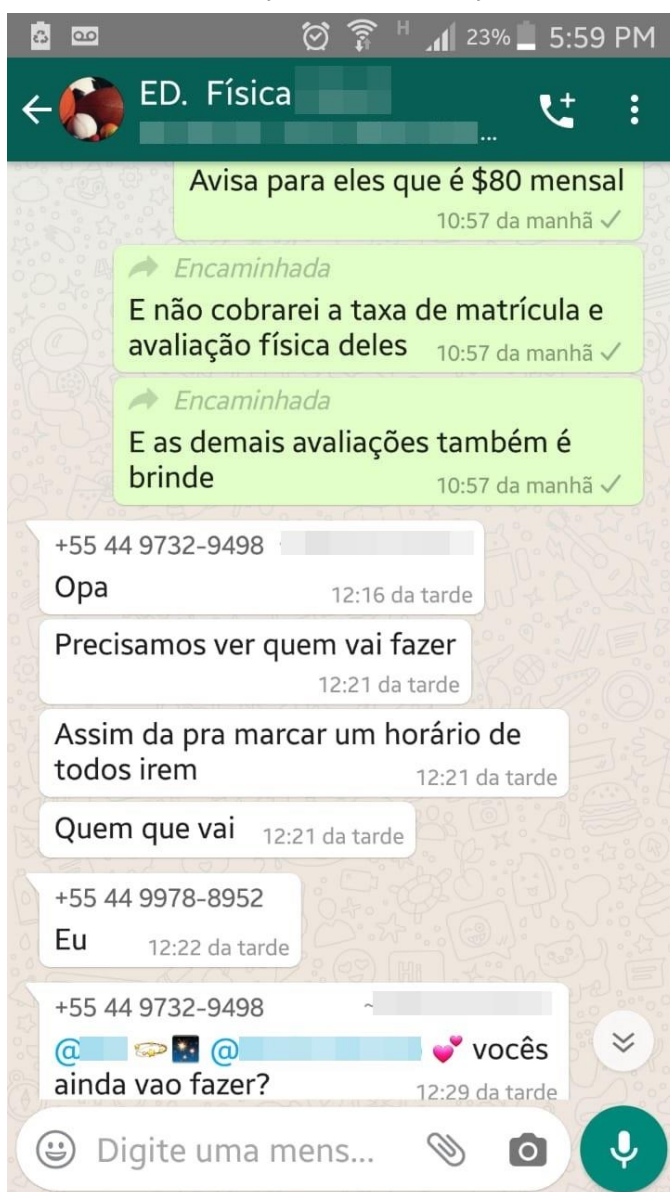
A musculação foi um tema que desde a primeira aula foi citado como de interesse pelos estudantes, e quando abordamos o plano de unidade relacionado a Frequência Cardíaca (FC), muitas dúvidas e relações com a musculação apareceram. Como destaca Oliveira (2004), o tema saúde tem grande aceitação entre os adolescentes, uma vez que existe enorme preocupação e curiosidade por parte dos jovens com as modificações corporais peculiares a esta fase da vida (BECKER, 1992). Desta maneira decidimos abordar o tema, aprofundando o conhecimento dos estudantes e em conjunto com o professor regente da turma e a pedagoga responsável realizar uma visita a uma academia de musculação.

As aulas sobre o tema foram com certeza a que mais envolveram a turma nas aprendizagens. A todo o momento eles queriam aprender mais e aprofundar mais o que estavam conhecendo. O relato de que na academia não havia acompanhamento e avaliação constante da evolução dos estudantes foi uma reclamação de grande parte destes. Entender que existem métodos que podem potencializar a evolução no treinamento foi algo que deixou os alunos empolgados.

Na visita a academia de ginástica os estudantes mais experientes na realização dos exercícios auxiliaram os iniciantes na aprendizagem dos movimentos e o professor ensinou sobre avaliação, perda de gordura e ganho de massa magra, além de uma breve explicação sobre periodização de treinamento.

Pediram para falar com o professor da academia para conseguir desconto para eles. Muitos declararam querer começar aula na academia [...] em nosso grupo de *whatsapp*, os alunos formaram um grupo de cerca de 10 alunos para começar a fazer musculação. Estão muitos motivados (Diário de campo 21 – Colégio RN)

**Figura 30:** Estudantes se organizando pelo nosso grupo de *whatsapp* para começar a fazer musculação



Fonte: Acervo do pesquisador

Nestes relatos percebemos novamente como um ensinamento que está atrelado ao interesse dos educandos pode influenciar sobremaneira suas escolhas e ser mecanismo de mudanças em seu cotidiano. As alterações no envolvimento com a própria saúde, como observamos com estudantes se inscrevendo nas aulas de musculação, demonstram a superação dos conhecimentos e atitudes iniciais e se concretizam na postura dos alunos, resultando em uma nova prática social (GASPARIN, 2012) mais saudável e consciente.

Em relação a criação de um grupo no aplicativo *whatsapp* com o intuito de favorecer o contato entre os estudantes e o professor, e portanto, ser um mecanismo facilitador da aprendizagem (SOUZA e SOUZA, 2010), foi uma proposta dos alunos que aceitamos prontamente. Percebemos que o grupo cumpriu bem seus objetivos, uma vez que os estudantes trocaram informações, tiraram dúvidas e se organizaram para trabalhos utilizando este recurso.

**Figura 31:** Professores fazendo uma palestra e instruindo os estudantes para realizarem exercícios de musculação



**Fonte:** Acervo do pesquisador



**Figura 32:** Professor mostrando a maneira correta de realizar o movimento e explicando o ganho de massa muscular



Fonte: Acervo do pesquisador

**Figura 33:** Estudantes realizando exercícios em visita a academia



Fonte: Acervo do pesquisador

A ideia de trabalhar o *rugby* surgiu pela presença de uma estagiária de Educação Física no colégio que estava trabalhando a modalidade em outras turmas. Diversos estudantes tinham observado algumas destas aulas e gostaram. Assim, procuramos a estagiária que se prontificou a desenvolver um pouco da modalidade com os mesmos. Marcamos uma reunião junto com a estagiária e a pedagoga responsável pela turma e definimos o planejamento que seria executado. Decidimos atuar em conjunto para desenvolver o plano de unidade.

Antes de iniciar a primeira aula de *rugby* uma das alunas da turma me procurou para saber quanto tempo ainda duraria a intervenção, pois estava com muita vontade de voltar a fazer “aulas livres”, pois segundo a mesma tinha saudade de jogar voleibol, modalidade que sempre treinou na escola.

**Figura 34:** Realização de um jogo de rugby com professores e estudantes



**Fonte:** Acervo do pesquisador

Durante as aulas observamos que os estudantes, com exceção de cinco (5) meninas, os demais gostaram de realizar a parte teórica e o treinamento dos fundamentos. Porém quando fomos para a realização do jogo cerca de vinte (20) alunos perderam o interesse.

Quando questionamos os alunos sobre a não participação no jogo, eles alegaram que não eram obrigados a participar e que se quiséssemos poderíamos tirar nota, pois a disciplina de Educação Física não reprova (Diário de campo 29 – Colégio RN)

É possível observar no discurso a desvalorização do componente curricular Educação Física e a ineficiência de seu sistema avaliativo perante os estudantes, algo que aparentemente faz parte da cultura escolar desta instituição de ensino.

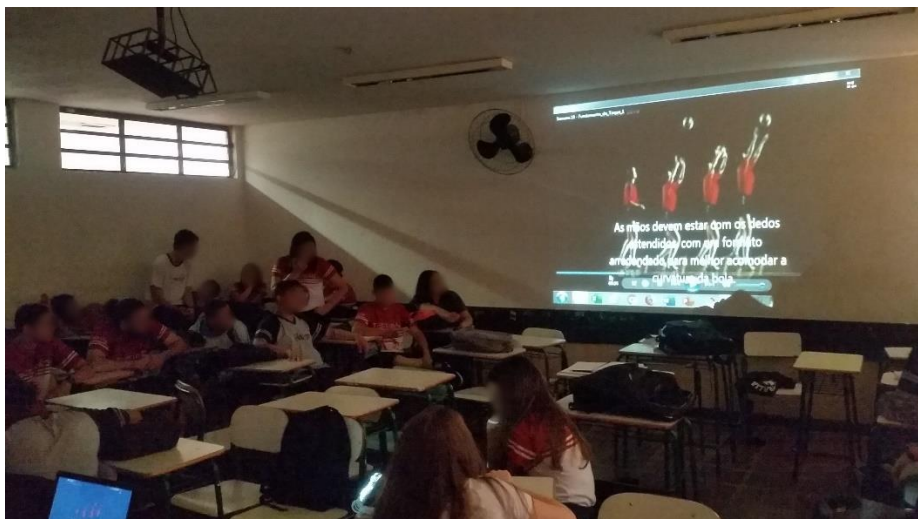
Em relação ao sistema avaliativo, constatamos a necessidade de revisão no colégio RN, principalmente o instrumento que estabelece as notas das atividades práticas, uma vez que admitir nota somente pela participação nas atividades, não auxilia o estudante a perceber suas facilidades e limitações, tampouco ajuda a identificar o progresso dos mesmos (DARIDO, 2012).

Ao final da unidade temática realizamos uma avaliação das ações e replanejamento, e os estudantes compreendem que apesar de considerarem ter aulas teóricas em excesso, a intervenção está tendo mais pontos positivos que negativos.

Por fim, o último componente curricular a ser estudado na turma foi o voleibol, modalidade que muitos deles já treinaram por ser ofertada em contraturno no colégio que estudam. O grande desafio foi trabalhar com a grande diferença de nível entre os alunos, o que observamos logo na primeira aula, pois pedimos para que cada aluno fosse filmado em seu celular realizando uma manchete e um toque, para que em sala pudéssemos com eles observar os erros e acertos no posicionamento e execução dos fundamentos. A análise do toque e da manchete deveria ser descrita e entregue como tarefa, porém poucos estudantes realizaram. Não podemos deixar de observar que novamente alguns alunos reclamaram de ter que realizar parte da aula em sala.

Ao adentrar a sala alguns poucos alunos se mostraram contrariados em realizar aula teórica. Queriam nas palavras deles “jogar” (Diário de campo 31 – Colégio RN)

**Figura 35:** Aula teórica de voleibol explicando a técnica do toque e da manchete



Fonte: Acervo do pesquisador

Conforme citamos anteriormente, a diferença de nível foi um aspecto que nos preocupou uma vez que a mesma atividade poderia estar aquém do nível de alguns e acima do nível dos demais. Portanto optamos por trabalhar em um primeiro momento com exercícios diferentes para grupos em níveis distintos. Foi a primeira vez que atingi nesta turma a participação plena dos estudantes.

Os alunos aproveitaram muito bem a aula. Fazer atividades voltadas para níveis diferentes, atuando em um nível ideal para desafiar o aluno surtiu o efeito desejado [...] os alunos com dificuldade disseram tê-las por nenhum professor de Educação Física ter parado para ajuda-los nesta dificuldade e citaram que por este motivo ficavam sentados nos jogos de voleibol (Diário de campo 32 – Colégio RN)

Observamos aqui a importância de estarmos atentos as individualidades do aluno e o seu nível de desenvolvimento para poder sempre que possível desenvolver atividades que estejam adequadas a sua zona de desenvolvimento proximal (VYGOTSKY 1991), situação que pode ampliar o interesse do educando.

A introdução dos jogos reduzidos e grandes jogos também se deu com a adaptação das regras para que os estudantes com mais dificuldades tivessem uma inserção e adaptação contínua aos jogos. Observamos que nos jogos reduzidos os alunos com dificuldade participaram de forma efetiva, porém nos grandes jogos, alguns tiveram receio de participar, e percebemos que estavam com medo da exposição. Neste ponto não conseguimos fazer com que a intervenção, portanto, tenha auxiliado na superação do receio de participar e interagir nos jogos por todos os estudantes, uma vez que foram anos de abandono em que traumas e percepção de inferioridade se desenvolveram.

**Figura 36:** Realizando jogos reduzidos de voleibol



Fonte: Acervo do pesquisador

**Figura 37:** Estudantes realizando jogo onde poderiam optar pela execução do fundamento ou segurar a bola



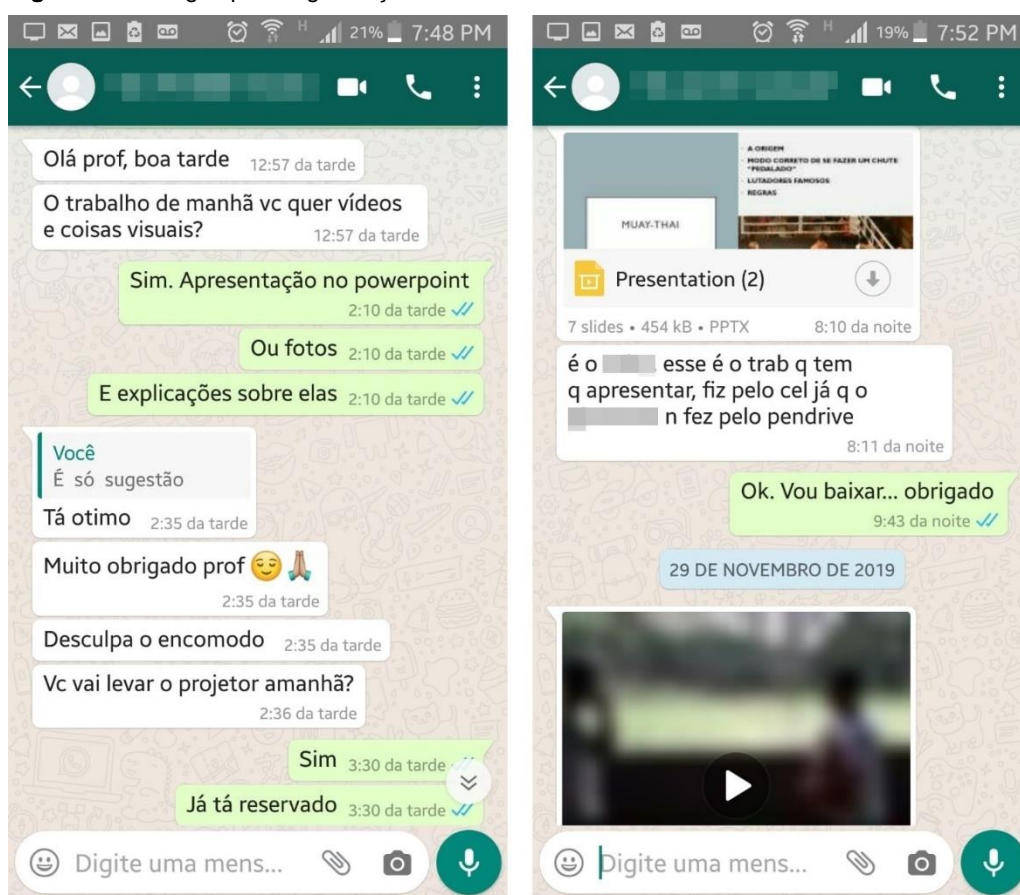
Fonte: Acervo do pesquisador

Por fim, os estudantes aprenderam a analisar outros movimentos e posturas esportivas do seu cotidiano, e tiveram como trabalho de conclusão da unidade temática a exposição de um seminário onde escolheram uma atividade, movimento ou postura que utilizam em seu cotidiano para analisar. A ideia de escolherem algo do

dia-a-dia pareceu surtir efeito, pois se interessaram bastante na pesquisa. As dúvidas foram em sua maioria tiradas pelo *whatsapp*.

Estão gostando de fazer um trabalho que tem relação com seu cotidiano. O grupo do ciclismo está querendo ir além, analisando até o que não tinha sido acordado na aula anterior. O grupo que analisa o uso de mochilas escolares testou também até situações que não tínhamos combinado. Pelo gosto, os alunos estão superando minhas expectativas (Diário de campo 38 – Colégio RN)

**Figura 38:** Diálogos para organização dos trabalhos



Fonte: Acervo do pesquisador

Durante a exposição dos seminários, percebemos o interesse dos estudantes pelos seus temas e dos demais, uma vez que eles mesmos fizeram suas escolhas e estas por vezes também refletem o cotidiano dos outros, pois vivem em bairros próximos e em geral vivenciam o mesmo ambiente cultural e esportivo.

Os alunos se interessaram e perguntaram bastante sobre os temas dos outros grupos. Até estouramos o tempo de aula, e os alunos não reclamaram, demonstrando o interesse [...] fizeram trabalhos muito promissores. A ideia de eles escolherem os temas parece ter motivado e melhorado os resultados. Os temas que apareceram tinham relação com o cotidiano (Diário de campo 39 – Colégio RN)

**Figura 39:** Estudantes praticantes e ex-praticantes de artes marciais apresentando seminário sobre chutes de uma luta



Fonte: Acervo do pesquisador

Por fim, a intervenção nesta turma mesmo tendo passado por vários momentos em que os estudantes reclamaram, principalmente das aulas teóricas, parece ter alcançado seu objetivo de mudar a percepção destes sobre a função e importância da Educação Física escolar e auxiliado na construção de conhecimentos importantes para a vida deles.

Ao me despedir, uma aluna disse que agora entende a importância da Educação Física e um menino disse que se tivesse estudado assim desde o sexto ano, hoje teria muito mais conhecimento (Diário de campo 40 – Colégio RN)

Concluimos que uma prática inovadora tende a ser bem recebida pela maioria dos estudantes, porém demora a trazer seus efeitos e resultados, demandando por parte do professor sabedoria para analisar a aceitação da turma a cada um dos temas escolhidos e compreender os momentos em que é necessário recuar e dialogar, além de resiliência para superar possíveis atritos com parte dos estudantes.

## 7.2 Análise das entrevistas concedidas após a intervenção

Ao final da intervenção pedagógica, retomamos a entrevista com os mesmos oito (8) alunos que realizaram a entrevista inicial, lembrando que a classificação dos

estudantes referente a participação ou não participação nas aulas pode não condizer mais com a condição atual na qual o aluno se percebe na aula de Educação Física, ou seja, estudantes classificados inicialmente como participativos no abandono pedagógico podem entender que durante a intervenção deixaram de participar, sendo a situação contrária também possível de acontecer. Para fins didáticos manteremos a classificação feita nas entrevistas iniciais, facilitando a compreensão da mudança ou manutenção da participação dos estudantes nas aulas.

Desta vez tivemos como intuito analisar a mudança na percepção e participação dos estudantes na disciplina de Educação Física, além de compreender a aceitação ou discordância deles frente a intervenção pedagógica. Para tanto, utilizamos uma organização por tópicos com os temas: a) postura dos estudantes durante a intervenção pedagógica; b) relevância da Educação Física escolar sob a ótica dos estudantes; c) organização das aulas referentes a intervenção pedagógica; d) conhecimentos adquiridos com as aulas de Educação Física durante a intervenção pedagógica, os quais procuramos aproximar ao máximo da análise proposta na entrevista inicial.

### **a) POSTURA DOS ESTUDANTES DURANTE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Como já discutimos no capítulo anterior, percebemos uma grande mudança na maneira com que os estudantes passaram a interagir com as atividades e ensinamentos propostos na intervenção pedagógica. Isto fica evidente nas declarações de três (3) alunos que antes da intervenção se declararam não participantes das aulas da 1ª e 2ª série do ensino médio.

Olha, em comparação aos outros anos, este ano estou participando bem mais, estou interagindo bem mais com as aulas (Entrevistada 3 – não participante – Colégio RS)

Foi uma experiência diferente de tudo que eu tinha vivenciado nestes anos. A intervenção foi muito boa, aprendi muita coisa e agora eu me julgo sim participante das aulas de Educação Física e esta aula me ajudou bastante (Entrevistado 4 – não participante – Colégio RS)

Aumentou sim minha frequência em aulas de Educação Física e me considero agora um aluno participativo [...] Depois da intervenção que teve aulas de slackline, de frisbee, umas aulas bem diferenciadas, eu



comecei a gostar mais e me interessar um pouco mais pela disciplina (Entrevistado 8 – não participante – Colégio RN)

Até mesmo alguns dos estudantes que se consideravam participativos relataram ter mantido ou até aumentado sua participação durante as aulas da intervenção pedagógica.

Eu acho que eu me mantive bem frequente nas aulas como todos os outros anos que eu participei e não mudou muita coisa, até porque eu vinha todos os dias e fazia todas as aulas (Entrevistado 6 – participante – Colégio RN)

Me considero participativa sim, e acho que até mais do que nos anos anteriores, porque neste ano eu faço bastante, eu tenho vontade de fazer as aulas. Já nos anos anteriores não, às vezes eu fazia por nota. Este ano eu faço porque eu gosto (Entrevistada 1 – participante – Colégio RS)

Eu me sinto um aluno participante, desde o começo do ano eu participo das aulas porque eu sempre gostei de esporte e isto não mudou desde o primeiro ano. Eu sempre participei da Educação Física e vou continuar participando (Entrevistado 2 – participante – Colégio RS)

Apenas uma aluna que antes da intervenção se considerava participativa, relatou que sua participação durante a intervenção acabou sendo menor. Como vimos nos diários de campo, alguns estudantes participativos nas 1ª e 2ª séries acabaram por resistir a intervenção, tentando manter seu domínio frente ao professor da disciplina, o que causou atrito entre as partes.

Eu acho que eu fiquei no meio a meio, né? Porque antes eu participava de tudo, era futsal e handebol. E quando chegou coisa nova eu meio que me neguei em algumas, mas da maioria eu participei [...] a primeira que foi o *slackline*, eu pensei, o que é isto? Isto não faz parte da Educação Física e eu meio que recusei, tentei, mas já parei. As que eu participei foram o futsal, vôlei e da corrida. *Rugby* eu não gostei, frisbee eu joguei mais ou menos (Entrevistada 5 – participante – Colégio RN)

Por fim, uma aluna que se considerava não participativa antes da intervenção, de acordo com seu relato continuou não participando das aulas. No caso desta aluna, fizemos o possível para resgatá-la, uma vez que tínhamos lecionado a disciplina de Educação Física para ela durante todo o ensino fundamental fase 1, porém a aluna relatou estar vivendo sozinha a pelo menos três (3) meses, e sem motivação para se alimentar, trabalhar e estudar. Os conflitos familiares e a busca pela independência

são muito comuns nesta faixa etária (SANTROCK, 2014), mas no caso da entrevistada 7 estão causando problemas psicológicos sérios. Procuramos a orientação educacional que a encaminhou ao psicólogo. Após a visita a um psiquiatra, a aluna explicou ter iniciado o uso de medicação por estar sofrendo de um quadro de depressão.

Participei um pouco mais do que eu participava antigamente [...] eu participei de uma atividade que teve de criar um jogo, tinha que tirar fotos e fazer um trabalho depois. Eu participei mais desta (Entrevistada 7 – não participante – Colégio RN)

Esta situação se assemelhou ao caso de outros poucos estudantes que se negaram a participar da intervenção. Nestes casos o que observamos em comum foi algum problema externo que acabou por prejudicar a participação do aluno nas aulas. Segundo Santrock (2014) os adolescentes são muito instáveis, e por vezes, outros interesses acabam por se sobrepor a conhecimento escolar. Nestes casos, tentamos sempre dialogar e entender os estudantes, para que estes se sentissem acolhidos e mais seguros, participando ao menos de alguns debates, trabalhos ou atividades físicas, o que no caso da entrevistada 7, aconteceu no conteúdo futsal.

De maneira geral, as oito (8) entrevistas foram fidedignas ao que observamos acontecer nas aulas de nossa intervenção pedagógica, ou seja, maioria dos estudantes participando plenamente das aulas, aumentando progressivamente o número de participantes; alguns resistindo a intervenção, buscando a manutenção de seu domínio sobre a ação pedagógica; e poucos alunos que não quiseram participar, por motivos diversos.

## **b) RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOB A ÓTICA DOS ESTUDANTES**

Quando realizamos a entrevista inicial constatamos a total falta de interesse dos estudantes pela disciplina de Educação Física, e em seus relatos indicaram o abandono pedagógico como motivo primordial para tal constatação. Em comparação com outras disciplinas a Educação Física foi classificada naquele momento em um patamar de inferioridade. Infelizmente, este quadro não se restringe a percepção dos

estudantes, se estendendo a outros agentes escolares (FARIA, MACHADO E BRACHT, 2012).

Questionamos novamente os estudantes sobre a importância da Educação Física escolar após a intervenção pedagógica e o que percebemos neste momento é uma disciplina entendida pelos entrevistados como sendo tão importante quanto as demais matérias escolares.

Eu não lembro o posicionamento que eu coloquei, mas neste momento eu acho que ela está tipo assim, entre uma das mais altas, porque se eu focar nela agora, no futuro eu não vou ter problema de saúde, eu vou ter um exercício físico que eu quero levar para a vida, uma saúde que eu quero ter (Entrevistado 4 – não participativo – Colégio RS)

Primeiro vem a matemática, depois português. E aí então vem as mais relacionadas ao pensamento que são a filosofia e a sociologia. Aí depois já viria a Educação Física, mais pelo conhecimento que a gente teve sobre o nosso corpo e nossas ações, até para não ter nenhuma lesão, algum posicionamento errado em nosso corpo, e nós podermos identificar se tem alguma coisa errada ou não. E as outras matérias ficariam mais para baixo (Entrevistado 6 – participativo – Colégio RN)

Do começo do ano para cá, eu tive uma grande mudança em meu modo de pensar, eu diria que todas, porque todas tem ligações uma com as outras. A gente percebe isto agora por exemplo no vestibular muita matéria teve relação com as outras. A gente vê muito este vínculo entre história, sociologia e filosofia, as três estão muito interligadas. Então não tenho como falar que uma é mais importante. E a Educação Física está neste meio também não tem como fazer uma escala. A Educação Física também foi importante demais (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

Esta valorização ocorreu justamente pelos estudantes agora conhecerem um pouco da Educação Física escolar, portanto a superação do abandono pedagógico se faz necessária para promover a melhora do *status* da disciplina perante alunos e a comunidade escolar.

### **c) ORGANIZAÇÃO DAS AULAS REFERENTES A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Uma das principais características que observamos nos questionários e entrevistas sobre o abandono pedagógico foi justamente o fato de muitos estudantes não participarem das aulas, muitas vezes sendo excluídos pela falta de técnica, ou simplesmente pelo gênero do aluno. Brandolin, Koslinski e Soares (2015) encontraram

resultados semelhantes em seus estudos, e ao analisar a percepção de alunos sobre a aula de Educação Física, descobriram que os mais motivados eram justamente meninos e estudantes com habilidades esportivas bem desenvolvidas.

Porém, após nossa intervenção os entrevistados deram suas opiniões, demonstrando como a Educação Física pode ser ambiente de participação coletiva e inclusão dos estudantes com defasagem nas aprendizagens.

Mudou bastante, se a gente for pegar os anos anteriores, quem participava das aulas eram os meninos, e nem eram todos. Este ano tivemos uma maior participação da turma e não teve muito grupinho, entendeu? Como não é a gente que separa, são os professores. Então a gente teve contato com alunos que a gente no dia-a-dia pouco conversa na sala de aula, mas na aula de Educação Física, na hora de um time a gente viu todo mundo ali se ajudando. Então foi uma maneira de meninos e meninas participarem e de pessoas na sala que não conversavam, conversarem de uma certa maneira (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

Com certeza teve uma drástica mudança. Pelo fato de não ter aula e todo mundo ficar livre, eram formados aqueles grupinhos, né? Panelinha. E ninguém conversava com ninguém. E com as aulas de Educação Física que teve a gente sentiu a sala mais unida. Um trabalho em equipe, o pessoal querendo participar, isto é que foi bem bacana (Entrevistado 4 – não participativo – Colégio RS)

Cara, mudou bastante, até mesmo pelo número de meninas que não jogava diminuiu muito. Caiu para cinco (5) ou três (3). Antigamente eram umas dez (10) ou quinze (15) que não faziam. Quase nenhuma menina fazia. Os garotos também caíram para dois (2) ou um (1) e geralmente eram sete (7) ou oito (8) que não faziam, porque não queriam fazer mesmo, não se identificavam com a matéria. Agora com a intervenção quase todo mundo passou a participar mais (Entrevistado 8 – não participativo – Colégio RN)

Assim, percebemos que a motivação em participar da aula também está relacionado com a metodologia escolhida pelo professor, ou seja, se o professor priorizar o jogo e a habilidade, logicamente os estudantes que se sentem inferiores tecnicamente vão evitar a aula. Desta maneira, a participação plena dos alunos, que entendemos ser de interesse de todos os professores, pode ocorrer com aulas dinâmicas que trabalhem conteúdos diferenciados, além do auxílio do professor e dos alunos mais habilidosos aos que precisam melhorar sua técnica. Além disso, aulas teóricas podem aumentar o interesse e introduzir a temas relevantes aos estudantes.

Em relação a escolha de conteúdos, lembramos que seguiu as etapas da pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011; TRIPP, 2005), no qual foram debatidos e escolhidos coletivamente, e quando houve alguma dúvida sobre a escolha retomamos

com toda a turma em rodas de conversa para que as ações fossem as mais democráticas possíveis. Os estudantes demonstraram satisfação com a escolha e variedade de conteúdos abordados durante as aulas da intervenção pedagógica.

Acho que em relação a tempo de conteúdo trabalhado, foi bem distribuído. A gente conseguiu aprender bastante coisa, foram conteúdos que realmente despertou interesse. Tanto que realmente um deles caiu no ENEM (Entrevistado 4 – não participativo – Colégio RS)

Outro aspecto importante em relação aos conteúdos foi a percepção de proximidade que os estudantes demonstraram com os mesmos, relatando situações em que já conseguiram aproveitar os conhecimentos adquiridos aplicando em suas vidas.

O que foi trabalhado a gente viu que teve muita diferença do jeito que a gente pensava vindo de fora, porque querendo ou não, isto foi aprendido para a gente levar para a vida. Até na parte da alimentação, que eu não tinha muito contato sobre isto e tinha gente em casa sofrendo com anorexia [...] mas eu consegui chegar na minha mãe e conversar com minha mãe pra falar com minha irmã no caso, minha mãe até conseguiu conversar com a psicóloga. A psicóloga não está em casa, não sabe o que está acontecendo, minha irmã poderia ir lá e mentir, entendeu? Então minha mãe tendo um conhecimento do que minha irmã estava passando pode ajudar. Foi uma maneira de ajudar minha mãe. E isto partiu daquela aula que a gente fez (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

Por exemplo, o frisbee que eu comprei. A gente pode juntar uma galera e ir em um parque ou em alguma praça e jogar. Pra também ensinar as regras e todo mundo conseguir jogar bem. Passar um tempo de lazer (Entrevistado 8 – não participativo – Colégio RN)

Conforme relato dos entrevistados, aspecto também relevante para o sucesso da intervenção pedagógica foi a didática aplicada nas aulas que utilizou de diversos recursos para que a aprendizagem envolvesse os estudantes e ocorresse de forma satisfatória.

Agora se a gente falar de método, o jeito de ensinar, nas outras aulas é livro e professor na lousa. Muitas vezes a gente nem presta atenção. Agora as aulas foram mais de slide que você passou e ainda mostrou vídeos para gente. Isto de certa maneira a gente aprende mais, cativa mais a prestar atenção no que está acontecendo [...] mas quando o professor pega o vídeo daquilo que ele quer falar e mostra, amplifica aquilo na maneira de ensinar (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

A explicação foi tudo certinho, momentos que eu não entendi, você parava e explicava e isto foi um ponto positivo (Entrevistado 2 – participativo – Colégio RS)

O método utilizado foi um método excepcional, eu consegui entender bem os conteúdos, creio que a turma como um todo conseguiu entender. Foi muito bem explicado, muito bem trabalhado tanto na teoria quanto na prática. Na minha opinião deveria ser assim as aulas de Educação Física. Não só ir para a quadra e dar uma bola para todo mundo jogar (Entrevistado 8 – não participativo – Colégio RN)

Eu achei muito interessante a forma de avaliar um trabalho, que foi a gravação de um jogo. Tanto a gravação do jogo quanto o próprio jogo em si. Um jogo valer como trabalho não é tão normal assim e foi muito bom (Entrevistado 6 – participativo – Colégio RN)

Desta maneira, os estudantes puderam comparar as experiências vividas com o abandono pedagógico e a intervenção pedagógica e por fim concluíram que realmente a aula de Educação Física que trabalha com a variedade dos conteúdos relacionados a cultura corporal de movimento é uma experiência mais rica e positiva para suas vidas.

Professor: Por qual das experiências você teve preferência?

Aluna: Da intervenção com certeza. Pela experiência positiva. Aprendi que não é só chegar e jogar, Educação Física é outra coisa. É outro tratamento quando você chega e o professor está lá para te ajudar, a te ensinar, e não somente te jogar lá e dizer se vira. O aprendizado foi mais importante (Entrevistada 5 – participativa – Colégio RN)

Nos anos anteriores acho que não tinha muito de positivo, era mais negativo, até porque não tinha variação de conteúdos nas aulas, era engessado, um conteúdo só. Moleque jogando, menina jogando um esporte para cada um. Graças à intervenção, tivemos um aumento na variedade de conteúdos, e o ponto positivo é que todo mundo conseguiu participar junto. Houve sim uma reclamação no começo, mas depois todo mundo gostou, se adaptou bem e começou a participar. Não vejo nenhum ponto negativo. Para mim a intervenção foi muito boa.

Percebemos por meio dos relatos que o sucesso de uma aula não está relacionado apenas a um fator, mas a uma combinação de situações, que no caso de nossa experiência esteve relacionado com a participação coletiva e inclusiva em todas as ações, escolha adequada dos conteúdos e grande variedade de recursos pedagógicos utilizados em prol da aprendizagem.

#### **d) CONHECIMENTOS ADQUIRIDOS COM AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DURANTE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Observamos antes da intervenção que grande parte dos entrevistados julgava não ter adquirido conhecimentos relevantes na aula de Educação Física, e mesmo os estudantes que disseram ter aprendido algo com o abandono pedagógico fizeram relatos vagos ou superficiais sobre os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física. Após a intervenção os alunos relataram a importância de terem realizado aulas com conteúdos considerados importantes pelos mesmos.

O que foi trabalhado a gente viu que teve muita diferença do jeito que a gente pensava, porque querendo ou não, isto foi aprendido para a gente levar para a vida (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

Professor: Caiu uma pergunta de Educação Física no ENEM?

Aluna: Caiu. A da anorexia e bulimia. Nossa se você não tivesse ensinado a gente eu iria me ferrar muito. Então foi importante trabalhar o conteúdo (Diálogo entre entrevistador e entrevistada 1 – participativa – Colégio RS)

Além disso, observamos em seus relatos uma maior desenvoltura para falar sobre os conteúdos referentes a cultura corporal de movimento, e pôr fim a facilidade em relacionar os conteúdos estudados com o cotidiano, inclusive fazendo referências a utilizar estes conhecimentos no futuro.

Porque se eu for fazer uma academia por exemplo, eu vou para academia, eu vou ter um instrutor. Mas se eu não tivesse, este conhecimento básico do que o meu corpo aguenta, do que que eu posso fazer para não dar uma lesão grave no meu corpo, na minha perna. Quando eu for correr, o tempo certo que eu tenho que correr, o ritmo, a frequência cardíaca, que eu aprendi. E isto vai ajudar muito para quem quer manter uma forma física (Entrevistado 2 – participativo – Colégio RS)

Eu acho que alguma coisa que eu vou usar muito no meu dia a dia vai ser as aulas sobre anorexia, porque querendo ou não tem um grande problema em casa sobre isto entendeu? Ainda mais aquela coisa da sociedade querer impor um padrão. Agora as práticas que a gente teve, as práticas não vai ser algo que vou levar pro meu dia a dia. Uma pena, porque eu gostaria... um esporte de lazer, entendeu? (Entrevistada 3 – não participativa – Colégio RS)

E também vai melhorar a questão da saúde, né? Já que nós fizemos a aula sobre anorexia e também a visão da questão da “beleza”, como a gente vê o nosso corpo. E saber que não é aquele corpo escultural que a gente tem que buscar. Tem gente que tenta e acaba botando

em risco a própria saúde, a própria vida, né? (Entrevistado 6 – participativo – Colégio RN)

Neste momento conseguimos comparar a percepção que os estudantes tem da aula de Educação Física quando vivenciam o abandono pedagógica e quando realizam uma aula que visa oportunizar aprendizagens sobre a cultura corporal de movimento. De maneira geral observamos uma maior participação dos alunos, inclusive as meninas e os estudantes com dificuldades em realizar a técnica correta nos jogos; valorização dos conteúdos da disciplina; e melhora da percepção da disciplina frente as demais matérias escolares.

Portanto, a atuação que valoriza a atividade corporal não somente em sua ação motora, mas em toda sua complexidade (TAFFAREL, 2016), se utilizando para tal dos elementos articuladores, presentes na Diretriz Curricular da Educação Básica do Paraná (2006) se mostrou relevante a ponto de se tornar uma experiência mais produtiva e com grande aceitação por parte dos educandos.

Entendemos que a mudança da visão negativa que existe de toda a comunidade escolar perante a Educação Física pode se modificar quando boas práticas se multiplicarem, o que incentivamos e exemplificamos por meio deste estudo.



## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

---

*“não têm jeito: não se pode ensinar/propor nada” (professora Cláudia)*

*“Com o tempo a gente vai aprendendo os atalhos. Comecei a perceber que para satisfazer os alunos e até a direção, eu não precisava cansar e nem me envolver tanto. Isso me cansava demais fisicamente. Então comecei a ficar mais fora da quadra, monitorando um pouco mais de longe as atividades que levo para os alunos” (professor Luciano)*

Os relatos dos professores de Educação Física contidos respectivamente nos artigos de Faria (2014) e Pich *et al.* (2013) demonstram a percepção que estes professores têm sobre seus estudantes, ou seja, que estes realmente gostam do abandono pedagógico, e que se o professor se opor a vontade dos alunos estes não vão gostar da aula e irá ocorrer um forte atrito entre as partes. Observamos também nestas falas que os professores por motivos diversos não estão dispostos a mudar sua postura.

O que nos intriga é que estes relatos não se restringem a estudos isolados, e sim refletem o pensamento de parte considerável da categoria, o que conseguimos constantemente observar nas falas de nossos companheiros de trabalho nos diversos colégios estaduais que já atuamos e em cursos de formação da categoria. Nosso questionário aplicado em quatro (4) escolas corroborou com esta percepção, uma vez que observamos uma abrangência superior a 50% de aulas descritas com características do abandono pedagógico.

Não podemos deixar de citar que existem também muitos profissionais que mesmo diante de dificuldades como estrutura inadequada, mal comportamento dos estudantes, falta de materiais, salários defasados, entre tantos outros fatores, têm se dedicado a ensinar com práticas inovadoras, como relatamos o exemplo da professora do colégio RL.

A entrevista realizada antes da intervenção expôs o pensamento negativo da maior parte dos estudantes sobre o abandono pedagógico, seja por meio de críticas a postura dos professores ou pela compreensão de que a disciplina e seus conteúdos são inúteis. Percebemos que os alunos mais habilidosos e que gostam de esportes acabam tendo benefícios neste tipo de aula, uma vez que têm todo o tempo e espaço disponíveis para realizar as atividades que compreendem como mais interessantes.

Observamos durante a intervenção que em um primeiro momento realmente parte dos estudantes resisti a mudança sugerida, principalmente os que se beneficiam do abandono pedagógico como os alunos que dominam o espaço e o material, além dos que realmente não gostam de atividade física.

Porém o que nosso estudo evidenciou, diferentemente do que estes profissionais pensam, é que este atrito é apenas passageiro e que o planejamento adequado as expectativas dos docentes, transforma a maneira com que os estudantes percebem a Educação Física escolar.

Em primeiro lugar existe uma mudança na postura dos estudantes, que passam a participar muito mais das atividades, e aquela aula em que existia exclusão passa a ser um momento de diálogo e companheirismo, onde as diferenças são entendidas como normais e as dificuldades individuais e coletivas passam a ser respeitadas por um trabalho que visa a aprendizagem. A diversificação dos conteúdos, termo que causa repulsa em muitos estudantes que vivenciam o abandono pedagógico, acabou em nossa pesquisa por ser fator de muitos elogios, é claro que como propusemos em nosso estudo, a escolha carece de muitos estudos sobre as características do alunado e diálogo constante com os mesmos. Desta maneira, percebemos que os conteúdos da Educação Física, desenvolvidos em conformidade com a pedagogia histórico-crítica e utilizando adequadamente os elementos articuladores propostos pela Diretriz Curricular Básica do Estado do Paraná (2008) constroem uma relação íntima entre conteúdo e realidade dos educandos, refletida em relatos que explicitaram a mudança de comportamento durante as aulas da intervenção.

Enfatizamos que existem também outras abordagens metodológicas relacionadas à Educação Física escolar que podem ser adotadas pelo professor de acordo com o perfil ou necessidade da turma, que podem encontrar resultados tão ou mais satisfatórios em relação ao que encontramos em nosso estudo.

Por fim, diferentemente do que os professores que praticam o abandono pedagógico acreditam, comprovamos que suas aulas são alvo de crítica por parte dos educandos, e que quando os estudantes participam de uma experiência que aborda com profundidade os conteúdos da cultura corporal de movimento passam a compreender e relatar a disciplina como componente curricular importante a ser desenvolvido no ambiente escolar.

Portando, entendemos que o futuro da disciplina de Educação Física no ensino médio também está na mão dos profissionais que nela atuam, ou seja, caso

continuemos a replicar o abandono pedagógico em nossas turmas, existe uma tendência de desvalorização e desinteresse cada vez maior sobre o componente curricular por parte da escola, sociedade e governo, o que por fim pode causar a retirada momentânea da mesma do currículo escolar, algo já defendido pela Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (2018).

Sendo assim, entendemos que caso ocorra uma adoção progressiva de práticas inovadoras por parte dos professores de educação física em suas aulas, poderemos no futuro desfrutar de uma condição mais favorável no ambiente escolar, onde a disciplina seja valorizada e compreendida por toda a comunidade escolar como necessária ao desenvolvimento dos estudantes.

Desse modo, este estudo além de comprovar que os estudantes preferem a prática inovadora frente ao abandono pedagógico, propõe a reflexão dos profissionais sobre os dados aqui obtidos, e para aqueles que desejarem a mudança, mostrar possíveis caminhos para a melhoria da prática pedagógica.

# REFERÊNCIAS

---

---

ALMEIDA, Felipe Quintão de. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: UMA REVISÃO. **Corpoconsciência**, Cuiabá, v. 21, n. 03, p. 7-16, set./dez. 2017.

BARBOSA, Maria Valéria; MILLER, Stela; MELLO, Suely Amaral. **Teoria histórico-cultural: questões fundamentais para a educação escolar**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

BARDIN, Laurence. **ANÁLISE DE CONTEÚDO**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BATISTA, Eraldo Leme; LIMA, Marcos Roberto. A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA COMO TEORIA PEDAGÓGICA REVOLUCIONÁRIA. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v.1, n.3, p. 67-81, set./dez. 2015.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BETTI, Mauro. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, Mauro. EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA CIENTÍFICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: REFLEXÕES À LUZ DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.19, n.3, p.183-97, jul./set. 2005.

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. APRENDENDO A ENTREVISTAR: COMO FAZER ENTREVISTAS EM CIÊNCIAS SOCIAIS. **Revista Em Tese**. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.

BRACHT, Valter. EDUCAÇÃO FÍSICA COMO PRÁTICA CIENTÍFICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: REFLEXÕES À LUZ DA FILOSOFIA DA CIÊNCIA. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.19, n.3, p.183-97, jul./set. 2005.

BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência: Cenas de um casamento (in)feliz**. 2.ed., Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

BRANDOLIN, Brandolin; KOSLINSKI, Mariane Campelo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. A PERCEPÇÃO DOS ALUNOS SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. **Revista da Educação Física / UEM**. Maringá, v.26, n.4, p. 601-610, 2015.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L8069.htm#art266](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266)>. Acesso em: mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília, 2013. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular – Ensino Médio**. Brasília, 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category\\_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB nº: 5/2011. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2012. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9915-pceb005-11-1-1&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9915-pceb005-11-1-1&Itemid=30192)>. Acesso em jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 2 – Conselho Nacional de Educação. **Define Diretrizes Operacionais complementares para a matrícula inicial de crianças na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, respectivamente, aos 4 (quatro) e aos 6 (seis) anos de idade.** Brasília, 2018. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=98311-rceb002-18&category\\_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=98311-rceb002-18&category_slug=outubro-2018-pdf-1&Itemid=30192)>. Acesso em mai. 2019.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988.** Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em mai. 2019.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho e colaboradores. Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais. **Corpoconsciência**. v. 21, n. 3, p. 29-40, set./dez., 2017.

CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O TEMPO E O LUGAR DE UMA DIDÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Curitiba, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.

CARDOSO, Carlos Luiz (org.), *et al.* **Visão didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991.

CASTELLANI FILHO, Lino. **EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: A HISTÓRIA QUE NÃO SE CONTA.** 15. ed. Campinas: Papirus, 1988.

CASTRO, Vanessa Gomes de. AS ATRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM ENFOQUE ESPECIAL NO ENSINO MÉDIO. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 124-135, set. 2017.

CERVINI, Rubem; BURGER, Freda. O menino trabalhador no Brasil. In: FAUSTO, A.; CERVINI, R. (Orgs.). **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80.** São Paulo: Cortez, 1991. p. 17-46.

CHICATI, Karen Cristina. MOTIVAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. **Revista da Educação Física / UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2000.

COFFANI, Márcia Cristina Rodrigues da Silva. PROBLEMATIZAÇÕES PARA UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. **Corpoconsciência**. Cuiabá-MT, vol. 22, n. 03, p. 101-114, set./dez., 2018.

CORDOVIL, Alenir de Pinho Romoaldo et al. O ESPAÇO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: UM ESTUDO SOBRE OS CONTEÚDOS DAS AULAS NO ENSINO MÉDIO. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 18, n. 4, p. 834-847, out./dez. 2015.

DAL CIN, Jamile; KLEINUBING, Neusa Dendena. DOIS PRA LÁ E DOIS PRA CÁ: AS POSSIBILIDADES DA DANÇA DE SALÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 796-807, out./dez. 2015

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar Educação Física: possibilidades de intervenção na escola**. Papirus: Campinas, 2015.

DARIDO, Suraya Cristina et al. EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: REFLEXÕES E AÇÕES. **Motriz**. Rio Claro, v. 5, n. 2, p.138-145, dez. 1999.

DARIDO, Suraya Cristina. A avaliação da Educação Física na escola. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. **Cultura Acadêmica**. São Paulo, v.16, p. 127-140, 2012.

DARIDO, S. C. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DAUSTER, Tania. Uma infância de curta duração: trabalho e escola. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 82, p. 31-36, ago. 1992.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. **Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EISENSTEIN, Evelyn. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência & Saúde**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 6-7, jun. 2005.

FARIA, Bruno de Almeida et al. INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA. O QUE APRENDER COM PRÁTICAS BEM SUCEDIDAS? **Ágora para la educación física y el deporte**. Valladolid, n.12, p. 11-28, 2010.

FARIA, Bruno de Almeida; MACHADO Thiago da Silva; BRACHT, Valter. A INOVAÇÃO E O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA LEITURA A PARTIR DA TEORIA DO RECONHECIMENTO SOCIAL. **Motriz**. Rio Claro, v.18, n.1, p.120-129, 2012.

FARIA, Eliene Lopes. QUANDO “*ROLA A BOLA*”: REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS FUTEBOLÍSTICAS E A FORMA ESCOLAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 501-513, abr./jun. 2014.

FERREIRA, Mayara Luana dos Santos; GRAEBNER, Luciane; MATIAS, Thiago Sousa. PERCEPÇÃO DE ALUNOS SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 17, n. 3, p. 734-750, 2014.

FILHO, Raimundo Barbosa Silva; ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. EVASÃO E ABANDONO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL: FATORES, CAUSAS E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS. **Educação Por Escrito**. Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, jan.- jun. 2017.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. PEDAGOGIA DA PESQUISA-AÇÃO. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.



GARRUTTI, Érica Aparecida; SANTOS, Simone Regina dos. A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FORMA DE SUPERAR A FRAGMENTAÇÃO DO CONHECIMENTO. **Revista de Iniciação Científica da FFC**. Marília, v. 4, n. 2, p. 187-197, 2004.

GASPARIN, João Luiz. **UMA DIDÁTICA PARA A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

GASPARIN, João Luiz; PETENUCCI, Maria Cristina. *Pedagogia Histórico Crítica: Da Teoria à Prática no Contexto Escolar*. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>>. Acesso em set. 2019.

GHIRALDELLI JR., Paulo. **EDUCAÇÃO FÍSICA PROGRESSISTA: A PEDAGOGIA CRÍTICO-SOCIAL DOS CONTEÚDOS E A EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS: POSSIBILIDADES DE UMA AÇÃO EDUCATIVA DE CUNHO INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA. **Educação & Sociedade**. n. 66, p.125-140, abr. 1999.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **EDUCAÇÃO FÍSICA E CULTURA ESCOLAR: CRITÉRIOS PARA IDENTIFICAÇÃO DO ABANDONO DO TRABALHO DOCENTE**. III Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte: I Fórum de Coordenadores de Programas de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, set. 2006.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE O “ROLA BOLA” E A RENOVAÇÃO PEDAGÓGICA.** 2018. Disponível em: <[https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138354/mod\\_resource/content/3/index.html](https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138354/mod_resource/content/3/index.html)>. Acesso em: nov. 2019.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. **Afazeres da Educação Física na escola: planejar, ensinar, partilhar.** Erechim: Edelbra, 2012.

GREENBERGER, E.; Steinberg, L. D. **WHEN TEENAGERS WORK: THE PSYCHOLOGICAL AND SOCIAL COSTS OF TEENAGE EMPLOYMENT.** Nova Iorque: Basic Books, 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Trabalho Infantil 2016.** Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101388\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101388_informativo.pdf)>. Acesso em: mai. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Relatório Brasil no Pisa 2018: versão preliminar.** Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf)>. Acesso em: jan. 2020.

JESUS, Adrielle Moreira. **A dança de salão na EJA: uma possibilidade da Educação Física.** 50f. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2017.

KINCHELOE, Joe L. **A formação do professor como compromisso político: Mapeando o pós-moderno.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KRAVCHYCHYN, Claudio; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli; CARDOSO, Sônia Maria Vicente. Implantação de uma proposta de sistematização e desenvolvimento da Educação Física no ensino médio. **Movimento**, v. 14, n. 2, mai./ago., 2008.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LARSON, Reed W.; WILSON, Suzanne; RIKCKMAN, Aimee. Globalization, Societal Change, and Adolescence Across the World. *In*: Lerner, R. M. (Org); STEINBERG, L. (Org). Handbook of adolescent psychology: Contextual influences on adolescent development. 3.ed., Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2009.

LOPES, Helvécio Pereira. **Estágio supervisionado: um first down rumo à docência**. 144f. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2017.

MACHADO, Thiago da Silva et al. AS PRÁTICAS DE DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Movimento**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 129-147, 2010.

MADEIRA, F.; BERCOVICH, A. A “onda jovem” e seu impacto na População Economicamente Ativa de São Paulo. **Planejamento e políticas públicas**. n. 8, p. 34-56, 1992.

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo: Cia. Brasil, 1983.

MARTINS, P. O.; TRINDADE, Z. A.; ALMEIDA, A. M. O. O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre, v.16, n.3, p. 555-568, 2003.

MATTOS, Elsa de; CHAVES, Antônio Marcos. TRABALHO E ESCOLA: É POSSÍVEL CONCILIAR? A PERSPECTIVA DE JOVENS APRENDIZES BAIANOS. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 30 n. 3, p. 540-555, 2010.

MATTOS, Mauro Gomes de; NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física na Adolescência: construindo o conhecimento na escola**. 6. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

MESQUITA, Isabel Maria Ribeiro *et al.* MODELO DE EDUCAÇÃO ESPORTIVA: DA APRENDIZAGEM À APLICAÇÃO. **Revista de Educação Física / UEM**, v. 25, n. 1, p. 1-14, 1. trim. 2014.

MÈSZÁROS, István. A educação para além do capital. In: **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 195-224.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRANDA, Marília Gouveia de; RESENDE, Anita C. Azevedo. SOBRE A PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO E AS ARMADILHAS DO PRATICISMO. **Revista Brasileira de Educação**. v. 11, n. 33, p. 511-518, set./dez. 2006.

MOLINA NETO *et al.* A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO OU PARA ENTENDER A ERA DO GELO. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. 52, p. 87-105, set. 2017.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. Planejando a Educação Física Escolar. In: VIEIRA, José Luiz Lopes (Org). **Educação Física e Esportes: estudos e proposições**. Maringá: EDUEM, 2004. p. 25-55.

OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bassoli de. METODOLOGIAS EMERGENTES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA. **Revista da Educação Física / UEM**. Maringá, v. 8, n. 1, p. 21-27, 1997.

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto alegre: Artmed, 2011.

PALMA, Alexandre. ATIVIDADE FÍSICA, PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E CONDIÇÕES SÓCIO-ECONÔMICAS: UMA REVISÃO DA LITERATURA. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 14, n. 1, 97-106, jan./jun. 2000.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Instrução Nº 020/2012 – SEED/SUED**. Curitiba: 2012.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: Jam3 Comunicação, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **INSTRUÇÃO N.º 01/2017–SUED/SEED**. Curitiba: 2017.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **INSTRUÇÃO N.º 15/2017–SUED/SEED**. Curitiba: 2017.

PEREIRA, Flávio Medeiros. NÍVEL MÉDIO DE ENSINO: AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO ESPAÇO DE CONCRETIZAÇÃO PEDAGÓGICA NO COTIDIANO ESCOLAR. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 2, p. 136-155, 1999.

PEREIRA, Raquel Stoilov; MOREIRA, Evando Carlos. A PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, 2005.

PICH, Santiago; SCHAEFFER, Pedro Augusto; CARVALHO, Lucas Prado de. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na Educação Física na dinâmica da cultura escolar. **Educação**. Santa Maria, v. 38, n. 3, p. 631-640, set./dez. 2013.

PICHETH, Sara Fernandes; CASSANDRE, Marcio Pascoal; THIOLENT, Michel Jean Marie. ANALISANDO A PESQUISA-AÇÃO À LUZ DOS PRINCÍPIOS INTERVENCIONISTAS: UM OLHAR COMPARATIVO. **Educação**. Porto Alegre, v. 39, n. esp. (supl.), p. s3-s13, dez. 2016.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO E A EDUCAÇÃO. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 83-94, ago. 1997.

PIRES, Marília Freitas de Campos. MULTIDISCIPLINARIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 173-182, fev. 1998.

PROBST, Melissa; KRAEMER, Celso. SENTADO E QUIETO: O LUGAR DO CORPO NA ESCOLA. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v. 7, n. 2, p. 507-519, mai./ago. 2012.

RAMAL, Andrea Cecilia. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

SANTROCK, John W. **ADOLESCÊNCIA**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SANTINI, Joarez; MOLINA NETO, Vicente. A SÍNDROME DO ESGOTAMENTO PROFISSIONAL EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE PORTO ALEGRE. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-222, jul./set. 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica: Primeiras Aproximações**. 10. ed., Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 42. ed., Campinas: Autores Associados, 2011.

SILVA, Alexandre Junior Mendes. **Cinema e Educação Física: a busca por outros entendimentos na aula**. 91f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2017.

SILVA, Francisco Carlos Lopes da. O TRABALHO INFANTO-JUVENIL NA SOCIEDADE CAPITALISTA. **Educar em Revista**. n.15, p.1-10, 1999.

SILVA, Mauro Sérgio da; BRACHT, Valter. NA PISTA DE PRÁTICAS E PROFESSORES INOVADORES NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. **Kinesis**. Santa Maria, v.30, n.1, p. 80-94, 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: CONHECIMENTO E ESPECIFICIDADE. **Revista paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 10, supl. 2, p. 6-12, 1996.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**. 2. ed. Cortez: São Paulo, 2009.

SOUZA, Isabel Maria Amorim de; SOUZA, Luciana Virgília Amorim de. O USO DA TECNOLOGIA COMO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM DO ALUNO NA ESCOLA. **Fórum Identidade**. Itabaiana, v. 8, n. 8, p. 127-142, jul. / dez. 2010.

SOUZA, Vânia de Fátima Matias et al. DA AÇÃO PEDAGÓGICA À MUDANÇA DA PRÁTICA DOCENTE: OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS EM UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 20, n. 1, jan./mar. 2017

SOUZA et al. ATUAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ENTRE INVESTIMENTO E DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO. **Movimento**. Porto Alegre, v. 30, n. 54, p. 143-159, jul. 2018.

TAFFAREL, Celi Zulke. PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E METODOLOGIA DE ENSINO CRÍTICO-SUPERADORA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: NEXOS E DETERMINAÇÕES. **Nuances: estudos sobre Educação**. Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 5-23, jan./abr. 2016.

THIOLLENT, Michel. **METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO**. 18 ed. Cortez: São Paulo, 2011.

TRIPP, David. PESQUISA-AÇÃO: UMA INTRODUÇÃO METODOLÓGICA. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E RELAÇÕES DE GÊNERO: DIFERENTES MODOS DE PARTICIPAR E ARRISCAR-SE NOS CONTEÚDOS DE AULA. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.38, n. 2, p. 163-170, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A FORMAÇÃO SOCIAL DA MENTE**. 4. ed. Livraria Martins Fontes Editora Ltda: São Paulo, 1991.

ZANCHA, Daniel et al. CONHECIMENTO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOBRE A ABORDAGEM SAÚDE RENOVADA E A TEMÁTICA SAÚDE. **Conexões: Educação Física, esporte e saúde**. Campinas, v. 11, n. 1, p. 204-217, jan./mar. 2013.



# APÊNDICES

---

---

**APÊNDICE I**QUESTIONÁRIO PARA IDENTIFICAÇÃO DE TURMAS EM ABANDONOPEDAGÓGICOIDENTIFICAÇÃO DO ALUNO

DATA: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

COLÉGIO:

---

TURMA ATUAL: \_\_\_\_\_

COLÉGIO E TURMA QUE PARTICIPOU NO ANO DE 2018:

---

COLÉGIO E TURMA QUE ATUOU NO ANO DE 2017:

---

PERGUNTAS

01) FAÇA UMA DESCRIÇÃO GERAL DE SUAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DE 2018 E 2017.

---

---

---

---

---

02) DE MANEIRA GERAL, COMO VOCÊ PARTICIPAVA DESTAS AULAS? COMO ELAS ERAM ORGANIZADAS?

---

---

---

---

03) QUAIS OS CONTEÚDOS VOCÊ ESTUDOU NO ENSINO MÉDIO NA EDUCAÇÃO FÍSICA? ESCREVA TODOS QUE LEMBRAR.

---

---

---

---

04) ESTES CONTEÚDOS FORAM TRATADOS COM PROFUNDIDADE? COMO ISTO ACONTECEU? SE DEU A PARTIR DE AULAS TEÓRICAS, SEMINÁRIOS, DEBATES, OUTRAS FORMAS OU NÃO ACONTECEU? DESCREVA.

---

---

---

---

05) COMO VOCÊ FOI AVALIADO PARA CONSEGUIR NOTA NA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO?

---

---

---

---

06) COM BASE EM SUAS VIVÊNCIAS NO ENSINO MÉDIO, QUAL A SUA PERCEPÇÃO SOBRE A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR? A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM CUMPRIDO BEM ESTA MISSÃO DESCRITA POR VOCÊ DENTRO DA ESCOLA?

---

---

---

---

---

**APÊNDICE II****DIÁRIO DE CAMPO (UTILIZADO DURANTE A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA)**

TURMA: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_\_

DESCRIÇÃO DA AULA (OBJETIVOS, MÉTODOS E AVALIAÇÃO)

---

---

---

---

ALCANÇOU OS OBJETIVOS PROPOSTOS?

---

---

---

PROBLEMAS ENCONTRADOS.

---

---

---

---

AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DE ACORDO COM MINHA PERCEPÇÃO

---

---

---

---

AVALIAÇÃO DOS ALUNOS DE ACORDO COM SUAS DECLARAÇÕES

---

---

---

---

MUDANÇAS NECESSÁRIAS PARA AS PRÓXIMAS AULAS

---

---

---

---

OUTROS DETALHES

---

---

---

---

### APÊNDICE III

#### ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA ANTES E DEPOIS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

TEMA: Relevância da Educação Física escolar

01) QUAIS DISCIPLINAS VOCÊ TEM MAIS INTERESSE E QUAIS VOCÊ JULGA IMPORTANTES PARA SUA FORMAÇÃO?

02) PENSANDO EM TODAS AS DISCIPLINAS QUE VOCÊ ESTÁ CURSANDO, QUAL A RELEVÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA PRA SUA FORMAÇÃO?

TEMA: Metodologia e sistematização dos conteúdos

03) QUAIS OS MOTIVOS TE LEVAM A DAR ESTE POSICIONAMENTO A EDUCAÇÃO FÍSICA?

TEMA: Relação da Educação Física escolar com o cotidiano dos alunos

04) OBSERVANDO O MOMENTO ATUAL DE SUA VIDA, A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM APRESENTADO ALGUM VALOR SIGNIFICATIVO PARA SEU DESENVOLVIMENTO PESSOAL? EXPLIQUE.

05) PENSANDO QUE ESTE DEVE SER O ÚLTIMO CONTATO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM SUA VIDA, ELA VAI TER DEIXADO ALGUM LEGADO PARA QUE VOCÊ UTILIZE NO FUTURO? EXPLIQUE.

06) QUAL A INFLUÊNCIA QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA TEM NA FORMA QUE VOCÊ REALIZA ATIVIDADE FÍSICA FORA DA ESCOLA? EXISTE ESTA INFLUÊNCIA?

TEMA: Conhecimentos adquiridos na aula de Educação Física

07) A MÍDIA, SEJA ELA IMPRESSA, TELEVISIVA OU INTERNET APRESENTA UMA MANEIRA DE EXPLICAR A ATIVIDADE FÍSICA, PRINCIPALMENTE O ESPORTE. A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA TEM ACRESCENTADO ALGO DE ÚTIL EM RELAÇÃO A ADQUIRIR CONHECIMENTOS DIFERENTES DOS MOSTRADOS PELA MÍDIA? EXPLIQUE.

08) PENSANDO A ESCOLA COMO AMBIENTE DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS QUE TENHAM VALOR PARA A VIDA DO ESTUDANTE, NA PRODUÇÃO DE SUA PRÓPRIA IDENTIDADE. A EDUCAÇÃO FÍSICA TEM AUXILIADO NA CONSTRUÇÃO DA SUA IDENTIDADE? EXPLIQUE.

## APÊNDICE IV

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - QUESTIONÁRIO**

Prezado (a) aluno (a),

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E O SIGNIFICADO DOS CONTEÚDOS SOB A ÓTICA DISCENTE: DO “ROLA BOLA” PARA OS TEMAS DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO” a qual é desenvolvida pelo mestrando Rafael Bernardo da Silva, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Estadual de Maringá e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

O objetivo do estudo é analisar se a participação dos alunos em uma proposta baseada nos temas da cultura corporal de movimento pode ressignificar a Educação Física escolar em estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico. A finalidade deste trabalho é contribuir com uma prática fundamentada na área de Educação Física escolar, com vistas a transformar estas aulas em um campo produtivo de conhecimento e participação coletiva.

Solicitamos a sua colaboração para responder um questionário durante uma aula de Educação Física, a qual será conduzida de forma individual. Também pedimos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

As informações coletadas por meio do questionário serão utilizadas para fins desta pesquisa e poderão ser utilizadas em outros projetos, assim como as imagens (fotografia) que serão realizadas. Os dados serão arquivados pela pesquisadora, podendo ser solicitado a qualquer momento, se necessário, inclusive para ajustes. Informamos que não estão previstos desconfortos INACEITÁVES por meio das perguntas presentes no questionário, no entanto, faremos o possível ao nosso alcance para amenizar possíveis ocorrências. Destacamos que você tem a plena liberdade e garantia de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Garantimos a você a manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa, mantendo o anonimato dos nomes e ao fazer uso de imagem nos comprometemos a ofuscar o rosto para a manutenção do anonimato.

Vale ressaltar que a pesquisa não lhe oferecerá riscos físicos ou psicológicos, porém entendemos que a sua participação poderá colaborar para o desenvolvimento e

compreensão da Educação Física escolar como componente curricular que contribui para a formação do sujeito autônomo e crítico frente as diversas manifestações da cultura corporal do movimento, utilizando seus registros como fonte de melhor compreensão da pesquisa.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue a você.

Além da assinatura dos campos específicos pelo pesquisador, por você e seu responsável, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito da pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu \_\_\_\_\_ (nome por extenso do sujeito da pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa descrita acima e coordenada pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda. Estou ciente que meu responsável receberá uma via deste documento.

Maringá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

Eu \_\_\_\_\_ (nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

Maringá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador ou membro da equipe

Qualquer dúvida com relação a pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Rafael Bernardo da Silva

Endereço: Rua Osaka, 311

Telefone: (44) 98462-5351

E-mail: rafaelbernardos@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo seres humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Endereço: Universidade Estadual de Maringá.

Avenida Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Pró Reitoria de Pós Graduação – PPG Sala 04.

CEP: 87020-900. Maringá – PR.

Telefone: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br



## APÊNDICE V

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ENTREVISTA**

Prezado (a) aluno (a),

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO E O SIGNIFICADO DOS CONTEÚDOS SOB A ÓTICA DISCENTE: DO “ROLA BOLA” PARA OS TEMAS DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO” a qual é desenvolvida pelo mestrando Rafael Bernardo da Silva, do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, junto à Universidade Estadual de Maringá e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP, sob a orientação do(a) Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda.

O objetivo do estudo é analisar se a participação dos alunos em uma proposta baseada nos temas da cultura corporal de movimento pode ressignificar a Educação Física escolar em estudantes que vivenciaram o abandono pedagógico. A finalidade deste trabalho é contribuir com uma prática fundamentada na área de Educação Física escolar, com vistas a transformar estas aulas em um campo produtivo de conhecimento e participação coletiva.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista semiestruturada, a qual será conduzida de forma individual. Também pedimos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

As informações coletadas por meio da entrevista serão utilizadas para fins desta pesquisa e poderão ser utilizadas em outros projetos. Os dados serão arquivados pela pesquisadora, podendo ser solicitado a qualquer momento, se necessário, inclusive para ajustes. Informamos que não estão previstos desconfortos INACEITÁVES por meio das perguntas presentes no questionário, no entanto, faremos o possível ao nosso alcance para amenizar possíveis ocorrências. Destacamos que você tem a plena liberdade e garantia de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Garantimos a você a manutenção do sigilo e da privacidade durante todas as fases da pesquisa, mantendo o anonimato dos nomes e ao fazer uso de imagem nos comprometemos a ofuscar o rosto para a manutenção do anonimato.

Vale ressaltar que a pesquisa não lhe oferecerá riscos físicos ou psicológicos, porém entendemos que a sua participação poderá colaborar para o desenvolvimento e compreensão da Educação Física escolar como componente curricular que contribui para a formação do sujeito autônomo e crítico frente as diversas manifestações da cultura corporal do movimento, utilizando seus registros como fonte de melhor compreensão da pesquisa.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Caso você tenha mais dúvidas ou necessite esclarecimentos, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada, entregue a você.

Além da assinatura dos campos específicos pelo pesquisador, por você e seu responsável, solicitamos que sejam rubricadas todas as folhas deste documento. Isto deve ser feito por ambos (pelo pesquisador e por você, como sujeito ou responsável pelo sujeito da pesquisa) de tal forma a garantir o acesso ao documento completo.

Eu \_\_\_\_\_ (nome por extenso do sujeito da pesquisa) declaro que fui devidamente esclarecido e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa descrita acima e coordenada pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Monteiro de Miranda. Estou ciente que meu responsável receberá uma via deste documento.

Maringá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

Eu \_\_\_\_\_ (nome do pesquisador ou do membro da equipe que aplicou o TCLE), declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supra nominado.

Maringá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador ou membro da equipe

Qualquer dúvida com relação a pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Rafael Bernardo da Silva

Endereço: Rua Osaka, 311

Telefone: (44) 98462-5351

E-mail: rafaelbernardos@hotmail.com

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo seres humanos da UEM, no endereço abaixo:

COPEP/UEM

Endereço: Universidade Estadual de Maringá.

Avenida Colombo, 5790. Campus Sede da UEM.

Pró Reitoria de Pós Graduação – PPG Sala 04.

CEP: 87020-900. Maringá – PR.

Telefone: (44) 3261-4444

E-mail: copep@uem.br

**APÊNDICE VI****PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA****TURMA: 3ª SÉRIE A – COLÉGIO RS****OBJETIVO GERAL:**

- PROPICIAR A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS DIVERSOS COMPONENTES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- INCLUIR TODOS OS ALUNOS NAS VIVÊNCIAS CORPORAIS, PRIORIZANDO A PARTICIPAÇÃO E COOPERAÇÃO FRENTE A COMPETIÇÃO EXACERBADA.
- EXPLICAR AS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO PRESENTES NO PLANEJAMENTO, A PARTIR DO CONTEXTO SOCIAL QUE A MANIFESTAÇÃO E O ALUNO ESTÃO INSERIDOS.
- VALORIZAR OS CONHECIMENTOS E CULTURA DO ALUNO.
- INCENTIVAR A CRIAÇÃO DE GRUPOS HETEROGÊNEOS, AFIM DE PROMOVER A CONVIVÊNCIA COM AS DIFERENÇAS, COMPREENDENDO AS LIMITAÇÕES DE CADA UM E RESPEITANDO A OPINIÃO DO OUTRO.
- PROMOVER E INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS ALUNOS NOS DEBATES SOBRE OS MAIS VARIADOS TEMAS, VALORIZANDO A OPINIÃO DE CADA UM, INTERVINDO NA BUSCA DA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS MAIS ELABORADOS SOBRE CADA TEMA.

## CONTEÚDOS DE ENSINO

### **CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

SKATE

### **ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE

### **PROBLEMATIZAÇÃO:**

- QUANTO TEMPO DEMORO PARA APRENDER A ANDAR DE SKATE?
- QUAIS AS MODALIDADES DE SKATE E ONDE PODEM SER PRATICADAS?
- QUAIS AS MANOBRAS MAIS SIMPLES DO SKATE?
- QUAL A TÉCNICA ADEQUADA PARA EQUILIBRAR E FAZER A REMADA NO SKATE?
- ONDE POSSO PRATICAR SKATE EM MARINGÁ?
- QUAL O MOTIVO DA ESCOLA PROIBIR A ENTRADA E UTILIZAÇÃO DO SKATE?
- QUAIS OS PRECONCEITOS RELACIONADOS AOS COMPORTAMENTOS DOS SKATISTAS NA SOCIEDADE ATUAL?
- PODEMOS GENERALIZAR O “COMPORTAMENTO” DOS SKATISTAS?
- A PERCEPÇÃO QUE A EQUIPE PEDAGÓGICA DA ESCOLA TEM DO COMPORTAMENTO DOS SKATISTAS PODE SER MODIFICADA?

### **INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- VIVENCIAR A PRÁTICA DO SKATE SENTADO NELE COM O APOIO DOS COMPANHEIROS.
- CORRIDA DE SKATES ENTRE ALUNOS SENTADOS.
- FICANDO DE PÉ NO SKATE COM AUXÍLIO.
- REALIZAR A REMADA COM AUXÍLIO.
- ANDAR DE SKATE EM DUPLAS.
- ANDANDO DE SKATE SEM AUXÍLIO.
- TREINAR A MANOBRA OLLIE.
- TEXTO E RODA DE CONVERSA SOBRE OS PRECONCEITOS SOFRIDOS POR SKATISTAS DEVIDO A SUA FILOSOFIA DE VIDA.
- REALIZAÇÃO DE MANOBRAS POR TODO O COLÉGIO
- CAMPEONATO DE SKATE NOS JOGOS INTERCLASSES

### **CATARSE:**

- RODA DE CONVERSA.
- AVALIAÇÃO ESCRITA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FUTEBOL

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE

CULTURA CORPORAL E MUNDO DO TRABALHO

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- PORQUE GERALMENTE OS MENINOS SÃO MAIS HABILIDOSOS QUE AS MENINAS NO FUTEBOL EM NOSSA REALIDADE?

- EXISTEM PAÍSES EM QUE O FUTEBOL É ESPORTE DE MULHERES?

- QUAL O MOTIVO DA DIFERENÇA SALARIAL ENTRE HOMENS E MULHERES NO ESPORTE E EM OUTRAS PROFISSÕES?

- A MAIOR PARTE DOS JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL DO BRASIL SE ENQUADRA EM QUAL FAIXA SALARIAL?

- A REALIDADE DIFUNDIDA PELA MÍDIA QUE RELACIONA JOGADORES A SALÁRIOS ASTRONÔMICOS CONDIZ COM A REALIDADE DA MAIORIA DOS JOGADORES PROFISSIONAIS?

- QUAIS AS FUNÇÕES EXISTENTES PARA QUE EXISTA A TRANSMISSÃO DE UM JOGO DE FUTEBOL.

- EXISTEM FUNÇÕES INTERESSANTES EM UMA PARTIDA DE FUTEBOL PARA ALÉM DE SER UM JOGADOR.

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- DIVISÃO DE GRUPOS DE TRABALHO PARA TREINAR OS FUNDAMENTOS E REALIZAR PEQUENOS JOGOS.

- REALIZAÇÃO DE JOGO MISTO COM REGRAS ADAPTADAS PARA FACILITAR O JOGO AOS ALUNOS COM MAIS DIFICULDADE TÉCNICA.

- REALIZAÇÃO DE JOGO DE MENINOS CONTRA MENINAS, COM REGRAS ADAPTADAS, COM O INTUITO DE EQUILIBRAR AS AÇÕES.

- TEXTO DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO /SEED (2006): O FUTEBOL PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS.

- EVENTO DE FUTEBOL COM OS ALUNOS REALIZANDO AS FUNÇÕES DE ATLETAS, TORCIDA, ARBITRAGEM, FILMAGEM, REPORTAGEM, JORNALISMO, FOTÓGRAFOS E EDITORES.

**CATARSE:**

- ELABORAÇÃO DE CARTAZ COM FOTOS, REPORTAGEM E SCORE DA PARTIDA.

- EDIÇÃO DE UM VÍDEO COM OS MELHORES MOMENTOS DA PARTIDA REALIZADA.

- RODA DE CONVERSA.
- AVALIAÇÃO ESCRITA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

SLACKLINE

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- EM QUE LOCAL AS PESSOAS ANDAM NO SLACKLINE EM MARINGÁ?
- QUAL A ALTURA ADEQUADA PARA COLOCAR O SLACKLINE?
- COMO INSTALAR O SLACKLINE?
- EXISTEM MANOBRAS QUE PODEM SER REALIZADAS NO SLACKLINE?
- QUAL A POSTURA QUE FAVORECE O EQUILÍBRIO SOBRE A FITA DE SLACKLINE?
- QUAL O PREÇO DE UMA FITA DE SLACKLINE?
- EXISTE MATERIAL ALTERNATIVO E COM PREÇO MAIS ACESSÍVEL PARA PRATICAR O SLACKLINE?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- APRESENTAÇÃO DE SLIDES PARA EXPLICAR COMO COLOCAR A FITA E A TÉCNICA CORRETA PARA ANDAR SOBRE A FITA.
- ESCOLHENDO O LOCAL E COLOCANDO A FITA NAS ÁRVORES ESCOLHIDAS.
- TREINANDO A POSTURA PARA SE MANTER EQUILIBRADO SOBRE A FITA.
- ANDAR SOBRE A FITA COM O AUXÍLIO QUANDO NECESSÁRIO DE UM COMPANHEIRO DE TURMA.
- ANDAR SOBRE A FITA SEM AUXÍLIO, A MAIOR DISTÂNCIA POSSÍVEL.

**CATARSE:**

- TRANSMITIR O APRENDIZADO DA TÉCNICA AOS ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FRISBEE

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E DESPORTIVIZAÇÃO

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- ONDE POSSO PRATICAR O JOGO DE FRISBEE?
- O VENTO INFLUENCIA A DIREÇÃO DO FRISBEE?
- O PREÇO DO FRISBEE É ACESSÍVEL?

- QUAL O PESO DO FRISBEE OFICIAL?
- O QUE O PESO DO FRISBEE INFLUENCIA EM SEU LANÇAMENTO?
- POR QUE O JOGO DE FRISBEE NÃO TEM ÁRBITRO?
- QUAL O MOTIVO DOS JOGADORES RESPEITAREM AS REGRAS MESMO SEM ARBITRAGEM?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- VÍDEOS DO JOGO DE FRISBEE.
- DEBATE SOBRE O RESPEITO AS REGRAS EM UM ESPORTE SEM ÁRBITRO.
- ENSINANDO AS REGRAS DO FRISBEE.
- TREINAMENTO DAS REGRAS, TÁTICAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO ESPORTE.
- PRÁTICA DO FRISBEE.
- VIVÊNCIA DO FRISBEE FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

**CATARSE:**

- AVALIAÇÃO ESCRITA.
- RODA DE CONVERSA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FUTEBOL AMERICANO

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E SAÚDE

CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- EXISTEM TIMES DE FUTEBOL AMERICANO EM MARINGÁ?
- EXISTEM TIMES DE FUTEBOL AMERICANO FEMININO?
- AS PANCADAS SOFRIDAS NA CABEÇA PODEM CAUSAR LESÕES NOS JOGADORES DE FUTEBOL AMERICANO? QUAL A SERIEDADE DESTAS LESÕES?
- O QUE É UMA CONCUSSÃO?
- QUAIS OS ESPORTES EM QUE MAIS EXISTEM CASOS DE CONCUSSÃO?
- QUAIS AS OUTRAS LESÕES ESPORTIVAS SÃO MAIS COMUNS NO MEIO ESPORTIVO?
- ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO NECESSARIAMENTE É SAUDÁVEL AOS SEUS PRATICANTES?
- POR QUE EXISTEM JOGADORES GORDOS E JOGADORES MAGROS NO FUTEBOL AMERICANO?
- QUAL A PONTUAÇÃO E AS REGRAS DO FUTEBOL AMERICANO?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**



- ASSISTIR VÍDEOS DE JOGOS DE FUTEBOL AMERICANO MASCULINO E FEMININO, JOGOS DA NFL (NATIONAL FOOTBALL LEAGUE) E DA BFA (BRASIL FUTEBOL AMERICANO) E EXECUÇÃO DOS FUNDAMENTOS.

- RODA DE CONVERSA SOBRE A VESTIMENTA INADEQUADA DAS MULHERES NOS JOGOS DE FUTEBOL AMERICANO FEMININO E A DESVALORIZAÇÃO DAS MULHERES, VISTAS APENAS COMO OBJETOS SEXUAIS E NÃO COMO ATLETAS NOS ESTADOS UNIDOS.

- EXPLICAÇÃO DAS REGRAS, FUNDAMENTOS E PONTUAÇÕES DO FUTEBOL AMERICANO.

- APRENDIZADO DE CADA UM DOS FUNDAMENTOS POR MEIO DE EXERCÍCIOS ESPECÍFICOS.

- EXERCÍCIOS DO JOGO FRAGMENTADO.

- VIVÊNCIA DO JOGO DE FUTEBOL AMERICANO.

- EXPLICAÇÃO E VÍDEOS SOBRE A LESÃO CONHECIDA COMO CONCUSSÃO, A QUAL DESENCADEIA A DOENÇA ENCEFALOPATIA TRAUMÁTICA CRÔNICA (ETC).

- ASSISTIR O FILME UM HOMEM ENTRE GIGANTES.

- PRODUZIR UMA RESENHA CRÍTICA SOBRE O FILME.

- VÍDEOS DE ATLETAS DE BOXE, FUTEBOL AMERICANO, RUGBY, FUTEBOL E BEISEBOL SOFRENDO CONCUSSÕES.

- DEBATE SOBRE A FALTA DE PROTOCOLOS E CONHECIMENTO SOBRE A CONCUSSÃO NO BRASIL.

**CATARSE:**

- RESENHA CRÍTICA DO FILME UM HOMEM ENTRE GIGANTES.

- AVALIAÇÃO ESCRITA.

- RODA DE CONVERSA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

IMC (ÍNDICE DE MASSA CORPORAL) E DISTÚRPIO DE IMAGEM CORPORAL

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL E CORPO

CULTURA CORPORAL E SAÚDE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- COMO CALCULAR O IMC?

- O IMC É UM ÍNDICE DE ALTA FIDEDIGNIDADE PARA ANÁLISE DA DESNUTRIÇÃO E OBESIDADE?

- PORQUE OS ALUNOS OBESOS NÃO GOSTAM DE SE PESAR EM PÚBLICO?

- PORQUE ALGUMAS PESSOAS SE ENXERGAM MAIS GORDAS OU FRACAS DO QUE REALMENTE SÃO?

- QUAL A PRESSÃO SOCIAL EXISTENTE PARA QUE AS PESSOAS SIGAM UM PADRÃO DE BELEZA?

- QUAL O PADRÃO DE BELEZA EXISTENTE EM NOSSA SOCIEDADE E QUEM ESTABELECE ESTE PADRÃO?

- O PADRÃO DE BELEZA REPRESENTADO PELO CORPO MAGRO OU FORTE SEMPRE REPRESENTOU O PADRÃO DE BELEZA EM TODAS AS ÉPOCAS E CIVILIZAÇÕES?

- QUAIS AS DOENÇAS COMUMENTE CAUSADAS PELO DISTÚRPIO DE IMAGEM CORPORAL?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- MENSURAÇÃO DO PESO E ALTURA DOS ALUNOS (DADOS REQUERIDOS PELA SEED)

- ENSINANDO O CÁLCULO DO IMC E SUAS CLASSIFICAÇÕES.

- CALCULANDO E CLASSIFICANDO SEU IMC.

- CONVERSA SOBRE O DESCONFORTO DE ALGUNS ALUNOS SE PESAREM EM PÚBLICO.

- APRESENTAÇÃO DE SLIDES E DEBATE SOBRE O DISTÚRPIO DE IMAGEM CORPORAL, ANOREXIA, BULIMIA E VIGOREXIA.

**CATARSE:**

- AVALIAÇÃO ESCRITA.

- RODA DE CONVERSA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FREQUÊNCIA CARDÍACA

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL E SAÚDE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- QUAIS OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA?

- QUAL O MOTIVO DE MENSURAR MINHA FREQUÊNCIA CARDÍACA?

- QUAL A RELAÇÃO EXISTENTE ENTE FREQUÊNCIA CARDÍACA E INTENSIDADE DO EXERCÍCIO?

- COMO PREPARAR UM TREINAMENTO COM BASE NA FREQUÊNCIA CARDÍACA?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- ENSINAR A MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA MANUALMENTE, PELO FREQUENCÍMETRO E POR APLICATIVO DE CELULAR (INSTANT HEART HATE).

- VIVENCIAR A RELAÇÃO ENTRE A INTENSIDADE DOS EXERCÍCIOS E A FREQUÊNCIA CARDÍACA.

- ENSINAR A CALCULAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA MÁXIMA.

- CONCEITUALIZANDO E ENSINANDO A CALCULAR A ZONA ALVO DE TREINAMENTO E O OBJETIVO DE TREINAR DENTRO DE CADA ZONA.

- REALIZAR JOGOS E BRINCADEIRAS REALIZANDO A MENSURAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA.

- REALIZAR CAMINHADAS E CORRIDAS EM DIFERENTES INTENSIDADES FORA DO AMBIENTE ESCOLAR ANOTANDO AS FREQUÊNCIAS ENCONTRADAS.

**CATARSE:**

- TRABALHO TEÓRICO EM QUE O ALUNO DEVE COMPARAR SEUS RESULTADOS NOS EXERCÍCIOS REALIZADOS COM OS DEMAIS ALUNOS.

- AVALIAÇÃO ESCRITA.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

- ENTENDER A CULTURA E O HISTÓRICO QUE CERCA O PRECONCEITO RELACIONADO A PRÁTICA DE FUTEBOL POR MULHERES NO BRASIL.
- DEBATER SOBRE AS CONDIÇÕES GERAIS DE TRABALHO DOS JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL, CONTRAPONDO A VISÃO VALORIZADA PELA MÍDIA POR MEIO DOS DADOS SALARIAIS DOS JOGADORES EMITIDO ANUALMENTE PELA CBF.
- CONHECER AS PRINCIPAIS LESÕES QUE ACOMETEM LUTADORES E ESPORTISTAS, PRIORIZANDO A LESÃO CONHECIDA COMO ENCEFALOPATIA TRAUMÁTICA CRÔNICA (ETC) CAUSADA PELAS CONCUSSÕES, A QUAL SE FAZ PRESENTE NO FUTEBOL AMERICANO, NO MMA E NO FUTEBOL.
- ENTENDER E ANALISAR OS MOTIVOS DO PRECONCEITO E DA DESVALORIZAÇÃO DA PRÁTICA DO SKATE COMO LAZER EM NOSSA SOCIEDADE, OBSERVANDO O COMPORTAMENTO DOS SKATISTAS.
- APRENDER A MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA DAS MAIS DIVERSAS FORMAS (CELULAR, TATO, FREQUENCÍMETRO) E ENTENDER A RELAÇÃO DESTA COM O EXERCÍCIO FÍSICO, APRENDENDO A CONTROLAR A MESMA DURANTE A CAMINHADA E A CORRIDA.
- VIVENCIAR AS DIFERENTES MODALIDADES ESPORTIVAS, SE ENVOLVIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA PARTICIPAÇÃO COLETIVA E SOLIDÁRIA NOS JOGOS.
- ADQUIRIR CAPACIDADE TÉCNICA PARA PARTICIPAR COM FLUIDEZ DE ATIVIDADES FÍSICAS E JOGOS.

- COMPREENDER OS MOTIVOS DA PADRONIZAÇÃO DO CORPO NA SOCIEDADE ATUAL, BEM COMO A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DE DIFERENTES INDÚSTRIAS NESTE PROCESSO.
- ENTENDER COMO FOI SENDO MODIFICADO O MODELO DE CORPO IDEAL NO INTERIOR DE DIVERSAS CIVILIZAÇÕES, E PERCEBER COMO ESTES PADRÕES FORAM SE DESENVOLVENDO EM CADA ÉPOCA.
- INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA BASEADA NOS VALORES DE SOLIDARIEDADE, COLABORAÇÃO, COMPANHEIRISMO E RESPEITO.

### **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

- AULAS EXPOSITIVAS.
- VIVÊNCIA DE ATIVIDADES FÍSICAS VARIADAS.
- RODA DE CONVERSA.
- CONFECÇÃO DE CARTAZES.
- FILMES.
- PRÁTICAS REALIZADAS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR.

### **RECURSOS**

- BOLAS PARA DIVERSAS MODALIDADES ESPORTIVAS CONTIDAS NO PLANEJAMENTO.
- QUADRA.
- LIVRO DIDÁTICO.
- SKATE.
- SLACKLINE
- APITO.
- CELULAR.
- FREQUENCÍMETRO.
- BALANÇA.
- FITA MÉTRICA.
- FRISBEE.
- COLETES.
- PROJETOR.
- QUADRO.
- GIZ.

- CARTOLINA.

**APÊNDICE VII****PLANEJAMENTO DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA****TURMA: 3ª SÉRIE A – COLÉGIO RN****OBJETIVO GERAL:**

- PROPICIAR A AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E REFLEXÃO CRÍTICA SOBRE OS DIVERSOS COMPONENTES DA CULTURA CORPORAL DE MOVIMENTO.

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- INCLUIR TODOS OS ALUNOS NAS VIVÊNCIAS CORPORAIS, PRIORIZANDO A PARTICIPAÇÃO E COOPERAÇÃO FRENTE A COMPETIÇÃO EXACERBADA.
- EXPLICAR AS DIVERSAS MANIFESTAÇÕES DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO PRESENTES NO PLANEJAMENTO, A PARTIR DO CONTEXTO SOCIAL QUE A MANIFESTAÇÃO E O ALUNO ESTÃO INSERIDOS.
- VALORIZAR OS CONHECIMENTOS E CULTURA DO ALUNO.
- INCENTIVAR A CRIAÇÃO DE GRUPOS HETEROGÊNEOS, AFIM DE PROMOVER A CONVIVÊNCIA COM AS DIFERENÇAS, COMPREENDENDO AS LIMITAÇÕES DE CADA UM E RESPEITANDO A OPINIÃO DO OUTRO.
- PROMOVER E INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO DE TODOS OS ALUNOS NOS DEBATES SOBRE OS MAIS VARIADOS TEMAS, VALORIZANDO A OPINIÃO DE CADA UM, INTERVINDO NA BUSCA DA AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS MAIS ELABORADOS SOBRE CADA TEMA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FUTEBOL

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE

CULTURA CORPORAL E MUNDO DO TRABALHO

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- PORQUE GERALMENTE OS MENINOS SÃO MAIS HABILIDOSOS QUE AS MENINAS NO FUTEBOL EM NOSSA REALIDADE?
- EXISTEM PAÍSES EM QUE O FUTEBOL É ESPORTE DE MULHERES?
- QUAL O MOTIVO DA DIFERENÇA SALARIAL ENTRE HOMENS E MULHERES NO ESPORTE E EM OUTRAS PROFISSÕES?
- A MAIOR PARTE DOS JOGADORES PROFISSIONAIS DE FUTEBOL DO BRASIL SE ENQUADRA EM QUAL FAIXA SALARIAL?
- A REALIDADE DIFUNDIDA PELA MÍDIA QUE RELACIONA JOGADORES A SALÁRIOS ASTRONÔMICOS CONDIZ COM A REALIDADE DA MAIORIA DOS JOGADORES PROFISSIONAIS?
- QUAIS AS FUNÇÕES EXISTENTES PARA QUE EXISTA A TRANSMISSÃO DE UM JOGO DE FUTEBOL.
- EXISTEM FUNÇÕES INTERESSANTES EM UMA PARTIDA DE FUTEBOL PARA ALÉM DE SER UM JOGADOR.

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- DIVISÃO DE GRUPOS DE TRABALHO PARA TREINAR OS FUNDAMENTOS E REALIZAR PEQUENOS JOGOS.
- REALIZAÇÃO DE JOGO MISTO COM REGRAS ADAPTADAS PARA FACILITAR O JOGO AOS ALUNOS COM MAIS DIFICULDADE TÉCNICA.
- REALIZAÇÃO DE JOGO DE MENINOS CONTRA MENINAS, COM REGRAS ADAPTADAS, COM O INTUITO DE EQUILIBRAR AS AÇÕES.
- TEXTO DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO /SEED (2006): O FUTEBOL PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS.
- EVENTO DE FUTEBOL COM OS ALUNOS REALIZANDO AS FUNÇÕES DE ATLETAS, TORCIDA, ARBITRAGEM, FILMAGEM, REPORTAGEM, JORNALISMO, FOTÓGRAFOS E EDITORES.

**CATARSE:**

- ELABORAÇÃO DE CARTAZ COM FOTOS, REPORTAGEM E SCORE DA PARTIDA.
- EDIÇÃO DE UM VÍDEO COM OS MELHORES MOMENTOS DA PARTIDA REALIZADA.
- RODA DE CONVERSA.

<b>CONTEÚDO ESPECÍFICO:</b> SLACKLINE
<b>ELEMENTO ARTICULADOR:</b> CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA
<b>PROBLEMATIZAÇÃO:</b> - EM QUE LOCAL AS PESSOAS ANDAM NO SLACKLINE EM MARINGÁ? - QUAL A ALTURA ADEQUADA PARA COLOCAR O SLACKLINE? - COMO INSTALAR O SLACKLINE? - EXISTEM MANOBRAS QUE PODEM SER REALIZADAS NO SLACKLINE? - QUAL A POSTURA QUE FAVORECE O EQUILÍBRIO SOBRE A FITA DE SLACKLINE? - QUAL O PREÇO DE UMA FITA DE SLACKLINE? - EXISTE MATERIAL ALTERNATIVO E COM PREÇO MAIS ACESSÍVEL PARA PRATICAR O SLACKLINE?
<b>INSTRUMENTALIZAÇÃO:</b> - APRESENTAÇÃO DE SLIDES PARA EXPLICAR COMO COLOCAR A FITA E A TÉCNICA CORRETA PARA ANDAR SOBRE A FITA. - ESCOLHENDO O LOCAL E COLOCANDO A FITA NAS ÁRVORES ESCOLHIDAS. - TREINANDO A POSTURA PARA SE MANTER EQUILIBRADO SOBRE A FITA. - ANDAR SOBRE A FITA COM O AUXÍLIO QUANDO NECESSÁRIO DE UM COMPANHEIRO DE TURMA. - ANDAR SOBRE A FITA SEM AUXÍLIO, A MAIOR DISTÂNCIA POSSÍVEL.
<b>CATARSE:</b> - TRANSMITIR O APRENDIZADO DA TÉCNICA AOS ALUNOS DO 9º ANO DO COLÉGIO.

<b>CONTEÚDO ESPECÍFICO:</b> FRISBEE
<b>ELEMENTO ARTICULADOR:</b> CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA CULTURA CORPORAL E DESPORTIVIZAÇÃO
<b>PROBLEMATIZAÇÃO:</b> - ONDE POSSO PRATICAR O JOGO DE FRISBEE? - O VENTO INFLUENCIA A DIREÇÃO DO FRISBEE? - O PREÇO DO FRISBEE É ACESSÍVEL? - QUAL O PESO DO FRISBEE OFICIAL? - O QUE O PESO DO FRISBEE INFLUENCIA EM SEU LANÇAMENTO?



<ul style="list-style-type: none"> <li>- POR QUE O JOGO DE FRISBEE NÃO TEM ÁRBITRO?</li> <li>- QUAL O MOTIVO DOS JOGADORES RESPEITAREM AS REGRAS MESMO SEM ARBITRAGEM?</li> </ul>
<p><b>INSTRUMENTALIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- VÍDEOS DO JOGO DE FRISBEE.</li> <li>- DEBATE SOBRE O RESPEITO AS REGRAS EM UM ESPORTE SEM ÁRBITRO.</li> <li>- ENSINANDO AS REGRAS DO FRISBEE.</li> <li>- TREINAMENTO DAS REGRAS, TÁTICAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS DO ESPORTE.</li> <li>- PRÁTICA DO FRISBEE.</li> <li>- VIVÊNCIA DO FRISBEE FORA DO AMBIENTE ESCOLAR</li> </ul>
<p><b>CATARSE:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- RODA DE CONVERSA.</li> </ul>

<p><b>CONTEÚDO ESPECÍFICO:</b></p> <p>RUGBY</p>
<p><b>ELEMENTO ARTICULADOR:</b></p> <p>CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA</p> <p>CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE</p>
<p><b>PROBLEMATIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- EXISTE TIME DE RUGBY MASCULINO E FEMININO EM MARINGÁ? ONDE O TIME TREINA?</li> <li>- PODEM TREINAR PESSOAS DE QUALQUER IDADE?</li> <li>- O QUE SIGNIFICA O TERMO “TERCEIRO TEMPO” NO RUGBY?</li> <li>- QUAIS OS VALORES HUMANOS TRANSMITIDOS COM A REALIZAÇÃO DO “TERCEIRO TEMPO”?</li> <li>- PORQUE A BOLA NÃO PODE SER LANÇADA PARA FRENTE COM AS MÃOS?</li> </ul>
<p><b>INSTRUMENTALIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- VÍDEOS COM JOGADAS DO RUGBY.</li> <li>- EXPLICAÇÃO DOS FUNDAMENTOS E REGRAS DO RUGBY.</li> <li>- REALIZAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE LANÇAMENTO E RECEPÇÃO.</li> <li>- REALIZAÇÃO DE JOGOS REDUZIDOS.</li> <li>- VIVÊNCIA DO JOGO COMPLETO DE RUGBY.</li> <li>- ASSISTINDO VÍDEO COMPARANDO A RIVALIDADE NO JOGO E O TERCEIRO TEMPO DO RUGBY, DEMONSTRANDO A VALORIZAÇÃO AO RESPEITO, INTEGRIDADE E COLABORAÇÃO ENTRE OS ATLETAS.</li> </ul>
<p><b>CATARSE:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- RODA DE CONVERSA</li> </ul>

- REDAÇÃO.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

IMC (ÍNDICE DE MASSA CORPORAL) E DISTÚRBO DE IMAGEM CORPORAL

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL E CORPO

CULTURA CORPORAL E SAÚDE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- COMO CALCULAR O IMC?
- O IMC É UM ÍNDICE DE ALTA FIDEDIGNIDADE PARA ANÁLISE DA DESNUTRIÇÃO E OBESIDADE?
- PORQUE OS ALUNOS OBESOS NÃO GOSTAM DE SE PESAR EM PÚBLICO?
- PORQUE ALGUMAS PESSOAS SE ENXERGAM MAIS GORDAS OU FRACAS DO QUE REALMENTE SÃO?
- QUAL A PRESSÃO SOCIAL EXISTENTE PARA QUE AS PESSOAS SIGAM UM PADRÃO DE BELEZA?
- QUAL O PADRÃO DE BELEZA EXISTENTE EM NOSSA SOCIEDADE E QUEM ESTABELECE ESTE PADRÃO?
- O PADRÃO DE BELEZA REPRESENTADO PELO CORPO MAGRO OU FORTE SEMPRE REPRESENTOU O PADRÃO DE BELEZA EM TODAS AS ÉPOCAS E CIVILIZAÇÕES?
- QUAIS AS DOENÇAS COMUMENTE CAUSADAS PELO DISTÚRBO DE IMAGEM CORPORAL?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- MENSURAÇÃO DO PESO E ALTURA DOS ALUNOS (DADOS REQUERIDOS PELA SEED)
- ENSINANDO O CÁLCULO DO IMC E SUAS CLASSIFICAÇÕES.
- CALCULANDO E CLASSIFICANDO SEU IMC.
- CONVERSA SOBRE O DESCONFORTO DE ALGUNS ALUNOS SE PESAREM EM PÚBLICO.
- APRESENTAÇÃO DE SLIDES E DEBATE SOBRE O DISTÚRBO DE IMAGEM CORPORAL, ANOREXIA, BULIMIA E VIGOREXIA.

**CATARSE:**

- RODA DE CONVERSA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

FREQUÊNCIA CARDÍACA

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL E SAÚDE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- QUAIS OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PARA MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA?

<ul style="list-style-type: none"> <li>- QUAL O MOTIVO DE MENSURAR MINHA FREQUÊNCIA CARDÍACA?</li> <li>- QUAL A RELAÇÃO EXISTENTE ENTE FREQUÊNCIA CARDÍACA E INTENSIDADE DO EXERCÍCIO?</li> <li>- COMO PREPARAR UM TREINAMENTO COM BASE NA FREQUÊNCIA CARDÍACA?</li> </ul>
<p><b>INSTRUMENTALIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ENSINAR A MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA MANUALMENTE, PELO FREQUENCÍMETRO E POR APLICATIVO DE CELULAR (INSTANT HEART HATE).</li> <li>- VIVENCIAR A RELAÇÃO ENTRE A INTENSIDADE DOS EXERCÍCIOS E A FREQUÊNCIA CARDÍACA.</li> <li>- ENSINAR A CALCULAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA MÁXIMA.</li> <li>- CONCEITUALIZANDO E ENSINANDO A CALCULAR A ZONA ALVO DE TREINAMENTO E O OBJETIVO DE TREINAR DENTRO DE CADA ZONA.</li> <li>- REALIZAR JOGOS E BRINCADEIRAS REALIZANDO A MENSURAÇÃO DA FREQUÊNCIA CARDÍACA.</li> <li>- REALIZAR CAMINHADAS E CORRIDAS EM DIFERENTES INTENSIDADES FORA DO AMBIENTE ESCOLAR ANOTANDO AS FREQUÊNCIAS ENCONTRADAS.</li> </ul>
<p><b>CATARSE:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- TRABALHO TEÓRICO EM QUE O ALUNO DEVE COMPARAR SEUS RESULTADOS NOS EXERCÍCIOS REALIZADOS COM OS DEMAIS ALUNOS.</li> </ul>

<p><b>CONTEÚDO ESPECÍFICO:</b></p> <p>MUSCULAÇÃO</p>
<p><b>ELEMENTO ARTICULADOR:</b></p> <p>CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA</p> <p>CULTURA CORPORAL E SAÚDE</p>
<p><b>PROBLEMATIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- QUAIS OS BENEFÍCIOS DA MUSCULAÇÃO?</li> <li>- QUAL A CARGA ADEQUADA PARA REALIZAR OS EXERCÍCIOS DA MUSCULAÇÃO?</li> <li>- QUAIS OS PROBLEMAS RELACIONADOS A REALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS COM A POSTURA INADEQUADA?</li> <li>- QUAL A IMPORTÂNCIA DE REALIZAR OS EXERCÍCIOS DA MUSCULAÇÃO COM A CARGA ADEQUADA?</li> <li>- QUAL A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PERIÓDICA?</li> <li>- QUAIS SUBSTÂNCIAS FAVORECEM A HIPERTROFIA?</li> <li>- EXISTEM DIFERENÇAS ENTRE SUPLEMENTOS ALIMENTARES E SUBSTÂNCIAS DOPANTES?</li> <li>- QUAIS OS EFEITOS COLATERAIS DA INJEÇÃO DE HORMÔNIOS PARA AUMENTAR A MUSCULATURA?</li> </ul>
<p><b>INSTRUMENTALIZAÇÃO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- ENSINANDO A CALCULAR A CARGA MÁXIMA.</li> </ul>

- TEXTO EXPLICATIVO SOBRE O OBJETIVO DA REALIZAÇÃO DA MUSCULAÇÃO PARA CADA PESSOA (HIPERTROFIA, EVITAR LESÕES, MELHORAR RESULTADO ESPORTIVO, ETC.).

- VISITA A ACADEMIA DE GINÁSTICA.

- AULA EXPOSITIVA SOBRE SUPLEMENTAÇÃO E DOPING.

**CATARSE:**

- RODA DE CONVERSA.

**CONTEÚDO ESPECÍFICO:**

VOLEIBOL

**ELEMENTO ARTICULADOR:**

CULTURA CORPORAL – TÉCNICA E TÁTICA

CULTURA CORPORAL E DIVERSIDADE

**PROBLEMATIZAÇÃO:**

- PORQUE TENHO DIFICULDADE DE REALIZAR OS FUNDAMENTOS DO VOLEIBOL?

- POSSO ADAPTAR O JOGO A MINHAS DEFICIÊNCIAS TÉCNICAS?

- QUAIS OS PROBLEMAS DE REALIZAR MOVIMENTOS DE MANEIRA INADEQUADA?

- EM QUAIS SITUAÇÕES DO COTIDIANO NOSSA POSTURA FICA INCORRETA?

- PORQUE TRANSGÊNEROS PODEM PARTICIPAR DE ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO COM ATLETAS DE GÊNERO DIFERENTE DO QUE ELE NASCEU?

**INSTRUMENTALIZAÇÃO:**

- FILMAGEM DO TOQUE E MANCHETE DE CADA ALUNO.

- ANÁLISE DO TOQUE E MANCHETE POR MEIO DE VÍDEOS E FOTOS EXPLICATIVAS.

- ENSINANDO A MENSURAR OS ÂNGULOS ENTRE ARTICULAÇÕES E ENTRE MEMBROS E PLANOS CORPORAIS.

- REALIZAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE CORREÇÃO DO TOQUE E MANCHETE ADAPTADOS AO NÍVEL DE CADA ALUNO DA TURMA.

- APRESENTAÇÃO DE SLIDES SOBRE POSTURA INCORRETA NO COTIDIANO E SUA RELAÇÃO COM POSSÍVEIS LESÕES E ALTERAÇÕES CORPORAIS.

- TEXTO E VÍDEOS SOBRE A ATLETA TRANSGÊNERO TIFFANY, PESSOAS QUE DEFENDEM E PESSOAS QUE CONDENAM SUA PRESENÇA NO VOLEIBOL PROFISSIONAL FEMININO.

- REPORTAGEM DO GLOBO REPORTER SOBRE TRANSGÊNEROS.

- APRESENTAÇÃO DE OUTROS CASOS DE TRANSGÊNEROS NO ESPORTE.

**CATARSE:**

- REDAÇÃO.

- SEMINÁRIO.
- RODA DE CONVERSA.

## **OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM**

- COMPREENDER O CONTEXTO DA PRESENÇA DE TRANSGÊNEROS E TRANSEXUAIS NAS ATIVIDADES ESPORTIVAS DE LAZER E PROFISSIONAIS NOS DIAS DE HOJE.
- ENTENDER A CULTURA E O HISTÓRICO QUE CERCA O PRECONCEITO RELACIONADO A PRÁTICA DE FUTEBOL POR MULHERES NO BRASIL.
- DEBATER SOBRE AS CONDIÇÕES GERAIS DE TRABALHO DOS JOGADORES DE FUTEBOL NO BRASIL, CONTRAPONDO A VISÃO DA MÍDIA POR MEIO DOS DADOS SALARIAIS DOS JOGADORES EMITIDO ANUALMENTE PELA CBF.
- CONHECER AS PRINCIPAIS LESÕES QUE ACOMENTEM LUTADORES E ESPORTISTAS, PRIORIZANDO A LESÃO CONHECIDA COMO ENCEFALOPATIA TRAUMÁTICA CRÔNICA (ETC) CAUSADA PELAS CONCUSSÕES, A QUAL ESTÁ MAIS PRESENTE NO FUTEBOL AMERICANO, NO MMA E NO FUTEBOL.
- ENTENDER E ANALISAR OS MOTIVOS DO PRECONCEITO E DA DESVALORIZAÇÃO DA PRÁTICA DO SKATE COMO LAZER EM NOSSA SOCIEDADE, OBSERVANDO O COMPORTAMENTO DOS SKATISTAS.
- APRENDER A MENSURAR A FREQUÊNCIA CARDÍACA DAS MAIS DIVERSAS FORMAS (CELULAR, TATO, FREQUENCÍMETRO) E ENTENDER A RELAÇÃO DESTA COM O EXERCÍCIO FÍSICO, APRENDENDO A CONTROLAR A MESMA DURANTE A CAMINHADA E A CORRIDA.
- VIVENCIAR AS DIFERENTES MODALIDADES ESPORTIVAS, SE ENVOLVIMENTO NA CRIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PARA PARTICIPAÇÃO COLETIVA E SOLIDÁRIA NOS JOGOS.
- ADQUIRIR CAPACIDADE TÉCNICA PARA PARTICIPAR COM FLUIDEZ DE ATIVIDADES FÍSICAS E JOGOS.
- INCENTIVAR A PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA BASEADA NOS VALORES DE SOLIDARIEDADE, COLABORAÇÃO, COMPANHEIRISMO E RESPEITO.

- COMPREENDER OS MOTIVOS DA PADRONIZAÇÃO DO CORPO NA SOCIEDADE ATUAL, BEM COMO A INFLUÊNCIA DA MÍDIA E DE DIFERENTES INDÚSTRIAS NESTE PROCESSO.
- ENTENDER COMO FOI SENDO MODIFICADO O MODELO DE CORPO IDEAL DENTRO DE CADA SOCIEDADE, E PERCEBER COMO ESTES PADRÕES FORAM SE DESENVOLVENDO EM CADA ÉPOCA.
- PERCEBER COMO O USO DE ANABOLIZANTES E SUPLEMENTOS ALIMENTARES SENDO FEITO DE FORMA INDISCRIMINADA, PODE PROVOCAR SÉRIOS PROBLEMAS A SAÚDE.
- ANALISAR O CONTEXTO DE ALGUMAS ACADEMIAS COMO POTENCIALIZADORAS DESTES PRODUTOS DE UTILIZAÇÃO INDISCRIMINADA DESTES PRODUTOS.

### **ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

- AULAS EXPOSITIVAS.
- PRÁTICAS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR.
- VIVÊNCIA DE ATIVIDADES FÍSICAS VARIADAS.
- RODA DE CONVERSA.
- CONFECÇÃO DE CARTAZES.
- FILMES.

### **RECURSOS**

- BOLAS PARA DIVERSAS MODALIDADES ESPORTIVAS CONTIDAS NO PLANEJAMENTO.
- QUADRA.
- LIVRO DIDÁTICO.
- COLETES.
- APITO.
- FITA MÉTRICA.
- BALANÇA.
- CELULAR.
- PROJETOR.
- QUADRO.
- GIZ.

- CARTOLINA.